

OTÁVIO AUGUSTO DE ARAÚJO TAVARES

ENCANTAMENTO E DESENCANTAMENTO DO EDUCADOR

A DIALÉTICA NO PROCESSO DE ENSINO



editora**ifrn**

OTÁVIO AUGUSTO DE ARAÚJO TAVARES

ENCANTAMENTO E DESENCANTAMENTO DO EDUCADOR

A DIALÉTICA NO PROCESSO DE ENSINO



editora**ifrn**

Natal, 2019

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Abraham Weintraub

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Ariosto Antunes Culau



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor

Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo

Coordenadora da Editora IFRN
Kadydja Karla Nascimento Chagas

Conselho Editorial

Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Ana Paula Borba Costa
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anisia Karla de Lima Galvão
Carla Katarina de Monteiro Marques
Cláudia Battestin
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Fábio Alexandre Araújo dos Santos
Genoveva Vargas Solar
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior
José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
Jozilene de Souza

Jussara Benvindo Neri
Kadydja Karla Nascimento Chagas
Lenina Lopes Soares Silva
Luciana Maria Araújo Rabelo
Maria da Conceição de Almeida
Márcio Adriano de Azevedo
Nadir Arruda Skeete
Paulo de Macedo Caldas Neto
Ramon Evangelista dos Anjos Paiva
Regia Lúcia Lopes
Rejane Bezerra Barros
Rodrigo Luiz Silva Pessoa
Sílvia Regina Pereira de Mendonca
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Charles Bamam Medeiros de Souza

Revisão Linguística

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Prefixo editorial: 94137

Linha Editorial: Acadêmica

Série: Professus Litteratus

Disponível para *download* em:

<http://memoria.ifrn.edu.br>



editoraifrn

Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.

CEP: 59015-300, Natal-RN.

Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

Professus Litteratus

Integram a Série *Professus Litteratus* da Editora IFRN obras de caráter singular que contribuem para o conhecimento da história da educação profissional e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Com essas publicações, busca-se valorizar e socializar a qualidade da produção acadêmica, além de prestar o devido reconhecimento àqueles servidores com célebre atuação junto ao IFRN, por, no mínimo, 10 (dez) anos.

Dessa forma, contempla-se, anualmente, um servidor ativo ou aposentado, dentre os indicados pelo Reitor e/ou pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão que possuam obra de relevância institucional, nacional e/ou internacional, com contribuições para o desenvolvimento da educação, ciência, tecnologia e/ou cultura.



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.
É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

T231e Tavares, Otávio Augusto de Araújo.
Encantamento e desencantamento do educador: a dialética do processo de ensino / Otávio Augusto de Araújo Tavares; projeto gráfico, diagramação e capa Charles Bamam Medeiros de Souza; coordenação de revisão textual Rodrigo Luiz Silva Pessoa; revisão linguística Rodrigo Luiz Silva Pessoa. – Natal: IFRN, 2019.
176 p.

ISBN: 978-85-94137-80-7

1. Educação – Brasil. 2. Educador. 3. Práticas educativas. I. Tavares, Otávio Augusto de Araújo. II. Título.

CDU 37

Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 7

DEDICATÓRIA 12

AGRADECIMENTOS 13

INTRODUÇÃO 15

1.1 ORGANIZAÇÃO DO LIVRO 15

1.2 ÂMBITO DA PROBLEMÁTICA 20

1.3 OBJETO DE ESTUDO 22

1.4 OBJETIVOS E PERCURSO METODOLÓGICO 25

ENCANTAMENTO E DESENCANTAMENTO

DO EDUCADOR 69

2.1 A INTELECÇÃO DO DOCENTE E O PROCESSO DE
ENCANTAMENTO E OU DESENCANTAMENTO DO
EDUCADOR 132

PERSPECTIVAS PARA O REENCANTAMENTO

DO EDUCADOR 141

CONSIDERAÇÕES FINAIS 155

REFERÊNCIAS 159

POSFÁCIO 171

PREFÁCIO

Na história humana, toda mudança substancial se deveu, sobretudo, à ousadia de alguns indivíduos e às atitudes marcadas pela obstinação em construir novos caminhos. É possível afirmar também que, sem otimismo e esperança, pouco de novo acontece.

Na educação, em particular, é de um sujeito alimentado pelo otimismo e esperança que se pode esperar uma reformulação das práticas docentes em bases integradoras, transdisciplinares e complexas. É sobretudo por meio de sujeitos implicados na experiência da diversidade – real, imaginal, existencial e estética – que podem vir à tona construções narrativas reorganizadoras da sociedade-mundo em novos patamares.

Mesmo que a educação não possa, por si só, resolver todos os problemas do mundo, é necessário lembrar que o professor tem mais poder do que imagina na construção do modo de pensar, compreender e atuar no mundo por parte dos seus alunos.

O desencadear de uma sensibilidade mais plena do sujeito diante de si e do mundo talvez seja um dos princípios fundamentais a resguardar para fazer nascer um outro modo de convívio social, de viver, de conhecer, de fazer ciência, de ser educador.

Porém, sabemos bem que a abertura dos vetores de uma sensibilidade mais plena não emerge (principalmente, preferencialmente, nem unicamente) das

reformulações teóricas, pragmáticas, conceituais, metodológicas, nem dos abstratos planos educacionais e projetos político-pedagógicos por si sós. Essa abertura certamente emergirá de sujeitos que se exercitem como implicados no mundo; na teia da vida; no conjunto social; na construção mítica; nos desmandos da civilização; na poética da natureza; no destino da espécie; na servidão dos despossuídos das benesses do progresso; na curiosidade das crianças; nas provocações das artes e na obstinação, sem trégua, de nossa parte, para projetar e fazer acontecer uma convivência humana mais feliz.

Dessa perspectiva, cabe à educação científica/humanística o desafio de construir coletivamente um ideário de sociedade pautado pelos princípios da multiplicidade, da diversidade e da troca mais solidária das experiências entre professores e alunos – ambos pesquisadores da existência em suas múltiplas expressões, singularidades e escalas.

Construir coletivamente quer dizer facilitar a expressão das experiências que são, todas elas, múltiplas e unas, diversas e marcadas pela semelhança. A escola, como um lugar privilegiado de experimentação e reconstrução da cultura pode, e deve, facilitar uma aprendizagem mestiça, capaz de transformar vivências singulares em configurações mais simbólicas e tecidas sob o signo do afeto, do acolhimento e da cumplicidade.

Este livro é produto de uma tese de doutorado defendida no ano de 2000, no espaço do consolidado Programa de Pós-Graduação em Educação da Univer-

cidade Federal do Rio Grande do Norte – o segundo programa de pós-graduação dessa instituição, hoje com 60 anos.

Lá se vão quase 20 anos da escritura original deste trabalho. Eu estava lá naquela sala superlotada de gente. Pude sentir o fervor com o qual o candidato a doutor defendia suas ideias, reafirmava os fundamentos e propósitos do pensamento complexo, de uma educação capaz de religar prosa e poesia, de alimentar nos estudantes a pulsão de Eros, como sugere Edgar Morin.

No domínio da produção da cultura científica, vinte anos servem bem para avaliar a atualidade das ideias de um pesquisador ou, ao contrário, para considerá-las ultrapassadas, em estado de necrose. Na nossa vida biológica, tanto quanto na vida das ideias (na noologia), uma mesma característica do vetor do tempo se coloca: quase tudo é biodegradável, mesmo que, para o pensamento complexo, a dialogia entre biodegradabilidade e regeneração seja uma aposta e um desafio. Não é essa a dinâmica dos seres vivos que sofrem o processo de metamorfose? Com as nossas ideias acontece o mesmo, desde que, é claro, exercitemos como que uma aeróbica dos neurônios e cultivemos uma razão aberta, uma ecologia das ideias e das ações.

O texto “Encantamento e Desencantamento do Educador: a dialética no processo de ensino”, de Otávio Augusto Tavares, resistiu ao tempo e se torna público num momento mais do que oportuno para falar dos ideários de uma educação capaz de reaver as

reservas de humanidade, de convivialidade, de justiça social e de reencantamento do educador.

Entre o original da Tese e este livro há pequenas mudanças e metamorfoses. Nessa trajetória, permanece o que é invariante na prática educativa dos professores de qualquer lugar do mundo: a oscilação entre o desânimo frente as adversidades do cotidiano e a obstinação em manter a esperança num mundo melhor. Dito de outro modo, quando Otávio escolheu se ater a uma reflexão sobre o encantamento e desencantamento do educador, ele se pôs no âmago de um fluxo ambivalente e universal de todos os *sapiens-demens* – o ato de se encantar e se desencantar com o mundo, com a vida, consigo mesmo.

As ideias, provocações e proposições defendidas pelo autor demonstram que suas convicções (sempre abertas, incertas e parciais) se assemelham a um termômetro que resistiu às altas temperaturas dos des-caminhos pelos quais tem passado a educação nos últimos anos. Mas resistiu também às baixas temperaturas do perverso e frio projeto capitalista orquestrado sobretudo pela monocultura da mente (Vandana Shiva) e por uma educação bancária (Paulo Freire).

Diante do descaso e, sobretudo hoje no Brasil, do obstinado projeto de desmonte e desclassificação da educação, são mais do que oportunas as reflexões desdobradas aqui por Otávio Tavares. Seu diálogo com pensadores insatisfeitos com a concepção de uma educação reduzida à formação de cidadãos para o mercado de trabalho se constitui como um cardá-

pio de esperança. Somente um professor encantado e que resiste à crueldade do mundo pode lançar mão de um apelo que é, ao mesmo tempo, um desafio. A exemplo de como se declara Ilya Prigogine, na Carta para as futuras gerações, o autor deste livro é também um otimista. E, como se fosse para consagrar o ditado popular que diz “filho de peixe, peixinho é”, ele parece manter acesa a chama do encantamento de seu pai – um queridíssimo professor de biologia da cidade de Natal na década de 1960.

Com uma experiência intensa, exemplar e ousada nos espaços educacionais – seja como professor de ensino fundamental e universitário, movido sempre pela alegria e cumplicidade com seus alunos; seja como gestor capaz de acionar os princípios humanísticos de uma formação integral em meio às estruturas burocráticas do “sistema”; seja como mentor ou colaborador de grandes projetos latinoamericanos, com vistas a compartilhar experiências brasileiras exitosas, Otávio Augusto Tavares é uma ode à palavra Educador.

“Encantamento e Desencantamento do Educador” é um acontecimento narrativo de compartilhamento da boa utopia. De uma utopia possível e capaz de reencantar o educador.

Maria da Conceição Almeida
Grecom/UFRN

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Rodrigo, Vanessa e Raissa, pelo sentimento que nos une e que me faz vibrar de emoção.

À Graça Baracho, minha esposa, que contribuiu muito para meu reencantamento pessoal e profissional.

Aos filhos adotados no âmbito do histórico da minha vida, Ênio e Anna Rachel, aos genros Hagler, Luiz Eduardo, Bruno e Ladislau, à nora Manuella e netos Juarez Neto, Leticia, Enzo e Maria Eduarda, pela família que conseguimos construir.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho teve a colaboração de muitas pessoas, que contribuíram para que aspectos importantes pudessem ser acrescentados ou melhorados, a quem expresso meu eterno carinho e gratidão.

Às Professoras Doutoradas Jomária de Lima Alloufa e Maria Conceição de Almeida, pela competência técnica e política com base nas suas experiências acadêmicas, que orientaram formalmente o trabalho enquanto elaboração de tese de doutoramento do PPGE da UFRN.

Ao Professor Doutor *Honoris Causa* Edgar Morin, também participante do CRECON da UFRN, pela participação e incentivo em publicações que fizemos com a sua participação ao longo do desenvolvimento acadêmico.

Aos então colegas e companheiros do Grupo de Estudos da Complexidade da UFRN que, no processo de construção dos nossos trabalhos, dialogaram constantemente objetivando uma contribuição efetiva para cada um.

Ao IFRN, que através do seu Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, considerou relevante a nossa contribuição à Instituição para fazer jus à publicação na série da Editora do IFRN denominada de *Professus Litteratus*, que possibilitou a publicação deste livro.

À equipe da Editora IFRN que participou e colaborou com todo o processo de editoração do livro com competência, dedicação e responsabilidade e, em especial, a Rodrigo Pessoa e Charles Bamam.

1

INTRODUÇÃO

1.1 ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

Este livro é organizado com uma introdução, quatro capítulos e considerações finais. Na introdução, retomamos a discussão feita por ocasião da elaboração da nossa tese de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, concluído no ano 2000, evidenciando o quão atual se encontra a discussão feita sobre o encantamento e desencantamento do educador no desenvolvimento das ações de ensino, dando uma visão geral sobre o tema, o âmbito da problemática, o objeto de estudo, bem como seus objetivos e percurso metodológico construído no processo do seu desenvolvimento.

Assim, partindo do princípio de que a experimentação de novas visões do fazer científico opera uma metamorfose no ser humano e na sociedade, se constitui verdadeiro o desafio que necessita ser assumido

para que possamos encaminhar outras perspectivas para a humanidade com base na dialética do processo histórico-social.

Sabendo-se que os símbolos são construções históricas presentificadas nas diferentes sociedades, e que vivemos, mais do que nunca, nos dias de hoje, numa sociedade do símbolo, na qual o imaginário social cada vez mais tem sua presença porque integra a vida do homem, buscamos fazer um percurso de reflexão no qual ficasse explicitada uma outra maneira de abordar as representações. Mesmo aceitando que o homem produz a sua dimensão de existência material, compreendemos que, ao fazer isso, ele assume uma dinâmica de relações sociais na qual vai delimitando a forma de sua humanidade e esse sentido de existência vai assumindo significados variados de acordo com as diferentes maneiras de apreensão do mundo.

A maneira de entender o mundo tem por base o processo de produção e aquisição do conhecimento, que se efetiva a partir das percepções que o indivíduo tem do espaço que o rodeia. Essas percepções são expressas através de representações construídas pelo ser humano com o processo de aculturação e reelaboração, realizado com base na sistematização de informações obtidas e resinificadas no espectro que vai dos registros individuais às formatações coletivas, portanto societárias.

Convém ressaltar que estamos entendendo por percepção a maneira como um indivíduo entende o contexto socioeconômico, político, cultural e a forma como se situa na sociedade, envolvendo, pois, os as-

pectos psicobiológicos e antropológicos. Torna-se possível, assim, entender o dinamismo das representações e a finitude do conhecimento humano, e por isso que se assumiu, conforme situa Rosnay (1997), uma atitude de repúdio a toda a representação fechada, ou seja, aquela que não está aberta a outras formas de entendimento do mundo, já que as representações podem, quando confrontadas, evidenciar visões mais limitadas ou mais abertas e, no entendimento de Morin (1990), uma sociedade pode ser mais rica ou mais pobre em experiências para as pessoas. Nessa perspectiva, a nossa reflexão tem como ponto de partida um aprofundamento acerca do processo de construção do conhecimento expresso através das representações sobre o mundo, uma vez que há “uma incessante alternância entre representação e ação [a partir do] que um modelo conceptual pode evoluir”. (ROSNAY, 1997 p.19).

Com base nessa atitude de abertura, buscou-se compreender os referentes sociais de educadores de escolas públicas e privadas da cidade do Natal, objetivando dimensionar qualitativamente a maneira de perceber a educação desenvolvida pelos professores. Quando falamos em referentes sociais estamos, entendendo as marcas culturais impressas no ser humano e ou construídas por ele ao longo do processo da sua existência. Essa atividade permitiu que se buscasse ousar para além do normativo e do objetivo, o que nos possibilitou compreender que “o futuro nunca é dado na sua totalidade e ele só pode ser de-

terminado pelas opções dos homens empenhados em construir seu futuro”. (ROSNAY, 1997 p.253 e 254)

O futuro do educador depende, em grande parte, do seu fazer social, no qual ele deve demonstrar uma competência técnico-política para realizar a tarefa educativa de transmissão\construção do conhecimento e contribuir para o desenvolvimento de hábitos e atitudes mais sintonizados com uma “ecologia das ideias” (MORIN,1990, p. 20), tarefa inadiável que prefigura um novo estilo de vida na sociedade contemporânea. Dessa forma, quanto mais o educador for capaz de atingir pessoas de forma objetiva, sem excluir suas subjetividades, e desenvolver um processo de aprendizagem que tenha por base o saber científico, sem perder de vista uma perspectiva universalista que leve em conta o imaginário social, mais ele contribuirá para que o homem venha a ter clareza do sentido da sua existência no mundo.

Acreditamos ser necessário compreender o real para superá-lo de uma maneira qualitativa. Tal necessidade funda-se no fato de que

“nesse fantástico mundo dos códigos e das coisas, o homem sente-se estranho dentro do território que ele próprio criou, exilado de si mesmo. Parece não ter chances de se adaptar ao ritmo acelerado da barbárie tecnológica e, daí seu desencanto com a ciência e o mundo...” (CARVALHO, 1997, p. 47)

Centramos o nosso interesse numa reflexão que assumisse um encaminhamento mais alargado para tratar o problema da educação, pois introduzimos o lado subjetivo, através das representações, dos referentes sociais do educador quanto ao seu fazer pedagógico. Isso possibilitou avançar no processo de entendimento qualitativo das questões básicas do trabalhador da educação com clareza, porém sem que se tivesse uma atitude simplista de identificação dos problemas para buscar “culpados” da situação. Acima de tudo, realizou-se um exercício de enfrentamento de uma realidade para o fortalecimento de aspectos que, em geral, têm sido esquecidos quando se abordam os descaminhos da educação. Assim, não se percebeu apenas os problemas enfrentados pelo educador como a questão do nível salarial, condições materiais de trabalho, organização da escola, hierarquização da estrutura organizacional, necessidade da educação permanente para enfrentamento da evolução científica e tecnológica, ausência de uma política pública de nação de valorização do magistério e um plano de carreira condizente com os níveis de exigências, competências e habilidades a serem assumidas.

Entendemos que, ao ter essa postura, pusemos em questão uma maneira própria de encarar o fazer científico e o seu uso pela sociedade, juntamente com uma série de valores que vêm sendo legitimados na prática social, mas assumimos os riscos de ter efetivado uma apreciação com vieses, já que não podemos ficar completamente isentos dos valores subjetivos

através dos quais pensamos e encaramos o mundo. Acreditamos, assim, ter contribuído para a ampliação do entendimento quanto à aparente dicotomia encarada pelo ser humano ao se sentir encantado\desencantado, demonstrando que a bipolaridade contida na dinâmica da personalidade humana não deve ser buscada de forma dicotomizada e oposta, uma vez que essas atitudes\sentimentos não são excludentes. O homem, ao mesmo tempo, vivencia situações nas quais coexistem o encantamento e o desencantamento, que são necessários ao seu processo de crescimento e se constituem em ingredientes os quais dialogam permanentemente entre si, numa relação que inclui, simultaneamente, contradição, complementaridade e oposições instáveis.

Através da assunção de uma atitude de clareza desse posicionamento, é possível se definirem novos projetos existenciais para o ser humano nos quais estejam presentes esses elementos subjetivos e, dessa forma, ele possa “acessar a ideia de que a vida só é vida em conexão com outras vidas” (CARVALHO, 1997, p. 47) e que “existe, portanto, uma infinidade de futuros possíveis”. (ROSNAY, 1997, p. 234).

1.2 ÂMBITO DA PROBLEMÁTICA

A origem mais remota deste estudo encontra-se na nossa trajetória como pesquisador, a partir do momento em que tentamos compreender como o educador vem concebendo a educação e a sua prática pedagógica enquanto ação educativa formal.

O privilégio dessa temática teve a sua primeira expressão por ocasião do desenvolvimento da nossa dissertação de mestrado em aconselhamento psicopedagógico, defendida no final da década de setenta, intitulada “Níveis de auto realização do orientador educacional em relação à satisfação de necessidades básicas: um estudo nas cidades de Natal e Porto Alegre”. Esse tema, a nosso ver, já expressava uma preocupação com a questão da percepção que o educador tinha de si mesmo e da educação, bem como a sua implicação com um nível de comprometimento do trabalho que evidenciasse postura de encantamento e ou desencantamento, gerando a necessidade do reencantamento.

Em todo o mundo, a educação, marcada por um processo de construção de novos paradigmas de evolução, tornou-se um elemento de capital importância para o desenvolvimento socioeconômico das nações. Nesse sentido, é possível constatar que há entre os diversos segmentos sociais quase um consenso com respeito à relação íntima entre o aumento do nível educacional da população produtivamente capaz e a sua maior possibilidade para fazer frente aos problemas resultantes das novas necessidades das ocupações profissionais surgidas em função dos avanços da ciência e da tecnologia.

Desta forma, a educação depara-se com grandes desafios e dificuldades, ligadas ao seu financiamento; à igualdade de condições para a acessibilidade e o decorrer dos estudos; à capacitação de pessoal com base nas novas exigências do desenvolvimento científico e

tecnológico; ao desenvolvimento e a manutenção da qualidade no ensino, na pesquisa e na extensão; à empregabilidade de formandos e egressos; à autonomia de cada instituição; e ao acesso equitativo aos órgãos de fomento de pesquisa e de cooperação internacional.

Diante do exposto, fica claro que o papel das instituições de educação públicas e privadas é uma definição de grande relevância tanto para os países industrialmente desenvolvidos, para os que estão em vias de desenvolvimento e, especialmente, para aqueles que são pobres.

Estas questões ressaltam a importância de o educador estar motivado pelo que realiza junto aos seus alunos e no âmbito das instituições que trabalha, o que evidencia a sua postura profissional que pode contribuir para motivar ou não o alunado.

OBJETO DE ESTUDO

Este trabalho expressou, mais uma vez, que existe a preocupação da visão do educador sobre o seu desempenho profissional. Sendo assim, existem aqueles que procuram assumir outros referenciais teóricos e praticam outro tipo de abordagem que possa contribuir para uma compreensão mais ampla do problema do ensino e da aprendizagem. Essa maneira de entender o problema tem uma base científica nas ideias de Atlan (s/d), a partir da qual pudemos compreender que uma reflexão sobre a história e a prática das ciências permite que reconheçamos que os discursos científi-

cos, longe de serem objetivos e racionais, são na verdade, condicionados, ao mesmo tempo que caracterizam épocas das diferentes sociedades e suas linguagens.

Nesse retomar de reflexão, merece especial destaque a obra do pensador francês Morin (1990) sobre uma nova forma de olhar e de fazer ciência, dentro de um encaminhamento teórico que se filia a um paradigma emergente, pautado por uma percepção mais complexa de construção da ciência e, conseqüentemente, de um conhecimento da humanidade objetivado pelas representações do homem diante do mundo, o que prefigura um complexo processo de interação social. A nosso ver, esses referentes sociais ou elementos que integram as representações sociais com base nos “imprintings¹ culturais” nos dariam condições para compreender as expressões de encantamento e desencantamento do educador pelo seu trabalho.

Entendemos, dessa forma, que as representações expressam a maneira como as pessoas interpretam o mundo que as rodeia e do qual fazem parte. Trata-se de um processo de interação constante, no qual estão presentes tanto a influência sociocultural sobre os indivíduos como a possibilidade da interferência deles nos destinos deste mundo.

Portanto, a ideia deste estudo foi sendo construída a partir das leituras realizadas em trabalhos do

1 Imprinting é um termo da língua inglesa que tem como significado marca, cunho, impressão, carimbo, sinal, rubrica... aparece relacionado a conceitos da psicologia, da etologia e da genética. Dicionário da língua portuguesa.

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Representação Social (NEPERS) do Departamento de Educação da UFRN, hoje denominado de Centro de Educação, das discussões com pesquisadores integrantes do projeto de pesquisa “Educação e Linguagem: estudo dos seus mecanismos seletivos e discriminatórios” e dos resultados da pesquisa que concluímos sobre o uso de diferentes signos de linguagens por alunos e professores em sala de aula. Ainda contribuíram para a definição deste estudo nossa participação, desde o ano de 1994, as discussões do “Grupo Morin”, vinculado ao Mestrado de Ciências Sociais da UFRN, hoje denominado de GRECOM – Grupo de Estudos da Complexidade, que atende diferentes programas de pós-graduação.

Existem diferentes tipos de abordagem para as representações. A abordagem psicossocial tem priorizado a explicação das representações dentro de uma perspectiva da análise do comportamento do homem com base nas possibilidades e limitações do indivíduo em um contexto específico, explicitando a influência do processo social na formação e modificação das representações. A abordagem psicanalítica trabalha a questão das representações, evidenciando a importância da história de vida do indivíduo no processo de suas construções e de como ela expressa as marcas das experiências sobre as pessoas. A perspectiva universalista busca explicar o fenômeno da representação utilizando a ótica transdisciplinar, evidenciando a importância de aspectos determinantes e determinados pelas ordens física, química, biológica e cultural. Essa perspectiva

procura explicar a representação como um modo de objetivação do pensamento a partir da compreensão do processo de construção do conhecimento como objeto complexo. Assim, a linguagem é uma das formas de expressão do pensamento, e as representações, da maneira do pensamento objetivar-se.

Entre as diferentes abordagens sobre representação, encontramos algumas ideias que nos parecem fundamentais à sua compreensão enquanto objeto de estudo. Dessa forma, privilegiamos, na nossa reflexão, as ideias de diversos autores, tais como Morin (1990) e Alloufa (1986,1991), o que configura um processo de mestiçagem, no qual buscamos demonstrar a nossa apreensão e reelaboração sobre as diversas contribuições privilegiadas por nós neste trabalho.

1.4 OBJETIVOS E PERCURSO METODOLÓGICO

Portanto, partindo do pressuposto de que a escola é a instituição encarregada da transmissão do saber sistematizado às novas gerações e conhecendo a realidade das redes pública e privada de Natal referente aos aspectos físicos, materiais, financeiros e humanos, desenvolvemos uma pesquisa que buscasse conhecer as representações de professores da escola pública municipal e estadual e da escola privada localizada em áreas centrais e na periferia da referida cidade.

Este trabalho objetivou identificar os “*imprintings* culturais” mais significativos sobre a educação para o professor, de forma que pudéssemos ter uma

visão sobre os referentes sociais que o profissional do magistério assume a respeito da sua área de trabalho. Além da identificação de referentes sociais, propusemo-nos a elaborar perspectivas para o desenvolvimento de atitudes de reencantamento do educador pelo seu trabalho.

Entendemos que as determinações externas se referem a expressões culturais, sociais e históricas, e as internas dizem respeito aos determinismos intrínsecos ao próprio processo do conhecimento. A representação é o ponto de interconexão entre esses determinantes e expressa um certo estado de ser do pensamento objetivado pela linguagem. Nesse sentido, torna-se relevante analisar o papel das representações em uma determinada sociedade, segundo os diferentes segmentos sociais. Através do estudo das representações, é possível verificar como diversos elementos da vida social têm se configurado como estados que propiciam ora a “ordem”, ora a “desordem”, ora as duas ideias ao mesmo tempo.

A concepção de paradigma como um princípio organizador do conhecimento constitui elemento essencial na concepção moriniana. O paradigma, entendido como um sistema de condições a partir das quais as pessoas decodificam o mundo, pode funcionar prioritariamente como bloqueador de ideias, caso o indivíduo não perceba os conformismos a que estão submetidos e que funcionam como verdadeiros estereótipos.

As representações podem, por vezes, se constituir em “*imprintings* culturais”, ou seja, marcas inde-

léveis que uma dada sociedade humana imprime aos indivíduos. A expressão “*imprinting*”, Morin (1990) retoma de Konrad Lorenzi, que se refere, com esse termo, ao processo genético que condiciona a repetição e invariância. Para Morin (1990) existem, do ponto de vista social, verdadeiras marcas indeléveis que são impressas pela sociedade aos indivíduos que dela fazem parte. Essas marcas permitem a expressão de conhecimentos no sentido da acumulação e alargamento e ou a fixação invariante de algumas. Assim, uma sociedade pode apresentar diferentes características em relação às marcas culturais. Portanto, quanto maior alargamento nas marcas culturais, maior possibilidade de criação e riqueza de experiência; inversamente, quanto menor a variação, menor a possibilidade de criação e maior a exigência de submissão aos “*imprintings* culturais”.

As marcas culturais, quando organizadas em conceitos associados, formam um sistema de ideias que expressam valores, crenças, tradições, hábitos, costumes e maneira de viver de um povo em um determinado tempo e espaço. A representação social é, pois, um fenômeno que deve ser estudado para além de um domínio disciplinar restrito, porque tem sua origem na prática social e pode ser explicitada por diversas ciências. Considerando-se, assim, a perspectiva histórico-crítica das ações humanas, torna-se possível evidenciar as contrições sociais a partir de uma visão mais ampla e complexa do corpo social organizado, que determina o agir do homem e, ao mesmo tempo, é determinado por ele.

Dessa forma, com base nas concepções explicitadas anteriormente, privilegiaram-se para este estudo, as representações sociais de professores do ensino fundamental sobre educação, com vistas a verificar as suas expressões de encantamento e ou desencantamento, enquanto profissional, através do seu discurso. Nesse sentido, compreende-se que em cada indivíduo, ter-se-ia, simultaneamente “um coagulum” do núcleo\matriz representacional a respeito das práxis do educador e um fragmento que, bricolado a outros tantos fragmentos provenientes da interação com outros indivíduos, comporia o tecido por vezes rarefeito, por vezes compacto do conjunto das representações sobre o encantamento\desencantamento do educador. Assim, é da conjugação\superposição\aproximação\justaposição dos fragmentos dos discursos que se conforma e delinea uma totalidade aberta e inacabada, ou seja, existem “brechas” a serem permanentemente preenchidas. Isso constitui uma referência mais consistente porque é aberta à mutação do processo sócio histórico do campo representacional humano.

Trata-se, pois, de exercitar uma proposição metodológica que deve ser considerada como um operador cognitivo em sintonia com a ideia moriniana de que a importância do método precede a questões metodológicas e técnicas propriamente ditas. De fato, “nem a verificação empírica nem a verificação lógica são suficientes para estabelecer um fundamento certo para o conhecimento”. (MORIN, 1990, p. 18).

Nesta perspectiva, continua MORIN (1990, p. 28 e 29),

“de qualquer modo, na crise dos fundamentos e perante o desafio da complexidade do real, todo o conhecimento tem hoje necessidade de se refletir, reconhecer, situar, problematizar. A necessidade legítima de todo o cognoscente doravante, esteja ele onde estiver e qualquer que seja, deveria ser: nenhum conhecimento sem conhecimento do conhecimento”.

Portanto, torna-se necessário destacar que, para MORIN (1990, p. 29), a palavra método não significa metodologia.

“As metodologias são guias a priori que programam as investigações, ao passo que o método que se desprende ao longo do nosso caminhar será uma auxiliar da estratégia (a qual compreenderá ultimamente, é certo, segmentos programados, ou seja, metodológicos, mas comportará necessariamente descoberta e inovação”.

Dentro dessa concepção moraniana, mas entendendo a exigência da academia para níveis de trabalhos científicos desta natureza, consideramos a necessidade da definição de encaminhamentos metodológicos que permitissem a sua realização. Assim mesmo, é importante frisar que colocar o problema metodológico como uma via auxiliar para exercitar um pensamento complexo sobre uma temática multidimensional alerta-nos para levar em conta alguns procedimentos. Em

primeiro lugar, a cautela de não reduzir o conjunto das representações enumeradas nos discursos ao âmbito dos quadrantes das categorias de encantamento e ou desencantamento, que, se por um lado permitem dissecar os múltiplos significados inferidos pela ótica do pesquisador, com todos os riscos de suprimir nuances ou silêncios significativos, por outro, operam oposições intransponíveis em franco distanciamento com a prática social dos indivíduos. Em segundo lugar, a busca do rigor, entendido como melhor adequação e maior aproximação com os fenômenos, tal como eles se apresentam, impeliu-nos a abrir mão, ou seja, ultrapassar, toda e qualquer organização discursiva que imputasse coerência onde há ambiguidade; lógica onde há ambivalência e ambiguidade; consistência ou inconsistência, onde há complementaridade entre os dois termos.

A tarefa de mostrar os fragmentos discursivos em um todo aberto, requer, sem sombra de dúvidas, aproximá-los sem reduzir um termo a outro; relacioná-los fora da cadeia causa-efeito; enfim, bricolá-los numa tessitura que permita vislumbrar e compreender um outro patamar que não o previamente determinado. A bricolagem aqui é entendida como a tentativa de juntar materiais heteróclitos sem um projeto prévio de linearidade, cronologia ou causa e efeito.

A explicitação de um método complexo, pela via da narrativa discursiva sobre as representações dos educadores, deve, pois, em síntese, procurar livrar-se\ distanciar-se de duas “tentativas metodológicas”: o determinismo das posições metodológicas apriorísticas

e o arremate, ou seja, uma fixação na síntese forçada, das análises e interpretações *ad hoc*. Portanto, foi usando o caminho de análises de elementos\fragmentos como um meio, na escrita da polifonia dos discursos, que empreendemos nossa trilha metodológica.

Tentando, pois, assumir essa postura, definimos o contexto do estudo que foi empreendido para compor uma parte deste trabalho. Nesse sentido, o universo pesquisado constituiu-se de professores do ensino fundamental da rede de ensino público municipal e estadual e da rede privada que atuam em escolas na cidade do Natal.

Contemplaram-se, igualmente, as redes pública e privada, em virtude da compreensão de que as representações sociais que constituem o imaginário dos professores sobre educação devem ser analisadas, levando-se em consideração os diferentes tipos de instituições educativas existentes na cidade. As redes públicas municipal e estadual foram consideradas, também, no sentido do compromisso de que se pretende contribuir com a realização de reflexões que possibilitem um aprofundamento quanto à questão da qualidade da educação oferecida nesses sistemas de ensino patrocinado pelo Estado.

Outro aspecto considerado quanto à rede privada foi o da existência de dois tipos de instituições educativas, ou seja, aquelas destinadas a atender segmentos sociais de melhor nível socioeconômico, possuidoras de complexa e ampla estrutura física, pedagógica e administrativa, e aquelas localizadas na periferia da

cidade, que não possuem as mesmas condições das anteriormente citadas, e atendem a um público de menor poder aquisitivo.

Considerou-se, também, como critério para composição da amostra de educadores a serem entrevistados, a condição de atuar como professor na primeira série do ensino fundamental. A definição desse critério para o estabelecimento da amostra considerou os dados do “Diagnóstico Educacional do Estado do Rio Grande do Norte”, publicado em 1991, pela Secretaria de Educação do Estado, que evidenciou uma taxa de 37% de repetência nessa série do ensino fundamental. Ainda fortaleceu esse critério o entendimento de que essa série é básica em todo o processo de educação formal da criança e a possibilidade de identificar se os professores que atuam nela expressam atitudes de encantamento e ou desencantamento, permitindo inferir as consequências para os indivíduos envolvidos nesse processo de ação educativa.

A variável “sexo” dos docentes não foi considerada como relevante, tendo em vista que a maioria dos profissionais que atuam nas escolas do ensino fundamental é do sexo feminino, o que pode ser comprovado através dos dados do diagnóstico educacional do Estado e do Sistema SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) realizado em 1993, que apresentaram uma realidade na qual apenas 19,6% dos professores do ensino fundamental são do sexo masculino.

Observou-se, também, como critério, a habilitação legal para o magistério obtida em cursos de nível

médio e superior. De acordo com os índices do SAEB, de 1993, no Estado do Rio Grande do Norte, 48,6% dos professores do ensino fundamental são portadores do curso de magistério em nível de ensino médio e 31,2% têm licenciaturas obtidas em instituições de nível superior. O restante dos professores é portador de outros certificados ou diplomas.

Quanto à definição das escolas pesquisadas, tanto as da rede pública como as da rede privada, obedeceu-se à identificação da existência de um projeto pedagógico explicitamente colocado pelos seus atores sociais, da sua organização físico-material e da existência de um clima institucional favorável ao desenvolvimento do trabalho educativo. Dessa forma, foram escolhidas oito escolas, sendo quatro públicas e quatro privadas. Quanto às escolas públicas, duas eram municipais e duas estaduais. Em relação à rede privada, duas localizaram-se na periferia e duas na zona mais central da cidade, ocorrendo, entre essas últimas, a presença de uma escola confessional.

A coleta dos dados primários foi realizada através de entrevistas abertas para um total de vinte e dois professores, sendo onze da rede pública e onze da rede privada. A ideia inicial era se ter um mínimo de três entrevistas por escola. Infelizmente, apesar de várias idas a duas das escolas entre as oito selecionadas, dois professores não compareceram (um da escola pública e outro da privada), acarretando em uma diminuição da nossa amostra para vinte e dois professores, em vez de vinte e quatro, conforme estava previsto.

Fez-se uso de entrevistas abertas que, conforme assinalam Henry e Moscovici, “permitem, a partir dos próprios textos, apreender as ligações entre as diferentes variáveis” (HENRY; MOSCOVICI, *apud* BARDIN, 1988, p. 99) e possibilitam desenvolver a análise numa perspectiva do discurso como processo. Após a realização de duas entrevistas piloto, questões mais provocativas foram retrabalhadas para servir de roteiro para as entrevistas dos professores integrantes da amostra.

Convém ressaltar que a entrevista aberta ou semidireta cumpre uma função essencial no desenrolar da pesquisa. Trata-se de

“saber ouvir, imergindo no universo dialógico dos sujeitos, saber escutar, sem a precipitação da interpretação imediata; perceber que o discurso construído é a resultante de um processo de interação entre pessoas, e não a resposta a questões pré-estabelecidas”. (MADEIRA, 1990)

Essa atividade foi realizada tendo por base três questões colocadas para os docentes opinarem com a realização de gravações. Assim, perguntamos a cada um dos professores, após o estabelecimento de um “rapport”² conseguido através de contatos anteriores com visitas às escolas: Como é trabalhar em educação? Como é trabalhar nessa escola aonde atua? O que falta à educação?

2 Rapport é um conceito do campo da psicologia que significa criar uma estratégia para uma ligação de sintonia e empatia com outra pessoa.

Essa pesquisa se propôs a realizar dois níveis de análise. O primeiro diz respeito à obtenção de referentes sociais que compõem as representações sobre educação dos professores e uma conseqüente identificação dos seus constituintes que permitissem perceber as expressões de encantamento e ou desencantamento do educador pela educação. O segundo nível de análise se propôs a elaborar, com base nas expressões de encantamento e desencantamento obtidas, algumas perspectivas para o reencantamento do educador, tendo em vista as possibilidades e limites da realidade social.

Para a realização do primeiro nível de análise, buscou-se a compreensão de encaminhamentos metodológicos expressos por Jodelet (1989), Alloufa (1986), Bakthin (1986) e Bardin (1970). Assim, “[...]no tratamento de campo destacam-se os constituintes das representações (informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos”. (JODELET, 1989, p. 13).

Alloufa (1986), por sua vez, sugere que existem duas condições necessárias para que se possa evidenciar uma análise de representação.³ A primeira pressupõe que o objeto de representação suposta deve existir efetivamente como objeto de representação. A segunda diz respeito às condições favoráveis para expressão de representação. Dessa forma, buscou-se observar o conteúdo da informação que “diz respeito à organiza-

3 O uso distinto das expressões ‘representação social’, ‘representação’ e ‘representações’ no decorrer da tese se deve a diferentes concepções a respeito deste construto. Assim, para Moscovici e Jodelet, representação deve vir adjetivada de social e para Morin o fenômeno da representação já é social.

ção dos conhecimentos sobre o objeto de representação, quantidade das informações (...) acerca de um objeto de representação”. (ALLOUFA, 1986, p.38). Nesse sentido, buscou-se identificar a atitude do professor face à educação.

Por atitude entende-se, de acordo com Bardin, “uma pré-disposição, relativamente estável e organizada, para reagir sob forma de opiniões (nível verbal), ou de atos (nível comportamental), em presença de objetos (pessoas, ideias, acontecimentos, coisas, etc.) de maneira determinada”. (BARDIN, 1988, p.155). Por isso, a atitude é uma estrutura de orientação de conduta e corresponde à orientação global para se relacionar o objeto da representação social de modo favorável, desfavorável ou intermediário.

É dessa forma que a análise dimensional, segundo Alloufa (1986), permite estabelecer as linhas de distribuição dos grupos sociais em função da visão que eles têm do mundo, de uma teoria ou de uma determinada noção. Esse tipo de análise permite realizar comparações, ressaltando-se a diversidade ou a unidade do conteúdo e da estruturação da representação. Por isso mesmo, possibilita distinguir opiniões, atitudes, estereótipos e modos de formação de uma conduta sobre um objeto socialmente significativo.

O discurso do professor constitui o conteúdo do primeiro nível de análise proposto e, com a sua realização, buscou-se identificar os referentes sociais que foram expressos de forma a realizar uma análise temática que permitisse confrontar valores sociais.

Nesse contexto, considera-se a linguagem verbal como um importante instrumento de que o homem lança mão para comunicar seu pensamento a respeito das coisas que o cercam. Essa comunicação evidencia diferentes conteúdos das experiências vivenciadas pelos indivíduos, não se constituindo, porém, em algo acabado e definitivo, mas sempre em construção.

Nessa direção, a linguagem assume a característica de processo, podendo ser alterada constantemente mediante a expressão dos conflitos e das formas de relações sociais que caracterizam a sociedade. É nesse sentido que, para Bakhtin (1986), a língua é a expressão das relações e lutas sociais, pois veicula e sofre o efeito dessas lutas e serve tanto de instrumento como de material delas. A linguagem é, pois, um signo que expressa, retrata ou refuta uma realidade. Por isso, o signo pode refletir a realidade ou distorcê-la, já que está sempre sujeito a critérios de avaliação que venham a ser verdadeiros, falsos, corretos, incorretos, justificados, injustificados, bons, maus e assim por diante.

O discurso deve ser analisado como processo e entendido a partir das suas circunstâncias históricas, ou seja, a base dele se encontra nas relações sociais estabelecidas pelo homem. Nesse sentido, o discurso expressa os referentes sociais que são significativos para o ser humano e pode ser estudado sob diferentes óticas. Em sintonia com essa perspectiva, utilizou-se a orientação metodológica de Bardin (1988), que coloca como um dos aspectos fundamentais a organização da análise através do estabelecimento de um programa

para definição de critérios a serem levados em consideração no processo de apreensão da realidade. Entre esses critérios, utilizou-se o procedimento de exploração dos discursos para apreender as ligações das variáveis identificadas em seus próprios conteúdos e codificação de termos constantes permitindo a percepção de “núcleos de sentido”. (BARDIN, 1988, p.105).

Ainda convém ressaltar que se procurou verificar a presença ou ausência temática, sua frequência, intensidade de aparecimento, direção, ordem de aparição e co-ocorrência com outros temas. Adotamos como instrumental de análise os fragmentos dos discursos tentando captar neles as expressões dos referentes sociais dos professores sobre a educação e a sua prática pedagógica.

A análise realizada utilizou o resultado do discurso obtido através de entrevistas abertas ou não diretivas. Esse tipo de análise considera cada entrevista como um *corpus* organizado e singular e pode-se trabalhar sem, *a priori*, ter-se qualquer hipótese interpretativa antes do estudo formal do discurso. Para isso, procurou-se entender o alinhamento e a dinâmica do discurso, para encontrar a lógica estrutural; o estilo, identificando diferentes formas de expressão; e os elementos atípicos e figuras diversas que denotem a presença de sentimentos, mitos, fantasmas, sombras e demônios que se façam presentes na fala dos educadores.

Após a efetivação da análise do discurso enquanto meio de expressão das visões de mundo dos educadores, tentou-se dimensionar perspectivas para

o reencantamento do educador, expressando-se algumas crenças e valores a respeito da educação.

Uma digressão que se faz necessária diz respeito ao entendimento do mundo contemporâneo, por perceber-se que ele se caracteriza por uma série de mudanças em todos os campos de atividades humanas. Dentre os campos que sofrem transformações, encontra-se o das ciências, evidenciando cada vez mais outras maneiras de encarar o conhecimento e as verdades científicas que foram ratificadas por determinada racionalidade linear, orientadas pelo princípio da causalidade de Descartes. É nesse novo patamar que se busca a passagem dos princípios que orientam uma lógica apenas dedutiva para os de uma lógica mais complexa, em que a explicação dos fenômenos sociais seja tratada a partir do entendimento do processo de construção da produção social efetivada pelos próprios atores sociais.

Questionam-se, dessa forma, os princípios norteadores do processo do conhecimento do homem e encaminham-se perspectivas para explicitação de uma nova *epistemê*, conforme expressão de Michel Foucault (1992), ou novo paradigma, de acordo com Thomas Kuhn (1992).

A necessidade de uma mudança do paradigma que rege ainda grande parte do pensamento científico ocidental tem colocado em crise o reducionismo da ciência clássica e aberto a possibilidade para a construção de uma visão mais complexa da realidade, o que pode levar a um alargamento nas fronteiras do conhecimento, conforme nos situa de maneira clara

Sant'Ana (1994). Há, pois, todo um movimento de mudança nos modelos de pensamento e do conhecimento, nos quais se buscam outras dimensões para o racionalismo e se resgata a importância da função simbólica do imaginário e da representação social, que passam a ser encarados como “potenciais\produtores e organizadores da realidade”. (SANT'ANA, 1994, p.5)

Particularmente, o estudo das representações sociais constitui-se numa área recente de pesquisa dentro das ciências humanas e sociais que tem contribuído com o processo de alargamento das formas de conhecimento do homem. As representações sociais expressam a maneira como as pessoas sentem, interpretam e percebem o mundo, e permitem entender as marcas que caracterizam cada época histórica de uma determinada sociedade, bem como as suas perspectivas de novos encaminhamentos e formas de visão sobre os fenômenos sociopolíticos que possam acarretar mudanças qualitativas no processo social. Dessa forma, estudar as representações de um determinado segmento social significa verificar quais são os referentes sociais que esse grupo assume diante de aspectos destacados da prática da sociedade.

O estudo das representações sociais como preocupação específica teve a sua origem em Durkheim (1978), quando tratou das representações coletivas de valores, crenças, costumes e ideias que caracterizavam diferentes grupos sociais.

Assim sendo, partindo da expressão de Durkheim e desenvolvendo estudos no campo psicossocial,

Moscovici (1978), a partir dos anos sessenta, inicia trabalhos com a perspectiva de entender o que levava as pessoas a apresentarem certos comportamentos que evidenciam determinados entendimentos sobre aspectos da prática social.

As representações sociais, entendidas nessa ótica, são entidades quase tangíveis que circulam, cruzam-se e se cristalizam de forma incessante através do uso da linguagem ou gestos utilizados no nosso universo cotidiano. Assim, as relações sociais efetivadas têm por base as representações de objetos produzidos ou consumidos pelo homem. Ainda, as comunicações realizadas pelas pessoas são constituídas pelas representações que elas fazem do mundo.

O conceito de representação social não é de fácil compreensão por razões de natureza histórica, sociológica, psicológica e política. As razões históricas se prendem às diferentes concepções que caracterizaram a compreensão de cientistas estudiosos do assunto. As razões de natureza sociológica se prendem à tentativa de explicar como têm sido assumidas as diferentes concepções de vida em diferentes grupos ou comunidades. O aspecto psicológico assume sua importância quando se busca distinguir como o comportamento do ser humano assumiu e expressou as diversas aceções de mundo e das formas de relações sociais. Por fim, a razão de ordem política encaminha-se por permitir entender os diferentes direcionamentos dados pelo homem às suas práticas sociais, ou seja, verificar as intencionalidades dos grupos ou

segmentos sociais quanto a aspectos que compõem a sua visão de mundo.

As representações sociais constituem uma forma de conhecimento próprio e particular de cada sociedade. Por isso, essa forma de operar o conhecimento é própria de cada uma das diversas comunidades e assume o caráter de ser irredutível pelo próprio dinamismo impresso pelo homem às ações sociais.

Uma representação social constitui-se numa preparação para a ação na medida em que guia o comportamento e, sobretudo, quando remodela e reconstitui elementos do meio ambiente onde houve o ato humano. Por isso “ela consegue inculcar um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tomem essas relações como elementos estáveis e eficazes”. (MOSCOVICI, 1978 p.49).

As representações sociais são conjuntos dinâmicos de formas de apreensão e expressão do cotidiano vivenciado pelo homem, e o “seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente”. (MOSCOVICI, 1978 p.50)

Assim, o processo de conhecimento do homem é fruto do seu papel de conhecedor, que é assumido de modo diverso pelas pessoas, na perspectiva da assunção de atividades de natureza artística, técnica ou científica, ou quando se trata de formação de representações. Por isso, cada pessoa parte de obser-

vações e testemunhos que se acumulam a partir de fatos que ocorrem na vida social.

A representação expressa uma relação com um objeto que pode estar presente ou que apenas é representado pelo espírito. Assim, ela representa um ser, uma qualidade, e atualiza esse ser ou essa qualidade, apesar da sua ausência ou da sua eventual inexistência.

A representação de um objeto pode acontecer através de um processo de entendimento de signos e uma decodificação própria deles, dando-lhes uma expressão que se apresenta de forma modificada, reconstituída ou retocada do objeto original.

As representações individuais ou sociais constituem o mundo da forma como pensamos ele e como achamos que ele deva ser. Mostram-nos, por isso mesmo, que alguma coisa está presente no nosso campo perceptivo e que pode ser constantemente modificada.

Portanto, as representações são expressas a partir de percepções que habitualmente estão associadas para permitir a compreensão dos referentes sociais os quais são importantes para as pessoas ou grupos de indivíduos e que são estruturadas das mais diferentes formas.

O uso dos saberes e experiências dos indivíduos, no sentido de deslocá-los, combiná-los, integrá-los ou não os deslocar, não os combinar e desintegrá-los evidencia o poder criador da atividade representativa do homem. Existe, dessa forma, a presença de uma dinâmica no processo do conhecimento, quando é possível entender que as representações são históricas (fazem

parte de um dado contexto social específico e numa determinada época), permitem uma percepção mais complexa dos fenômenos em estudos (tem uma base no imaginário social) e permitem entender que as verdades não são absolutas.

A representação social “é uma forma de conhecimento por meio do qual aquele que conhece se substitui no que ele conhece” (Moscovici, 1978 p.65), ou seja, ora o indivíduo representa algo, ora ele se representa. Por isso, sempre que expressamos uma representação, estamos nos expressando porque evidenciamos aquilo que para nós constitui os elementos básicos do que queremos comunicar.

A informação e difusão das ideias constituem aspectos muito importantes no processo de formação e modificação das representações. Um indivíduo que detenha um maior número de informações e seja capaz de fazer interpretações críticas delas se apresenta com diferenciado daquele que não tem aquelas informações. A qualidade da informação contribui, ainda, para criar condições desiguais entre as pessoas, possibilitando ao portador de melhores informações um poder de elucidação para os problemas da prática social. Por isso, o entendimento e a crítica de uma concepção de mundo constituem um fato político e devem ser encarados a partir de um processo de construção do homem dentro de suas reais possibilidades históricas.

O processo de difusão de concepções de mundo ocorre por razões políticas e sociais. Assim, a visão de mundo que determinado segmento da sociedade ex-

pressa não existe por acaso porque faz parte das condições histórico-sociais do próprio grupo e da comunidade que integram.

Essa dinâmica social tem por base os tipos e as formas de relações sociais estabelecidas pelos homens entre si e com a natureza. Dessa maneira, as ações sociais assumem diferentes características e se dão a partir da produção de bens materiais, permeadas por ideias\costumes\mitos\tradições\valores e o homem, por efetivar essas relações sociais dentro de uma determinada ótica de mundo, assume, como ser pensante que é, uma condição peculiar ao ter possibilidades para assimilar ou refutar ideias, costumes, mitos, tradições e valores.

Todo esse movimento ocorrido numa prática social determinada caracteriza um processo de educação social no qual estão presentes o jogo das relações estabelecidas pelos homens e estão expressas as suas representações. Nesse sentido, é possível compreender que a interação do homem com os outros homens e com a natureza permite a construção e a reconstrução de representações. Por isso, o estudo das representações permite ao pesquisador introduzir em suas investigações um componente muito importante para a compreensão da dimensão humana. Trata-se do aspecto subjetivo que tem por base a interação do indivíduo com o meio ambiente, que também é constituído pelo imaginário social.

Nessa visão, acredita-se ampliar a análise da sociedade, com a identificação dos referentes sociais ex-

pressos pelos próprios sujeitos que vivenciaram o processo social, quando se introduzem componentes de natureza subjetiva na representação, embora se continue a entender-se que a base da dinâmica se encontra no processo de construção, circulação e reformulação de ideias.

Como entendemos a representação social como a maneira pela qual os indivíduos veem determinado objeto, essa percepção (visão sobre um determinado objeto dentro de um contexto social específico) se expressa de uma forma mais ampla ou fragmentada a partir do entendimento do seu caráter histórico ou não, e de uma forma coerente e consistente ou incoerente e inconsistente, além de poder expressar uma visão contraditória. Essa maneira de encarar a representação suscita um entendimento de que os fenômenos humanos devem ser analisados numa perspectiva mais ampla e complexa. Ampla, no sentido de que deve buscar perceber o que se estuda dentro de uma ótica o mais abrangente possível. Complexa, porque os fenômenos devem ser encarados dentro de uma dinâmica, não calculada previamente, dos elementos que os integram e que são de naturezas diversas, podendo ser de origem física, química, biológica, psicológica, cultural, antropológica, sem falar nas condições objetivas da existência humana no contexto social em questão.

As representações são fenômenos complexos, sempre ativando e modificando a vida social. Na sua riqueza fenomenal, se identificam vários elementos de caráter informativo, cognitivo, ideológico, normativo,

além de crenças, atitudes, opiniões e imagens que nos colocam, mais uma vez, a dimensão subjetiva delas. Por isso, as representações interferem em processos variados, como a difusão e assimilação do conhecimento, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição de identidades pessoais e sociais, a expressão de grupos e as transformações sociais. Representar corresponderia a um ato do pensamento para o qual um sujeito se relaciona a um objeto de qualquer natureza, podendo ser real ou imaginário. As diferentes abordagens no tratamento da representação permitem selecionar os objetos que são recolhidos através do processo de interação do homem\meio para serem analisados. Há, dessa forma, uma riqueza na noção de representação com a diversidade de correntes e visões diferentes no tratamento dos fenômenos sociais.

Torna-se importante ressaltar que o estudo das representações sociais é multidimensional porque é sempre uma representação de um objeto ou de alguém, expressa uma relação de simbologia com uma interpretação e interpretação de um sujeito e é uma modelação do objeto visual ou inferido por meio de suportes linguísticos, comportamentais ou materiais.

As representações não podem ser apreendidas no isolamento ou na dicotomia entre o que se pretende captar e o viver concreto dos sujeitos. É neste viver concreto e através das mais diferentes formas de expressão do homem que se torna possível identificar as representações. Esse viver concreto pode apresentar três categorias de fenômenos e de problemas relativos

para análise da representação, quais sejam: a organização do conteúdo e sua análise dimensional, o sistema de elaboração da representação e, por fim, o sistema cognitivo próprio de uma representação. Dessa maneira, ter-se-iam três tipos específicos de interesses ao se estudar as representações: quando se deseja compreender o conteúdo da representação dentro de uma determinada realidade e verificar sua dimensão político-social; quando a preocupação é entender o processo de elaboração das representações, analisando-se os referentes que contribuíram à sua elaboração; e quando se deseja estudar o processo cognitivo relativo a uma representação.

Esses grupos de fenômenos colocados por Moscovici (1978), a nosso ver, permitem compreender a representação dentro de uma perspectiva mais complexa, porque demonstra a necessidade de vários campos do conhecimento para como se processo a formação e reformulação das representações por diferentes caminhos.

Entre os cientistas sociais contemporâneos que tratam da representação dentro de uma perspectiva mais universalista, encontra-se Edgar Morin, que, para caracterizá-la, parte do seu relacionamento com o processo de conhecimento do ser humano, discutindo a sua compreensão a partir das condições físico-psicossociais. Para ele, o processo do conhecimento é complexo e “quando o pensamento descobre o gigantesco problema dos erros e ilusões que não cessaram e não cessam de impor-se como verdade ao longo

da história, ele deve procurar conhecer-se”. (MORIN, 1986, p.5). Dessa forma, a discussão do processo do conhecimento e do pensamento como recurso utilizado pelo homem para organizar as informações a que tem acesso introduz o entendimento moriniano sobre representação.

A representação é uma síntese cognitiva, dotada das qualidades de globalidade, coerência e estabilidade. Cada uma dessas qualidades expressa os aspectos fundamentais da representação para a vida do ser humano, pois permite entender as informações a partir de um contexto mais amplo do habitat social, verificar a (in)coerência das informações disponíveis por ele e explicitar o grau de estabilidade do conteúdo do fenômeno que está representando. Essas qualidades demonstram a consistência ou a ambiguidade do mundo para o indivíduo e permitem que ele possa considerá-lo de forma estável, coerente e constante, de forma aberta, inconsistente e difusa. As qualidades de globalidade, coerência e estabilidade, que são em essência qualidades do pensamento que impõem ordem e desordem, e a ambiguidade permitem, por sua vez, a possibilidade da realização de análises e sínteses sobre as informações que estão sendo representadas. As análises permitem que sejam feitas distinções, seleções, focalizações e percepções de pormenores. As sínteses, por sua vez, possibilitam a realização das operações cognitivas de totalização, globalização e contextualização.

Depreende-se, desse entendimento, que as análises permitem distinguir coisas e selecioná-las, utili-

zando-se critérios que venham a ser estabelecidos pelo indivíduo ou que são próprios do segmento social do qual ele faz parte, além de se tornar possível realizar estudos específicos de pormenores, ou seja, aspectos constitutivos de fenômenos que estejam sendo observados, através de uma particularização considerada necessária e essencial ao seu processo de entendimento.

A sistematização das informações conhecidas possibilita a busca de uma visão de totalidade e globalidade social, contextualizando-se o fenômeno social em estudo. Essa contextualização permite entender os limites e possibilidades impostos por uma organização social aos indivíduos que a integram. Essa dinâmica, expressada por Morin (1990), assume a perspectiva de que é possível, a cada instante, corrigir, completar, enriquecer, contextualizar e alterar a representação de acordo com a vontade humana e trabalhar e retrabalhar valores e ideias, computar e recomputar informações advindas do mundo material e sensitivo, cogitar e recogitar a representação. Dessa forma, percebe-se a dinâmica processual assumida pelo autor no que diz respeito à teoria da representação. A alteração da representação é possível quando os indivíduos mudam a sua maneira de encarar fatos e ideias mediante suas experiências.

Toda percepção e vivência do mundo pode tornar-se objeto de representação, de conceito e de ideia. O próprio indivíduo pode constituir-se objeto de representação, de ideia e de conceito. Assim, verifica-se que a base para se entender a representação se encontra

no processo de conhecimento, que é “ao mesmo tempo biológico, cerebral, espiritual, lógico, linguístico, cultural, social e histórico” (Morin, 1990, p. 21). Consequentemente, o estudo das representações não deve ser dissociado das relações sociais estabelecidas em um determinado contexto social.

A ideia de sujeito é outro aspecto importante na concepção de Morin (1990) em relação à representação, já que é esse sujeito que vai operar todas as ações em busca do conhecimento. Para ele, “ser sujeito é situar-se no seu mundo para entendê-lo e entender a si mesmo, operar uma disjunção lógica entre o si e o não e operar uma autoafirmação e autotranscendentalização de si”. (MORIN, 1990, p. 46). O sujeito é, pois, um indivíduo que tem consciência do mundo e do seu eu em um dado momento histórico e, por isso mesmo, é capaz de perceber o que é diferente dele e efetivar uma afirmação de si, bem como de projetar outros níveis de aspirações e perspectivas para ele.

A representação é cognoscente, cognoscível, analisável e descritiva por um espírito\sujeito que, trocando suas informações com outros espíritos\sujeitos, pode objetivar melhor e enriquecer a sua percepção. Assim, entendemos que a representação integra o processo de conhecimento que pode ser alterado em seus elementos, permitindo-se fazer análises descritivas dos referentes sociais que são importantes para os indivíduos.

A representação é produto de um processo morfogênético e sintético que a constrói sob a forma de

uma imagem global, imediatamente sentida, ao mesmo tempo, como visão objetiva das coisas reais e como apropriação subjetiva dessa visão objetiva. Nesse sentido, a representação constitui uma forma de síntese elaborada pelo sujeito e expressa a imagem global que faz sobre um dado fenômeno ou objeto. Assim, a representação é percebida pelo indivíduo como uma visão objetiva e como uma apropriação pessoal.

A percepção das coisas constitui-se em uma operação fundamental para a representação. Toda percepção comporta um implícito do eu que a percebe, e a apropriação subjetiva constitui a representação que é sentida pelo sujeito como presença objetiva da realidade das coisas, e não como uma imagem que ele elaborou. Por isso, Morin afirma que a representação constitui a imagem projetada pelo indivíduo sobre o mundo exterior. Essa imagem, por sua vez, identifica-se totalmente com o mundo na ótica do sujeito que a expressa.

A construção da representação, no nível do que ocorre com o indivíduo, caracteriza-se por várias operações que passam por um “anel perceptivo” (MORIN, 1990, 214) composto por um processo morfogênético e sintético que é seletivo, aditivo, corretivo, formativo, construtivo e tradutor, pois o cérebro elimina dados da percepção, completa as informações sensoriais, corrige as dimensões e formas do objeto percebido e fornece a percepção de quadros de referência. Assim, é possível compreender que Morin, ao mesmo tempo que ressalta o aspecto físico-biológico-químico do processo de representação, mostra a dimensão do “cogito humano”,

que ocorre com a realização das sínteses as quais o indivíduo faz a partir de elementos da realidade oriundos das suas experiências de vida.

Assim, na expressão moriniana, construímos e traduzimos o mundo a partir de “amostras colhidas no domínio sensorial”. Esse domínio sensorial, por sua vez, não é desvinculado do processo social. O ser humano só sente algo que se apresenta como concreto para ele quando existe de fato o fenômeno de forma objetiva, ou, ainda, quando representa o referido fenômeno na sua consciência.

Aprofundando a questão da percepção, Morin (1990) afirma que ela é um processo que assume diferentes características. É dialógico entre o aparelho neurocerebral e o meio exterior. É recorrente porque se forma através de uma cadeia em que entram diferentes elementos físico-psíquicos que interagem. É holoscópico pois produz visões de conjunto que invadem todo o horizonte mental do indivíduo. Dessa forma, a origem das representações está nos princípios e regras que orientam a construção do conhecimento, princípios e regras que a cultura social imprime e que o próprio indivíduo pode formar a partir da sua experiência. Portanto, a “representação é ao mesmo tempo uma construção e uma tradução da realidade “. (MORIN, 1990 p.104). Ela permite restabelecer as proporções reais entre as formas das coisas percebidas e estabelecer uma imagem análoga à realidade das coisas. Dentro dessa ótica, a representação não é senão construção\transformação\tradução afastada

do original ou um “analogon” que implica presença do mundo exterior.

Torna-se, por isso, possível afirmar que “só percebemos o real através da representação” (MORIN, 1990 p.105), o que nos evidencia a importância dos estudos das representações para as ciências que estudam o comportamento humano, porque permite uma maior aproximação do real no processo de busca do conhecimento do homem e da sociedade, além de possibilitar uma análise do processo educativo pelo qual passam as pessoas para adquirir conhecimentos, transformá-los e ter condições objetivas para desenvolver hábitos e atitudes necessários ao convívio social.

No processo da representação, além da questão da percepção, existe a memorização. Essa memorização permite entender por que há flutuações de fantasmas nas representações “suscitado pelo espírito que se sobreimprime ao universo da experiência perceptiva sem o apagar”. (MORIN, 1990, p. 214). Por isso, os nossos fantasmas ou medos, anseios, traumas e sonhos também são representações que nós produzimos, dissociando-os e libertando-os das nossas percepções. A unidade fundamental da percepção, da recordação, do fantasma e do sonho está na representação.

A representação, dentro de uma perspectiva complexa, constitui-se em uma placa giratória entre o passado e o presente, entre a vigília e o sonho e, embora a percepção do real se oponha a visões imaginárias, ela é o ato constitutivo, idêntico e radical do real e do imaginário. “O espírito humano dá à percepção um esta-

tuto de realidade presente, projetando a representação no mundo imediato”, conforme assinala Morin (1990, p.106). Essa placa giratória consiste em entender que há uma dinâmica própria no processo de conhecimento do homem em que se fazem presentes elementos mítico-simbólicos apreendidos pelo indivíduo, bem como dados da realidade objetiva, também compreendidos pelo ser humano através de um processo de interação e identificação com os diferentes referentes que lhe são disponíveis no contexto sociocultural do qual faz parte.

O espírito humano considera diferentemente as suas representações porque o cérebro as trata diferentemente. Assim, “o que diferencia a percepção e o sonho não são apenas as determinações objetivas do mundo exterior no aparelho neurocerebral, é correlativamente, o controle organizador das aparências exteriores pelo dito aparelho” (MORIN, 1990 p. 106) e o sentimento de realidade na percepção é produzido pela coprodução de uma representação estável e coerente entre o mundo exterior e o indivíduo.

As representações e as palavras fazem apelação umas para as outras. Por isso, “as palavras, ideias e frases associam-se intimamente à representação de que denotam os elementos, acontecimentos, ações, coisas, seres de que designam o sentido global”. (MORIN, 1990 p. 110). Torna-se, portanto, relevante analisar o processo de geração de signos ou de símbolos da linguagem, pois as representações são expressas através de sinais verbais e não verbais. O signo é um sinal que simboliza alguma coisa.

Para um processo lógico de entendimento da representação, urge a análise de que as operações associativas assumem uma forma lógica de conjunção, disjunção, afirmação, negação, condição, comutação, distribuição etc, e essa “lógica constitui um sistema de princípios\regras destinados a guiar e verificar a consistência e o rigor das operações que determinam os enunciados”. (MORIN, 1990 p. 113).

A linguagem é importante no processo da representação, uma vez que se constitui na sua forma de expressão, evidenciando operações básicas do cogito humano que são a separação e a associação de elementos. Assim, “a linguagem é um sistema de diferenças e identidades, e a cogitação do homem desenvolve em operações lógicas para o pensamento os dois tipos de operações computantes, separar e associar.” (MORIN, 1990 p. 111). Dessa forma, as representações são o modo de objetivar-se do pensamento e expressam um determinado estado de ser desse mesmo pensamento.

Através do estudo das representações, é possível verificar como os diferentes aspectos da vida social têm se apresentado para os segmentos ou grupos e se têm configurado como o estado da “ordem” ou “desordem”. O estado da ordem diz respeito a assumir como referencial a estrutura e organização social, enquanto o da desordem significa pôr em questão essa estruturação social. Quando falamos de estruturação social, queremos dizer todo um conjunto de princípios e regras assumidos dentro de uma determinada organi-

zação social em um dado tempo e espaço, incluindo valores, ideias, mitos, símbolos etc.

Dentro do processo de interação com o meio, as determinações externas ao indivíduo se referem a um conjunto de aspectos culturais, sociais e históricos que são responsáveis pela maneira de se compreender o mundo, e as determinações internas referem-se, especificamente, aos determinismos intrínsecos ao próprio processo do conhecimento. Dessa forma, pode-se dizer que os paradigmas constituem princípios organizadores do conhecimento. Eles são sistemas de convicções e podem servir como bloqueadores de ideias, caso o indivíduo não perceba os conformismos a que os padrões estabelecidos nas sociedades podem levar a verdadeiros estereótipos.

As representações se constituem em “*imprintings* culturais” ou marcas que uma dada sociedade imprime aos indivíduos. Essas marcas possibilitam a aquisição do conhecimento no sentido da sua acumulação e alargamento de valores, saberes, ideias e costumes, mas também podem acarretar a não variação desses referentes sociais. Por isso, uma sociedade pode apresentar diferentes características em relação às marcas culturais. Esse fenômeno explica por que razão quanto maior o corpo de experiências do indivíduo, mais ele terá oportunidade de participar do processo social e maiores possibilidades terá de criação, através da pulsão cognitiva. Inversamente, quanto menos o espectro de alternativas vivenciadas, menor será a perspectiva de criação e maior a expressão de rigidez e submissão

aos “*imprintings* culturais”. Essas marcas culturais, quando organizadas em conceitos associados, formam um sistema de ideias que se constitui num enunciado com um determinado grau de valor. Por essa razão, as representações, se vistas dentro de um processo de entendimento do mundo, podem se constituir em um sistema de ideias que expressam os valores, crenças, tradições, hábitos, costumes e a maneira de viver de um povo.

O campo de estudo das representações utiliza-se da linguagem como instrumento que permite “a cultura imprimir-se sob a forma de saberes, experiências, normas, injunções, interditos, na intimidade de cada espírito e, com isso, fornece, a cada espírito, possibilidades próprias de desenvolvimento, ao mesmo tempo que exerce controle social sobre esse desenvolvimento.” (MORIN, 1990, p. 114). Assim, no estudo das representações, a linguagem se constitui num instrumento para assegurar, ao mesmo tempo, a reprodução cultural ou a complexidade social e a solução de problemas que favoreçam o desenvolvimento de outras complexidades.

Morin afirma que a linguagem é um facilitador que possibilita ao homem formular o desvio, a crítica, a contestação e permitir-lhe que se explique nas diferentes situações existenciais. Esse processo expressa e permite perceber o nível de consciência que o indivíduo tem em relação ao seu contexto social e o seu envolvimento nele. A linguagem constitui-se, também, na “emergência do pensamento reflexivo do sujeito sobre si

e suas operações no mundo”, e as representações são expressões das diferentes visões de mundo assumidas pelo homem, utilizando-se de várias formas de linguagem e expressando óticas variadas e coerentes para ele, de acordo com a posição que ocupa na sociedade.

A representação, na perspectiva moriniana, assume características que ampliam as noções trabalhadas por autores como Moscovici (1978) e Jodelet (1989), entre outros, uma vez que configura uma nova abordagem do processo de aquisição\produção do conhecimento. Morin (1990) assume uma atitude transdisciplinar que evidencia a complexidade dos fenômenos humanos. Torna-se, dessa forma, perceptível, na explicação dada por ele, a presença de elementos provenientes de várias ciências como a física, a química, a biologia, a psicologia, a informática, a filosofia e a sociologia, entre outras. Essa atitude científica impõe novos desafios ao homem do final do século, o que exige uma prática crítico-reflexiva que permite identificar as representações que permeiam todo o processo de construção e reconstrução social.

Diante das argumentações apresentadas por Moscovici (1978) e Morin (1990) a respeito da representação, acreditamos ser importante apresentar o nosso entendimento a respeito delas. A nosso ver, quando Moscovici (1978), ao enveredar para um aprofundamento daquilo que Durkheim (1978) chamou de representações coletivas, deu uma excelente contribuição quando colocou em destaque a importância da subjetividade humana nos estudos das ciências do homem.

Portanto, ao definir as representações como sendo um processo que ocorre no nível individual (sínteses que as pessoas fazem das informações coletadas no social) e, ao mesmo tempo, afirma que só é possível ocorrer a formação e reformulação de representações sociais em um contexto de sociedade específico, demonstra que há uma interação indivíduo-meio para que ocorra a representação. A ideia de representação social está ancorada, para Moscovici (1978), num caráter psicossocial, o que já determina uma ampliação de sentido quanto ao que anteriormente se entendia por representação.

Morin (1990), apesar de não utilizar a expressão representação social (escolhe utilizar apenas representação), evidencia a importância desse fenômeno para o ser humano, pois ele constitui a base do conhecimento do homem. O processo de conhecimento humano tem características específicas, pois, para ser compreendido em sua amplitude, exige que se tenha uma nova postura quanto aos fundamentos científicos dele, o que requer uma nova visão de ciência e uma nova prática de construção do saber, na direção de um paradigma da complexidade. A representação precisa ser entendida como expressão do conhecimento humano e resultado da apreensão do indivíduo sobre uma realidade que pode ser objetiva ou imaginária. Nesse sentido, é importante assumir-se uma concepção mais universalista de ciência, para que se possa buscar uma explicação mais próxima da realidade existencial do homem.

O paradigma da complexidade, em fase de construção para Morin (1990), não é fácil de ser assumido

em virtude de toda a estrutura do processo de conhecimento que vem sendo assumida pelo homem. Esse novo rumo do fazer científico exige dos profissionais de hoje um domínio cada vez mais aberto das suas especialidades, porque impõe a necessidade de apropriação de outros saberes científicos que permitam uma melhor compreensão dos referentes sociais envolvidos no processo do conhecimento e, conseqüentemente, nas explicações dadas aos problemas do mundo contemporâneo.

De acordo com o nosso entendimento, mesmo que Moscovici (1978) se dedique explicitamente à compreensão do constructo representação social, e Morin (1990) não tenha como objetivo próprio o estudo dessa questão como algo específico, este pode ser visto como um cientista contemporâneo que, através da sua produção científica, ampliou o estudo da representação. Assim, com Morin (1990) foi possível entender como ocorre a percepção das coisas para o homem dentro de uma concepção diferente da psicologia social, porque ele aborda a maneira de perceber dentro de uma metodologia mais ampla do que o registro das observações coletadas em um meio ambiente. Outro aspecto interessante é o que trata da operação do computer humano, assumindo-se um papel muito importante para o cérebro humano, não somente do registro de informações, como também da operação do cogito, que expressa a maneira pela qual se refletem as informações e se elaboram sínteses. Ainda é fundamental se entender como as ideias são

usadas e as formas como elas ocorrem e podem ser vivenciadas pelo indivíduo no espaço social.

A reflexão que vimos fazendo sobre representação nos permitiu compreender a importância dos estudos nessa área, pois possibilitam assumir-se verdadeiros desafios para os pesquisadores contemporâneos, uma vez que pode abrir perspectivas para trabalhos que venham a redimensionar contribuições de cientistas como Freud, que de acordo com MORIN (1990, p.121), dizia que “o futuro julgará que o valor da psicanálise enquanto ciência [...] ultrapassa largamente o seu valor terapêutico”, sendo elementos fundamentais para se procurar entender a *psiquê* humana, no que se refere à estrutura da personalidade, o papel da libido e dos arquétipos sociais.

Assim sendo, entendemos que as reflexões feitas por Moscovici (1978) e Morin (1990) sobre representação podem ser encaradas como complementares no processo de estudo sobre como as pessoas percebem o seu mundo objetivo e subjetivo e quais os elementos básicos que estão presentes na busca de aquisição do conhecimento como uma forma de contribuir para que o ser humano possa vir a ser mais feliz e engajado no seu meio social.

Nessa perspectiva, pode-se dizer, com Henri Atlan (s/d), que é necessário se pensar em três campos distintos do pensamento e da experiência, que são a análise do psiquismo, a sociologia e a biologia. É imperativo que se empreenda uma reflexão em conjunto e com ela se possa construir o novo paradigma. Essa

maneira de encarar o processo de conhecimento encaminha uma lógica da hipercomplexidade e da auto-organização, conforme vêm colocando Edgar Morin e Henri Atlan (1991).

Portanto, “é preciso ligarmos o homem razoável (*sapiens*) ao homem louco (*demens*), ao homem produtor, ao homem técnico, ao homem construtor, ao homem ansioso, ao homem gozador, ao homem arrebatado, ao homem cantor e dançarino, ao homem instável, ao homem subjetivo, ao homem imaginário, ao homem mitológico lascivo, ao homem destruidor, ao homem consciente, ao homem inconsciente, ao homem mágico e ao homem racional, num rosto de múltiplas faces em que o homínida se transforme definitivamente em homem”. (ATLAN, 1992, p.164). Essas ideias nos encaminham para a necessidade de abertura para a vida e expressam bem a dinâmica em que estamos envolvidos no processo social.

Para Atlan (1992), a abertura do homem para a vida não é importante apenas para as ciências do homem, mas é necessária ao desenvolvimento das ciências da vida, e a abertura da noção de vida, em si mesma, é condição de abertura e do desenvolvimento da ciência do homem. Isso mostra como deve haver uma inter-relação entre as ciências do homem e as ciências da vida, para que se venha a ter condições para melhor entender a vida do indivíduo em sociedade. No processo de abertura do homem para a vida, a cerebralização ou crescimento de volume do cérebro, devido a uma nova etapa de desenvolvimento diferenciada das ante-

riores, constitui-se, para Atlan (1992), no traço específico da hominização. Nesse processo, aparecem tanto as dimensões biológicas como as culturais e sociais.

“Assim, vislumbramos a cerebralização como o nó górdio da hominização em que o cérebro não é considerado um órgão, mais o epicentro de um processo de complexificação multidimensional em função de um princípio de auto-organização ou autoprodução”. (ATLAN, 1992 p.166).

Por isso,

“o homem é um ser cultural por natureza porque é natural pela cultura” e “o que se conquistou com o processo de hominização foi uma riqueza maior do que chamamos organização, que se traduz por uma aptidão cada vez maior para adquirir”. (ATLAN, 1992 p. 166)

Integrando esse processo, para Atlan (1992), a linguagem é também um campo privilegiado no qual as derivações, as metáforas e outros progressos gerativos evidenciam, de forma clara, mecanismos de organização através da desorganização e da integração da ambiguidade. Dessa maneira, algumas reconstruções efetivadas por estudiosos estão marcadas pela visão que eles têm das sociedades contemporâneas e podem levar a verdadeiras derivações, expressando apenas uma determinada visão ideológica das coisas, sem se dar conta de que podem ser possíveis outros tipos de derivações.

Atlan (1992) busca demonstrar que a característica do *homo sapiens* diferente das que ele já possuía após o aumento do cérebro é o imaginário, a desrazão e o delírio. Assim, no encaminhamento da vida, o homem expressou novas aptidões como mutações que sofreu, mediante ter encontrado um ambiente propício para se exprimir. No entanto torna-se importante entender que podem existir aptidões, reprimidas ou favorecidas pelo meio ambiente, o que permite compreender que a hipercomplexidade atuante na evolução biológica e sociocultural criou condições para que esse fato ocorresse. Há, ainda, um estado de adaptação aproximativa e solta entre o organismo e o ambiente que permite que o processo de desenvolvimento não seja bloqueado. Caso não ocorra essa adaptação, podem ser vivenciados verdadeiros bloqueios que impeçam o crescimento do ser humano.

Mediante o entendimento de mais esses elementos complementares aos colocados por Morin (1990) e Moscovici (1978), pode-se verificar o valor do estudo do imaginário social e, conseqüentemente, da representação para o ser humano. Esse tipo de estudo tem se destacado no campo das ciências sociais e humanas e atraído estudiosos e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento que buscam compreender como os sujeitos se interpretam, interpretam os outros sujeitos e os fenômenos ao seu redor.

De acordo com o que foi anteriormente colocado, pode-se se entender que é através da consideração das relações sociais que se estabelecem em um determina-

do tempo e espaço por homens concretos que é possível se entender a história desses homens, seus limites e suas possibilidades. Esse processo de participação social dá ao ser humano uma condição específica e, através dele, ocorre a assimilação\refutação de ideias, mitos, costumes, valores e tradições. Ainda é importante ressaltar que o processo social se constitui em uma maneira de educação social através da qual os indivíduos vão incorporando referentes básicos à sua leitura de mundo e assimilando um código de linguagem que lhes permitirá expressar sentimentos, paixões, valores e ideias sobre si e a sua experiência no social.

Nesse contexto, Gomes assinala que

“a educação como prática social reflete, reproduz e recria as relações dialéticas da realidade. Nesse sentido, a função da socialização que lhe é historicamente atribuída também se reelabora, gera novas dimensões que lhe são opostas sem que deixe de ser a mesma”. (GOMES, 1990 p. 83).

Dentro da organização das sociedades modernas, a educação escolar desenvolvida através de instituições especializadas contribui para a apropriação do saber pelas novas gerações. Esse saber, além de conteúdos científicos referentes às mais diferentes áreas do conhecimento, engloba atitudes, valores, tradições, entre outros aspectos. Todos esses elementos permitem, em seu conjunto, a formação e reformulação de representações. Nesse sentido, o estudo das representações tem tido uma receptividade entre educadores

preocupados em compreender melhor a prática pedagógica, realizar uma revisão da sua própria atuação e da escola e delinear um novo contorno para a instituição educacional. Conhecer, pois, as experiências de alunos e professores constitui um instrumento útil ao aperfeiçoamento do trabalho educativo. Esse aperfeiçoamento se torna possível à medida que os agentes do processo educativo adquirem maior conhecimento a respeito, não somente de conteúdos científicos específicos e atualizados, como também de elementos que integram o imaginário social e interferem na sua conduta e na dos seus alunos.

Portanto, a educação escolar tem um papel importante no processo de transmissão\assimilação de conteúdo, por trabalhar ideias pautadas numa determinada visão de homem e mundo, o que exige uma grande atenção daqueles que desejam encaminhar o fazer científico e as práticas sociais dentro de uma outra ótica que permita ao ser humano ser mais e por entender mais a sua condição de existência. Torna-se, assim, essencial assumir uma postura em que se adote uma ótica aberta de ciência que permitirá ao ser humano assumir cada vez mais as suas contradições que podem ser expressas muito bem através da reflexão de Morin (1990), na qual percebe-se a coexistência do *homo demens* com o *homo sapiens*. Aí, perceberemos que temos um lado razoável, ao mesmo tempo em que temos outro louco, um lado gozador e outro sério, um estável e outro instável, um construtor e um destruidor etc.

Assim, o grande desafio que se coloca hoje para o homem é como juntar essas facetas tão opostas aparentemente, se pensarmos dentro de um paradigma linear, e tão complementares se pensarmos na perspectiva de uma *epistemê* complexa. Todos esses elementos nos instigaram a buscar entender as formas de expressão de encantamentos e desencantamentos do homem que exerce um tipo de profissão que vem ao longo do tempo sofrendo um desprestígio da classe dirigente, mas que tem contribuído para a consolidação e questionamento de toda uma prática social.

2

ENCANTAMENTO E DESENCANTAMENTO DO EDUCADOR

“...acontece muitas vezes que um comportamento significativo, originado a partir de uma determinada situação, é transportado para fora dessa situação para exprimir uma mensagem simbólica”.

Edgar Morin.

O mundo contemporâneo caracteriza-se por incríveis realizações e benefícios através de um processo tecnológico de nível assustador. O desenvolvimento científico e tecnológico tão almejado na sociedade moderna é uma realidade objetiva, porém constitui-se, ao mesmo tempo, em um desafio para o homem, porque ele produ-

ziu desigualdades sociais mais radicalizadas e práticas relacionais desumanas. Esse mesmo mundo apresenta um panorama sombrio, expresso através de desigualdades sociais cada vez mais nítidas, o que evidencia uma situação de privilégios para uns, expressando atitudes fragmentadas na vida e na ciência, geradora de alienação e conflitos de diversas naturezas. Assim, à medida que se engendram relações sociais bastante desiguais, criam-se condições mais fortes para expressões de violência e intolerância e se evidencia a dificuldade para se estabelecer padrões solidários na prática social moderna.

Nesse sentido, um dos caminhos possíveis para entender o processo de encantamento\desencantamento do homem é a compreensão das relações sociais estabelecidas pelo indivíduo com a natureza e com os outros indivíduos em determinados contextos e espaços, tendo por base as características do pensamento desenvolvido nas diferentes sociedades.

O pensamento racional desenvolvido nas sociedades ocidentais criou uma estrutura social embasada em fatores objetivos, uniformizados e *homogêneos* do conhecimento. Por isso, a subjetividade, a imagem, o mito e o simbólico passaram a não ser levados em consideração, acarretando uma evolução científica sem encantamento, guiada por valores e concepções lineares e funcionalistas do pensamento e de suas práticas simbólicas e culturais.

Optando-se por essa direção de entendimento, através da leitura de autores como Durand (1989), Morin (1991), Carvalho (1994), Alves (1994), Castoriadis (1991), Antunes (1995), entre outros, tornou-se

possível compreender que o encantamento\desencantamento do homem está relacionado ao processo de modernidade, juntamente com o desenvolvimento científico e tecnológico de uma sociedade. O conhecimento produzido pela era moderna apoiou-se numa concepção linear e funcionalista, anteriormente referida, e pressupunha uma relação definitiva e temporal entre presente, passado e futuro. Assim, “as explicações ‘objetivas’ conseguiram operar o ‘desencantamento’ do mundo, da vida social, dos valores e símbolos que permeiam a existência cotidiana, ignorados, por longo tempo, pela ciência e pela história”. (Carvalho: 1997 p. 15 e 16). Produziu-se, então, uma sociedade que ao mesmo tempo era propagada por uma certa imagem, evidenciando uma determinada ótica de representação. Por outro lado, era uma sociedade da anti-imagem, que não permitiu a expressão de outras maneiras de ver as coisas e fenômenos sociais e reduziu a qualidade de vida no planeta para a maioria da população, diminuindo as condições de exercício da capacidade de imaginar do homem e da própria produção simbólica da sociedade.

Nesse sentido, embora se saiba e se constate o desenvolvimento científico e tecnológico e as consequentes conquistas na informática, robótica e máquinas artificiais, o homem não tem sido mais feliz. Antunes (1995, p. 16) situa que

“novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção, pela especialização flexível, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação à lógica do mercado”.

Buscar entender esses referentes ou representações sobre a sociedade permite-nos compreender melhor as condições de ser no mundo.

Nessa mesma direção de raciocínio, o triunfo da sociedade burguesa e sua identificação com a modernidade, tendo como guia o saber científico que domina e exclui outras formas de conhecimentos, estabelece a relevância da razão técnica em detrimento de explicações de natureza mágica, mitológica e imaginária. Nesse sentido, percebe-se que “há um século a modernidade segue a trilha do desencantamento” (Weber *apud* Durand, 1989, p.49) e por isso o homem vem sentindo o desencanto na sua vida. Corroborando com essa ideia Carvalho (1989), quando afirma que o desenvolvimento é solidário da conduta metódico-racional de vida e dos fluxos de racionalização, engendrando as organizações produtivas. O desenvolvimento, assim encarado, estaria ligado ao fazer cotidiano do indivíduo na busca de uma racionalização metódica da sua prática social. Assim, quanto mais racionalização metódico-científica, menor uso do poder criativo-imaginativo do homem e desconsideração do mitológico - simbólico. Esse mitológico-simbólico está presente em todo o processo de vida do homem.

O reencantamento, para Carvalho (1989), estaria intimamente ligado a uma “pedagogia do imaginário”,

que permitiria uma análise da gestão do imaginário nas instituições e, conseqüentemente, no psiquismo humano, como uma estratégia de organizacionalidade das suas ações. Organizacionalidade que levasse em consideração a capacidade criadora da “pulsão cognitiva”. A pulsão cognitiva é uma expressão moriniana para caracterizar os momentos de criação do ser humano através de brechas resultantes de ações organizadoras pelos indivíduos que compõem uma sociedade. Esses momentos de criação possibilitam o desenvolvimento de atitudes de satisfação pela consecução de objetivos pretendidos. Quando o ser humano consegue realizar ações realmente criativas, ele se encanta ou se reencanta com a sua existência. O reencantamento seria expresso a partir de uma atitude de satisfação no fazer do homem, evidenciando, assim, como esse fazer é complexo, porque nele estão presentes expressões mitológicas e simbólicas que bem caracterizam as diferentes épocas vivenciadas por ele no jogo das relações sociais e, por vezes, na busca pelo poder.

Dessa forma, por encantamento estamos entendendo a atitude que o homem assume diante das possibilidades e limitações das experiências da prática social, que permite criações, utilizando a pulsão cognitiva e o prazer por aquilo que realize e que o torna feliz e satisfeito com essas realizações. Essa maneira de entender o encantamento humano implica a necessidade de se partir de uma apreciação contextual e estrutural da organização social construída pelo homem, bem como a caracterização do seu perfil em um dado tempo

e espaço e em determinada circunstância. O desencantamento, por sua vez, expressaria uma atitude de insatisfação pelo que o indivíduo deseja e não consegue realizar, pela forma como são vistas determinadas atitudes de modo puramente mecânico-racional e utilitarista. Portanto, o que caracteriza o encantamento\desencantamento é a riqueza da diversidade de ações, o envolvimento sensório-psíquico-motor e as maiores ou menores perspectivas para o ser humano na prática das relações sociais de que é integrante.

Percebe-se, assim, como o encantamento\desencantamento estão presentes ao mesmo tempo no cotidiano da vida humana e o se sentir encantado ou desencantado é algo muito fluido e tênue, o que dificulta entender tais mecanismos por intermédio de categorizações dicotômicas e excludentes das expressões verbais ou atitudinais das pessoas. Morin (1990) afirma que quanto mais rica for uma sociedade em termos de experiências, maiores possibilidades de criação para o homem. Assim, estudar o encantamento\desencantamento implica a busca de compreensão acerca da riqueza cultural que permite identificar campos de credibilidade, valores, tradições, costumes, hábitos e ideias que delineiam o imaginário social para o homem e que são responsáveis pela forma como os comportamentos são evidenciados.

Há um “descrédito que atinge os nossos quadros de referência oficiais e atesta uma manutenção do crível”. (CERTEAU, 1995 p.24). As referências que serviam de base às ações humanas e davam a confiança

e segurança caem hoje por terra e são contestadas. O descrédito dessas referências é vivenciado pelos homens. Dissemina-se na desvalorização e descrédito de alguns saberes, programas e filosofias, levando, muitas vezes, à assunção de atitudes radicais que acarretam expressões de desencantamentos.

O reencantamento implica sempre questões éticas e subjetivas. Torna-se, assim, necessário se pensar numa nova ética como expressão de valores assumidos e aceitos pelos diferentes tipos de grupos sociais. Marx, citado por Carvalho (1994), sem se referir explicitamente ao desencantamento, percebera que o processo histórico era o grande responsável por uma ruptura irreversível entre as condições objetivas do trabalho e da produção e as subjetividades sociais. Ainda nessa linha de entendimento, Lévi-Strauss (1972) afirma que a domesticação do pensamento retirou dos homens o entendimento da lógica do sensível, da totalização, mergulhando-os no emaranhado de conceitos, na busca de metas estabelecidas pela ciência. Isso acarretou o afastamento da arte, da magia e do imaginário social como um dos componentes básicos do processo social.

Castoriadis (1991) afirma que cada sociedade possui uma visão dela mesma que expressa uma maneira de ver o mundo, construída, inclusive, com base em aspectos conhecidos de outras sociedades, mas que fazem parte da sua verdade histórico-social.

Gramsci (1987), ao se referir à filosofia como a expressão de determinados fins assumidos numa dada sociedade, assume que ela está contida na linguagem,

que é um conjunto de noções e de conceitos determinados, e não simplesmente de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo. Assim, é possível compreender que esse conjunto de ideias se manifesta em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e agir de uma sociedade. Dessa forma, segundo este autor, o homem teria duas posturas possíveis: participar de uma concepção de mundo imposta, mecanicamente, pelo ambiente exterior a ele, ou elaborar a sua própria concepção de mundo de uma maneira crítica e consciente e participar ativamente da produção da história do mundo sendo o guia de si mesmo e não aceitando coisas do exterior de forma passiva e servil. Essa elaboração da sua própria concepção de mundo está marcada pelos valores, mitos, crenças, tradições e a maneira de sentir e apreender as coisas, através da percepção.

Desta forma, se deduz que a percepção é seletiva em relação à apreensão que os indivíduos fazem do mundo, o que constitui a base das suas representações.

Assumindo a importância do imaginário nos estudos científicos, este trabalho tem também como referencial a ideia expressa por Carvalho (1997, p. 18),

“pesquisas sócio - históricas recentes vêm desenvolvendo estudos sobre a profundidade dos mitos e do imaginário considerados como única saída para o renascimento de utopias. Esse reencantamento se orienta na direção de uma nova *episteme* que, livre da inexorabilidade do tempo e de determinismos causais e mecanicistas, conceba um olhar sobre o presente, a história e a existência humana”.

Se essa mitização das ciências humanas vier a se constituir uma realidade, os fatos e a história do homem cederão espaços ao indeterminado, ao imprevisível, ao contingencial, que serão captados nos significados múltiplos do imaginário, na força simbólica da vida cotidiana, na complexidade da memória involuntária na qual está presente a intersubjetividade das experiências. Nessa realidade existencial humana, torna-se válido interpretar códigos linguísticos, comportamentos e práticas simbólicas que permeiam as relações cotidianas e estruturam a produção intersubjetiva dos sujeitos. O imaginário pode ser então entendido como um “quadro compósito que expressa o sentido da trajetória do pensar, do sentir e do agir humano”. (CARVALHO, 1997, p.19).

Esta forma de percepção das coisas nos permite entender o tempo e a história pela sincronicidade de tempo e espaço e o cotidiano como uma rede de descontinuidades, composto por um mundo fantástico de imagens plurais, que possibilitariam que a vida individual e social se surpreendesse com as expressões que elas fossem tomando. Uma postura dessa natureza, diante da realidade existencial, expressa um reencantamento simbólico que encaminha a criação de utopias para o homem e possibilita a elaboração de uma nova consciência do mundo, na qual esteja presente a remitologização da sociedade como algo importante e forte no processo social. Portanto, o reencantamento fundamenta-se na imprevisibilidade de todas as ações humanas, na força e sentido que o indivíduo dá ao que

é vivido por ele, que é um misto de paixões, diferenças, ressentimentos e desejos, que propicia o entendimento da relativização das certezas assumidas ao longo da história e a recuperação da capacidade de imaginação das pessoas, oferecendo condições para o rompimento com a visão cartesiana fragmentária da ciência e a abertura de espaços para a produção de um ser social numa perspectiva mais universalista.

Essa nova atitude busca recuperar o encantamento do homem pela sua própria existência e práticas sociais a partir do reconhecimento de que houve uma ruptura que afastou a ciência do universo dos sentidos, das sensações e imagens, como se este fosse um mundo ilusório, não real.

Tendo em vista o problema de pesquisa privilegiado por nós para estudo no sentido de identificar as expressões de encantamento e desencantamento sobre a educação evidenciadas pelo educador da escola pública e da escola particular na cidade do Natal, e diante do referencial teórico assumido como suportes para a nossa análise de dados, cabe-nos, agora, caracterizar as instituições - alvo do nosso trabalho, no sentido de dar um perfil da situação vivenciada pelos professores, permitindo-nos uma contextualização necessária ao entendimento das condições objetivas de vida que possibilitam a assunção de atitudes de encanto e desencanto no cotidiano da prática educativa.

A rede pública municipal e estadual foi privilegiada por nós por termos assumido um compromisso de colaborar com a educação pública, além do conhe-

cimento sobre as condições objetivas do trabalho do educador nesses tipos de instituição. A rede privada foi, também, privilegiada no nosso estudo porque tivemos a intenção de verificar se havia diferenças marcantes entre os referentes sociais do educador de escola pública e de escola privada, além de nos permitir uma análise mais ampla a respeito da questão. Tornou-se importante ressaltar que as escolas foram selecionadas a partir de uma análise das condições materiais de trabalho, do seu porte físico - organizacional e da existência de um projeto pedagógico que servisse para aglutinar os profissionais integrantes dos seus quadros. Para tanto, informações foram obtidas junto às Secretarias de Educação do Município do Natal e do Estado, junto à ANPAE\RN (Associação Nacional de Política e Administração da Educação - Seção estadual do RN) e de sorteio aleatório. Dessa forma, pudemos visitar as escolas sorteadas e estabelecer um contato prévio com os professores integrantes dos seus quadros para permitir a criação de um clima de cordialidade entre pesquisador e pesquisado, além da verificação do clima organizacional.

Pudemos comprovar que as escolas da rede pública municipal e estadual, tanto as de pequeno porte como as de grande porte, apresentam características semelhantes no que diz respeito à existência de um plano de trabalho. Em geral se desconhece um plano de trabalho prévio elaborado para a instituição, ou não existe de fato. O que existe é a orientação dada pelas Secretarias de Educação para o cumprimento da es-

trutura curricular, carga horária semanal e dias letivos anuais, além de sistemática de avaliação e recuperação da aprendizagem. Normalmente o clima organizacional é cordial entre os profissionais, mas há o reconhecimento de alguns problemas ligados a condições materiais de trabalho, à escolha e exercício da direção das escolas e à falta de incentivo para os educadores pelos órgãos governamentais e ou dirigentes de estado.

Quanto às escolas da rede privada, existe, via de regra, um plano de trabalho socializado, cobrado e assumido pelos administradores e professores das instituições. O clima das escolas é cordial, há clareza de papéis a serem assumidos por cada um, o trabalho é acompanhado de uma forma próxima, há uma preocupação com a produtividade e a atualização dos educadores e das instituições, e as condições materiais de trabalho são diferenciadas das da rede pública. Nesse último aspecto, há uma diversidade de condições entre as escolas da rede privada de periferia, que são de menor porte e menor complexidade organizacional, em relação àquelas de maior porte, que apresentam uma enorme complexidade na sua estrutura física e de papéis a serem desempenhados no processo de gerenciamento. Assim, quanto maior a escola, mais complexa a organização e mais hierarquizada; quanto menor, menos complexa e menos hierarquizada em termos de quantidade de funções. O que não significa que não existam o acompanhamento e as cobranças claras em torno daquilo que se constitui papel a ser desempenhado por cada um dos profissionais.

Esse rápido perfil institucional permite entender que o momento de modernização e desenvolvimento vivenciado pelos educadores das diferentes instituições apresenta características próprias às diversas formas de organização escolar e demonstra que a estrutura social contemporânea assume nítidos privilégios para uns e exclusão para a maioria da população. Assim, para umas instituições as condições objetivas de trabalho são promissoras a uma produtividade maior, enquanto que para outras há uma precariedade tanto no aspecto físico, quanto no material humano e didático-pedagógico.

Para situar as expressões de encantamento e desencantamento do educador, utilizei a estratégia metodológica de Bardin (1978) no que diz respeito à técnica da análise da enunciação. Essa técnica de análise de conteúdo é adequada quando se usa a entrevista aberta ou semiestruturada para entender-se como a lógica dos discursos foi elaborada. Para tanto, inicia-se com uma leitura global e geral de cada uma das entrevistas para se ter uma visão ampla de cada um dos discursos. Depois dessa análise preliminar, faz-se um estudo das temáticas expressas nos diferentes discursos que permite a verificação dos temas privilegiados pelos informantes, tanto aqueles de maior incidência como os de menor frequência, além das discrepâncias. Essa sistemática de análise permite que se tenha uma visão de conjunto entre os diferentes tipos de sujeitos da pesquisa e possibilita caminhar na direção da busca de percepção do discurso em processo, quando

se identificam diferentes tipos de aspectos importantes na sua construção, como permite buscar entender as condições de produção das palavras e os elementos privilegiados no processo de comunicação. Assim, o alinhamento e a dinâmica do discurso permitem entender através de uma análise lógica das relações entre as preposições e de uma análise sequencial, na qual se observa a progressão do discurso e as expressões de rupturas de raciocínio, o estilo do discurso quanto à sobriedade, lirismo, uso de litanias ou recorrências, interpolações, além dos elementos atípicos de ambivalência, denegação, ideias recusadas, lapsos, ilogismos, âlibis e lugares comuns.

Para a elaboração da análise temática, organizamos as expressões de encantamento e desencantamento, agrupando os temas surgidos nos discursos dos professores, de forma a perceber o conjunto das ideias dos educadores das escolas públicas e das escolas privadas, sendo que para estes últimos tipos de instituição, foram feitos agrupamentos das colocações dos profissionais das escolas de periferia e das escolas de maior centralidade no município de Natal.

As expressões de encantamento dos educadores das escolas públicas da rede municipal e estadual apresentam a seguinte manifestação temática: “para trabalhar em educação é preciso gostar de lidar com pessoas; gostar de trabalhar; ter claro que o importante é que o aluno aprenda; sentir gratificação quando o aluno que não sabe aprende; acreditar ser uma pessoa positiva porque diz o que pensa e, com isso,

contribuir para o crescimento de outras pessoas; saber que o trabalho é árduo, mas é gostoso quando se consegue um objetivo; sentir gratificação quando vir o aluno progredir; adorar ensinar; esquecer-se de tudo quando entrar em sala de aula, o mundo é só aquele; trabalhar com gosto leva-se a tratar bem os alunos ; o trabalho está em primeiro lugar; adoro o que faço e a maneira como os alunos me tratam; tenho gosto pela profissão e isso é o que importa; sinto-me gratificado; acredito que é possível, das minhas mãos, futuramente, sair um engenheiro, um médico e outros profissionais importantes para a sociedade; o que eu faço está dentro do que eu gosto; trabalhar em educação é como se fosse um dom e se tem que ter doação para ser um bom educador; deve-se doar por completo à criança; se não tiver dom, não vai ser bom profissional; gosto de trabalhar na escola, pois temos um vínculo de amizade muito grande; somos uma categoria muito unida aqui na escola; aqui é uma escola boa de se trabalhar; eu gosto muito de ajudar e de trabalhar aqui, sempre estou doando meu trabalho; a gente está sempre combinando e tomando decisões pela maioria; a escola é como se fosse uma família; é fácil e bom, dependendo da pessoa ter aquela vocação; procuro fazer o máximo, acho que, devido a gostar tanto, me dou e faço o possível para levar o melhor para o aluno; de certa forma eu nem acho difícil trabalhar em educação, porque eu gosto de fazer; quando estou na sala de aula, esqueço salário, as dificuldades e procuro levar o máximo de informação para uma aula proveitosa; é gratificante

pegar uma criança totalmente sem saber e chegar no final do ano e cada palavra que ela aprende é uma satisfação que a gente tem, isso é estimulante e a gente aprende muito com eles também; o que é positivo é só a troca de experiência e o carinho que as crianças têm com a gente, pois eles são muito afetivos; tem coisas que se consegue trabalhar com os meninos de rua, como o respeito, conversando a gente vai conseguindo e eles tornam-se quase filhos, é gratificante esse outro lado da relação humana; o que a gente tem que fazer para melhorar é mostrar experiências, trocar com os outros e parar para analisar; é difícil mas quando a gente gosta, fica mais fácil.”

É possível perceber, pelas expressões de encantamento colocadas pelos professores das escolas públicas, que suas ideias estão relacionadas ao papel que desempenham junto ao aluno, no que diz respeito à transmissão do saber, ao relacionamento afetivo, à aprendizagem de atitudes e aos valores sociais necessários ao convívio em sociedade. Ainda foi possível identificar o entendimento do exercício da profissão como um dom, uma vocação que se tem na perspectiva de uma doação a alguém para o crescimento de outras pessoas, sem observar as condições objetivas de vida do profissional que desempenha a função de educador. Chama atenção ainda a expressão de gostar da atividade que faz e de realizar um trabalho coletivo, embora em nenhum momento se perceba a evidência de uma ação com base em um planejamento geral da escola. Isso é bom e importante porque denota que o

encantamento extrapola a questão institucional e do planejamento.

Além dessas expressões de encantamento emitidas pelos educadores de escolas públicas, algumas condições para que o trabalho ocorresse dentro dessa perspectiva foram colocadas pelos professores. Portanto pudemos identificar que há quem acredite que é essencial; “reconhecer que o aluno já vem de casa com alguma coisa; que passar e corrigir deveres diariamente é importante, mesmo para aqueles alunos que não fazem, pois eles têm a obrigação de fazer a tarefa; a equipe técnica da escola pode ajudar no reforço com os alunos que precisam; a direção e a supervisão devem trazer soluções para os problemas, e não o professor; ter papel para reproduzir trabalhos para usar na sala de aula é importante; a realização de uma parada de quinze em quinze dias para falar dos problemas da escola em reunião pedagógica é importante; acreditar que a escola tem um ambiente bom para o aluno; na escola não existe professor faltoso; graças a Deus, Deus deu o dom para superar problemas; o pessoal trabalha com colaboração entre si; a criança que tem acompanhamento da família é fácil de trabalhar; a diretora, enquanto foi professora, toda vida foi organizada e muito bem da lei mesmo; esta é uma escola grande e dentro da rede pública é considerada uma das melhores, a direção é excelente e, dentro do possível, consegue ajudar e facilita o desenvolvimento do trabalho; estou numa escola que gosto muito, pois vejo o empenho da direção, a dire-

tora é uma pessoa boa, nasceu para dirigir, pois ela se doa muito”.

Essas condições colocadas pelos professores de escolas públicas para que exista um trabalho de qualidade são básicas para a existência de expressões de encantamento no fazer educativo. Percebe-se, portanto, que mesmo a escola pública não apresentando condições de trabalho adequadas a uma melhor produtividade, é possível identificar expressões de encantamento, provavelmente, decorrentes dos *imprintings* culturais ou marcas sociais consideradas positivas e assumidas pelos educadores no cotidiano da sua vida profissional.

A partir desse encaminhamento metodológico, foi possível constatar que não era fácil a categorização dos referentes sociais dos professores, de uma forma precisa, em encantamento e desencantamento como coisas opostas. Esse fato nos levou a verificar que os dados coletados permitiam encaminhar uma reflexão que o sentir-se encantado ou desencantado não eram excludentes entre si e, de acordo com o contexto utilizado, certas expressões podiam ser encaradas como uma ou outra perspectiva. Assim, conforme pudemos perceber, o caminho mais adequado para a análise dos dados poderia ser de complementar a análise temática, na qual existe uma concentração nos elementos, na natureza das interações entre eles, entre outros, com uma abordagem em processo ou sistêmica. A abordagem em processo, conforme situa Bardin (1978), permite identificar as interações entre os elementos usa-

dos no discurso, a sua lógica e os momentos nos quais aparecem certas temáticas, permitindo uma apreciação contextual. Por outro lado, a abordagem sistêmica, de acordo com Rosnay (1997), concentra-se na interação entre os elementos, mas considera os efeitos dessas interações e apoia-se numa percepção global do corpus do discurso. Nesse sentido, apesar de termos feito uma codificação preliminar em expressões de encantamento e desencantamento dos professores, resolvemos partir para uma simulação de um modelo de análise que permitisse levar em conta toda a complexidade das variáveis temáticas surgidas nos discursos. O autor complementa ainda, afirmando que, “a simulação estuda o comportamento, no tempo, de um sistema complexo”. (ROSNAY, 1997, p. 109)

Em relação às expressões de desencantamento dos educadores das escolas públicas, foi possível constatar que há um número muito maior daquele que foi considerado por nós como expressões de desencanto, do que aquelas categorizadas como de encantamento no desenvolvimento das atividades profissionais. Dessa forma, pudemos identificar as seguintes manifestações de desencantamento: “sentir-se diminuído por trabalhar na primeira série do 1º. grau e por isso não ter o que pesquisar; a supervisão não dá acompanhamento; há falta de assistência da equipe técnica; tenho o sentimento de estar fazendo o meu trabalho só; existe transferência de responsabilidade; há falta de apoio por não se ter material didático\livros; há falta de acesso ao material; a escola jogou um plano de traba-

lho construtivista; sentimento de despreparo para realizar o trabalho docente; há falta de participação dos pais; a maioria dos alunos não vem com nada: o ensino estadual está deixando muito a desejar mesmo; existe tudo em cima do professor; há um sentimento de insatisfação com a escola; há rigidez no horário do professor; há flexibilidade no horário do supervisor; há falta de flexibilidade de horário; quando há um imprevisto no dia da reunião pedagógica, ela só acontece após uns 45 dias de espera para concluir o rodízio de reuniões com os professores das outras séries; há falta de pontualidade na entrega de livros didáticos nas escolas; o custo com a manutenção dos alunos é considerado muito fraco; as crianças que estudam na escola não são da comunidade local, vêm do loteamento e da favela; o salário é baixo e é o que pesa mais; após dezessete anos de trabalho recebo um valor muito pequeno para ter condições de uma vida melhor; o salário baixo contribui para muitos não terem gosto para dar aulas; creio que se fosse apenas pelo salário ninguém vinha para a escola; não tenho vale transporte e tenho que pagar ônibus para vir à escola pois não moro perto; há “picuinhas” porque no dia de pagamento não se dispensam as aulas; há uma preocupação de busca de verificação de quem é a culpa dessa situação: do governo, do aluno, do educador... e, quando se vai procurar os culpados, ninguém é...; não há reconhecimento do trabalho do professor e ele se sente revoltado; nós temos que aceitarmos tudo, amém.; os alunos são os únicos perde-

dores nisso tudo; a direção reclama de barriga cheia porque nós somos responsáveis; leva-se em consideração coisinhas assim miudinhas e isso vai fedendo...; quem gosta tem que fazer esforço, pois a dificuldade é grande; não tem total apoio da escola; faltam recursos e aumento de salário; fazer as coisas só pela parte financeira não adianta; o professor é desgastado... a gente se desgasta muito em trabalhar na sala de aula; o professor tinha que ser mais valorizado; muitos alunos vêm para a escola pela merenda e se evadem ou faltam quando não tem; tem gente que se sente superior aos outros, embora eu aqui ainda não vi isso; eu ainda não me entrosei muito no trabalho; aqueles que não têm acompanhamento da família é difícil; falta incentivo dos pais aqui; necessidade de melhorar a relação escola\ família; aqui tem sempre quem seja do contra; é difícil trabalhar em conjunto; enfrentamos problemas com a direção... é uma pessoa difícil de se mudar, mas é aquela pessoa que se souber levar, você consegue; quando muda a direção, muda tudo, vem de lá de cima e a gente tem que trabalhar conforme a direção vai trabalhando; a direção é uma pessoa boa, mas nunca tinha trabalhado em direção; direção já viu como é, sendo cargo de confiança; falta o chefe valorizar o nosso trabalho, que dê valor ao professor de ensino fundamental; não existe curso pra professor de ensino fundamental, não tem atualização, nós não temos nada; é o professor com seu pouco salário e que tem interesse de procurar comprar livro pra se atualizar; precisamos de que exista material didático

nas escolas, pois não existe; tem uma política muito bonita, uma campanha muito bonita mas não existe material; o acervo da biblioteca escolar que existe há não sei quantos anos, já está tudo rasgado, sem capa e sem folha; O MEC gasta com comerciais de coisas bonitas, só que não veio esses livros... eles têm que ver o ensino fundamental que é a base de tudo; eles tem que ver que passaram por um ensino fundamental, mas eles acham que não existe; eu sei por quê. Porque eles querem todo mundo alienado, eles não querem ninguém sabendo de nada; se for atualizar o professor de ensino fundamental, o aluno vai ficar atualizado, vai ter interesse para estudar, para saber, para pegar uma Veja, para ver toda realidade; se não tem um professor que encaminhe para isso, ele vai catar lixo, ele vai roubar, ele vai tomar droga; eles só querem que a pessoa cada dia mais se afunde; de cem, um é para saber alguma coisa, e um só, não vai levar para noventa e nove. Se fosse o contrário, não era melhor, todo mundo sabendo; falta o respeito ao professor. Não temos e não recebemos o respeito de ninguém, em geral. O respeito é muito importante. A valorização é muito bonita; nós sabemos também que nem toda categoria, todo profissional é bom. Existe em toda profissão o professor, funcionário, ou seja, aquela pessoa relapsa; por causa de um professor que não liga, não tem interesse, não se interessa por nada, e todos os outros que querem alguma coisa, vão pagar por aquele?; não, aquele professor eu não quero, não quer nada, aquele educador não tem nada; eu

participava de cursos de atualização porque eu trabalhava com educação especial e, antigamente, era muito atualizada; depois que inventaram aquele negócio... ah! O aluno vai ficar taxado. Aqui ficou aquele entrave, acabou-se educação especial e nem reuniões nós temos; acabou-se tudo de atualização. Aí, cada vez o professor vai ficar mais afastado, se não tiver interesse e ler, não se atualiza nunca, não tem condições de assinar uma revista, caríssimas as revistas, não tem condições de comprar todo mês; se o governo não olhar para nós, educadores, futuramente educador vai ser luxo como padre. Antigamente, quase toda família tinha um padre, um seminarista. Do mesmo jeito era o professor, tinha pai que tinha orgulho de ter um filho professor. Futuramente, ninguém vai mais querer. Eu não vou dizer que minha filha seja educadora. Não, ela deve seguir o que tiver vontade, o seu dom ela é que sabe o que é, mas lembro a ela que, se for educadora, vai trabalhar porque gosta de ensinar. O salário é minoria; no dia do pagamento, o ano passado, um aluno meu disse que gostaria de ver o meu contracheque. Eu mostrei. Ele disse: - professora, é só isso? Meu pai faz muito mais do que isso na feira de Igapó. Eu tinha vontade de ser professor porque eu pensei que professor ganhava dinheiro, mas agora, meu pai, ele faz muito mais numa feira. Eu disse: 'não se iluda porque ganho muito pouco'. Pode ser que um dia eles percebam que nós merecemos alguma coisa, e é isso que nós educadores esperamos. Que um dia o governo olhe para a gente e veja

que nós precisamos disso; gostaria que, se por acaso esse seu material chegasse às mãos do nosso atual governador, ele olhasse pelo recesso aí dos professores, acesso, aliás. Pois muitos terminaram o curso superior e estão aí, esperando esse acesso; se esse seu trabalho o governador conhecer, que ele tenha uma piedadezinha e veja se esse acesso sai; o apoio é pouco; a maior dificuldade que eu encontro é a falta de colaboração dos pais; também a falta de participação dos governantes é outra dificuldade; falta material, a gente não tem livros didáticos. Não tem livros para trabalhar com 28 crianças. Papel para se fazer um trabalhinho rodado não tem. Nem giz está tendo agora; às vezes a gente vem com a cabeça tão preparada para dar aula e quando chega não tem giz, não tem nada, só boa vontade da gente e às vezes muito pouco; se pedir uma coisa ao pai, não tem, não dá e tal; bendito salário também. É a primeira coisa que influencia a gente, e se a gente for trabalhar pelo salário, ninguém trabalha. É um salário muito desagradável. A gente assume uma responsabilidade, não vai pensar nisso, porque se a gente for pensar, no mês que a gente vai... no dia que a gente vai receber aquele dinheiro, nem estava na sala de aula. Mas que isso, a gente deixa pra lá e vamos enfrentar a realidade, a profissão, a responsabilidade; trabalhar nesta escola se torna um pouco difícil por causa de muitas divergências que existem; a diretora, ela é uma pessoa ótima, ela gosta de andar na linha reta, muitas cabeças para ela dirigir não é fácil; divergência sobre planos,

com os planos dela; a decisão é pela maioria que pensa diferente da direção; o que falta para a educação é uma força maior dos governantes; que os pais, pelo menos, participassem das reuniões, pois só vem a minoria; não é fácil, não acho que seja fácil tudo; não tem apoio: o salário é muito baixo; não tem material; a clientela não é fácil: a clientela do supletivo é difícil, porque fica sem estudar muito tempo, são meninas da vida e não tiveram berço, não foram ensinadas coisas principais. A maneira deles se comportarem eu não concordo. Pensam que a forma de você pensar é boba. Mas eu me sinto bem, gosto da escola e dos alunos, apesar do problema deles, eu tento ajudar; de uma certa forma a gente aqui tem o apoio da diretoria; na escola do estado falta tudo, não tem trabalho programado, como na particular, que tem uma equipe que apoia, planeja, tem uma linha... aqui fica tudo muito solto, ninguém dá nem cobra, nem a gente sabe o que está fazendo, depois sabe avaliar o quê?; na escola particular você tem uma linha de trabalho, quem lhe orienta e cobra, e de certa forma, auxilia alguma coisa; falta tudo na educação, está uma coisa crítica, a situação está feia hoje. No Estado a educação é um faz de conta, porque todo mundo, os professores não dão aula, tem greve, o aluno não vê o programa todo, falta tudo, não tem apoio, não tem salário e não tem interesse; Falta livro, falta incentivo, falta melhorar o professor, falta estímulo e fica um círculo vicioso; geralmente, quando se chega, a besteira está feita, você já chega tarde, a clientela enfrenta problema de gravi-

dez precoce, há perda de crianças, as alunas aprenderam a fazer sexo muito cedo e não têm medo; isso choca muito, pois são crianças de quinze, treze, quatorze anos e geralmente são domésticas; é muito difícil, realmente é um trabalho difícil, você tem que se doar e se pensar no todo profissional, é difícil fazer um trabalho razoável; não temos nenhuma condição de trabalho, até a parte financeira, nós que trabalhamos em educação temos aquele lado sacerdotal de realmente gostar; tirando a parte financeira eu não tive dificuldade, embora falte material para se ter uma aula diferente; quando se trabalha numa escola de periferia, é mais difícil porque não tem ajuda; eu acho que falta, não é pra mim como educador, é um incentivo para que os educadores se interessem, se esforcem para fazer um bom trabalho na escola pública e na privada; trabalho muito, o dia inteiro em uma escola pública e outra privada, chego cansada, mas procuro fazer o máximo; tem professor que chega tão cansado que não se esforça mais devido à correria; tem falta de condições financeiras, salário muito ruim leva a trabalhar em três escolas diferentes e não tem condições para dar uma boa aula e apresentar um bom trabalho; não tem condições para preparar uma aula, para pensar, só na escola privada; quando chega na escola do Estado, o professor quer enrolar para a hora passar; acho que se tivesse um incentivo, que o governo pensasse em melhorar o salário do professor, que ele pudesse se dedicar à escola pública, com tempo para preparar aulas, se reciclar, isso requer

incentivo do governo; mas infelizmente o salário não permite que façamos isso; a educação já chegou ao fundo do poço, não temos mais saídas; me preocupa porque quem está nas escolas públicas é filho de trabalhador, pessoas que não têm culpa do sistema que tá aí; gostaria que tivesse alguma saída, um salário que se pudesse melhorar as condições de trabalho na escola pública para o professor se dedicar mais, fazer um trabalho de qualidade para o filho do trabalhador, pois a escola pública está um caos; hoje é muito difícil, não temos respaldo. Na rede estadual não tem material, apenas quadro e giz, há dificuldade em rodar um trabalho pela falta de papel, não temos condições de trabalhar; a criança já vem de casa desestimulada e muitas vezes sem ser alfabetizada; as crianças vêm totalmente brutas para serem trabalhadas, a partir de como pegar num lápis, no caderno, as formas das letras; há falta de estrutura e de material didático; aqui é difícil, igual a qualquer escola, tem-se a impressão de que a escola é bonita. Realmente, ela é bem estruturada, mas temos os mesmos problemas das escolas menores, talvez até uma escola menor seja melhor, se tenha mais acesso ao material; temos que trabalhar com criatividade e, depois, cresceu muito, exige mais; falta vontade dos governantes para melhorar, o discurso deles é muito bonito, a realidade do dia a dia é outra. Só sabe disso quem vive a escola, porque os pais só recebem as informações; esses livros que falaram que vinham para a escola, até hoje a gente trabalha com poucos, a gente usa mesmo é a

criatividade, os livros que mandam pra gente já vem tudo pronto e não é dentro da realidade; há leituras grandes que os alunos não sabem, eles definem os livros nos gabinetes e jogam pra gente, não temos a liberdade de escolher o que queremos; trabalho com cartilhas, formando palavrinhas; os livros praticamente ficam de lado. A parte financeira do professor não dá condição de roupa, condições de trabalho não temos; trabalhamos de janela fechada, porque senão os alunos não enxergam o quadro (luminosidade) e fica um ambiente sufocante, calor e agitação, o que dificulta o raciocínio; condições físicas temos em parte; a escola é bem estruturada falta a parte financeira; trabalhamos felizmente por amor, financeiramente não compensa; trabalho porque foi uma opção que fiz e os meus alunos não têm nada a ver com isso. Se não estou satisfeita, eu é que saio; minha obrigação é fazer o trabalho o melhor possível. Quando entro em sala de aula, o meu salário sempre esqueço o tempo todo. Nós temos dificuldade em reciclagem, não temos nenhuma; a gente tem que estar dentro da realidade que engloba o aspecto financeiro; a opção foi minha, é por isso que eu estou caminhando na educação. Realmente foi uma opção, né?, cedo eu já queria ser professora, aquele velho sonho, depois, quando a gente entra, vê que a realidade é outra, desestimula, tem decepções, mas continua caminhando; apesar de não ter estímulo, não ter incentivos, ainda estou por isso, pela opção e me sentir caminhando; ainda tenho perspectivas de melhorar; é difícil, mas sempre há alguma esperança; pas-

sei por outras áreas, fui coordenadora de secretaria, trabalhei de gabinete, mas quando terminei o curso, vamos para educação. Muito difícil se você tem ajuda será o educador bem-sucedido, quando tem apoio e trabalha na escola totalmente estimulado. Mas como a gente trabalha “no estado”, a gente deixa muito a desejar, nosso trabalho é falho, não temos condições de fazer um trabalho melhor, não temos apoio da secretaria, as escolas estão defasadas, as crianças vêm com fome e, quando acaba a merenda, nesses dias ela não está aprendendo, embora você ensine; material escolar é um material defasado, se quiser trabalhar, não tem material, não dispõe de uma equipe técnica pra você trabalhar; o problema “do estado” não tem um “encadeamento”, como toda escola deve ter; uma escola particular, quando você pega para trabalhar, existe todo um acompanhamento do diretor, mas na escola do estado a gente não vê um trabalho; é todo cortado, passa uma prova para tirar as cópias, mas ninguém reclama se tá bom, se tá errado, se tá certo, isso é constante no estado. Não estou falando desta escola, mas do geral, do estado. Acho que os políticos não estão voltados para a educação, a educação é o último lugar, o último, entendeu? Só lembram dos professores quando está perto da politicagem deles. Se lembram de mandar alguma coisa, de mandar uma merenda melhor, isso a gente nota; deixar de cobrar mais do professor para ser aquele político bonzinho; a educação vai decaindo e a gente como profissional também; é desestimulante você dá, dá e nunca recebe, é um professor compromete-

tido e as promessas feitas no início não são cumpridas e a gente tá trabalhando cada vez mais deteriorado. Por mais que você queira tem pessoas que não querem; tenho vivência grande, pois trabalho em escola particular e do estado e são duas coisas totalmente diferentes; eu sinto que no estado a educação está muito a desejar e longe de chegar, cada dia tá pior, é muito difícil trabalhar no estado. Principalmente porque a direção, como cargo de confiança, já vem comprometida, a direção é comprometida com o sistema, um diretor não pode ir contra o governo, os professores vão, mas não é acatado; a defasagem salarial é um absurdo, não se tem estímulo para ir para uma sala de aula. Se diz: não, mas é amor. Não existe isso, esse negócio de trabalhar só por amor, hoje em dia, não tem como; é difícil vir para sala de aula deixando seus filhos, não tem tickets para vir trabalhar, não tem como se vestir, e você vai achar bonito, estar linda numa sala e maravilhosa ganhando o que você ganha, é impossível. A não ser que a pessoa não seja humana e não goste de si, não dê valor ao seu trabalho, os direitos trabalhistas, como terço de férias, ainda não foram pagos. O professor ainda tem o compromisso, e por isso é que ele se desespera mesmo; é deprimente, desgastante, enquanto não melhorar essa estrutura pública que está aí, é muito difícil a educação melhorar. Olhe, a saúde, a educação são dois pontos chaves; é um problema nacional. Enquanto o presidente da república não der prioridade à educação no estado, as coisas não melhorarão; estou

achando difícil, porque os políticos são comprometidos em ganhar a eleição e pronto, não têm compromisso com a educação, pois já ganharam e estão no poder; quando mudam é uma coisinha e isso é a educação; aí mais analfabeto e mais desestímulo. Há falta de estímulo e de acompanhamento, o que gera esse caos na educação; falta compromisso do governo, faltam bons educadores, pessoas comprometidas, um salário digno, pois sem um salário os professores não trabalham, os professores são super revoltados com o que ganham. Não é brincadeira você trabalhar e ganhar um salário miserável e ainda atrasado e sem tickets; enquanto não houver prioridade ao professor, os professores se dedicam, mas são uns revoltados porque não ganham suficiente para sustentar a família, a partir da pessoa ir para sala de aula recebendo oitenta ou cem reais, é um professor revoltado; compete à direção da escola ter esse diálogo com a Secretaria de Educação para ver o que pode fazer. A Secretaria diz que não pode fazer porque o governo do estado não fez e o presidente não liberou verbas, aí vêm problemas e sempre quem sofre são os alunos; o alunado está na escola e não tem condições; falta papel, se pedir um material não tem de maneira nenhuma, não tem uma pessoa que esteja ali para orientar os professores, o professor é totalmente solto, não existe este elo. Quando houver o elo para desenvolver um bom trabalho, o que não vai existir nunca... não tenho alunos daqui da comunidade, quase todos são da Zona Norte. Só dois alunos são daqui pois são filhos de em-

pregadas domésticas; o aluno daqui do bairro estuda em colégio particular. O aluno desta escola ou é da Zona Norte ou das Dunas, Santarém, Nova Natal, é um alunado pobre que vem sem merenda para a escola, que precisa muito, vem para a primeira série com dez anos, já passando para a puberdade, cria problema, pois o trabalho que a gente faz com a criança de sete anos é o mesmo que a gente faz com o adolescente; isso dificulta muito as escolas do estado. Os alunos excepcionais que apresentam problema de meningite e não aprendem nada precisam de escolas especiais. O governo tirou essas escolas para excepcionais e aí tem que vir para a escola junto, ser trabalhado como aluno normalmente, isso é uma dificuldade mesmo para o professor. O estado não dá condições para se trabalhar com esse aluno que faz xixi na roupa e o professor é que vai limpar, faz cocô, não há nenhuma condição, mas se joga na sala e nem se procura saber se o professor tem condições para fazer aquele trabalho, mas é obrigado porque o governo mandou, e o tempo que se perde com o aluno excepcional e os outros que ficam na sala?; quem trabalha na Clínica Heitor Carrilho é um trabalho de doação, um trabalho que se passa o dia inteiro e apenas três ou quatro alunos para um professor, e não vinte e cinco a trinta alunos; na escola pública que tem excepcional não existe um ajudante, uma pessoa para fazer o trabalho de limpeza do aluno; a escola do estado está assim, chegou, entrou e vai chegando e entrando, com cinquenta alunos em sala, um aluno espera que o outro se levante para sentar,

sem cadeira; o governo colocou assim, o aluno de primeira série que saiba ou não saiba ler vai para a segunda série (aprovação automática), isso desestimula o professor, os alunos passam tudinho. Tenho compromisso como professor, que quase muitos não têm. Tem alguns que não são comprometidos; tem professor que está na educação porque é um lugar que acham mais fácil, aí não tem essa de vocação de ser professor, no final do ano passa tudo. Já vi colegas questionando o trabalho que faz e, no fim do ano, passa todo mundo, e assim vai deteriorando cada vez mais o ensino público; acho que o aluno só tem que passar se tem uma visão pelo menos de palavras, sem ter noção de nada eu acho muito difícil, cria problemas para os professores aqueles que são alfabetizados dos que não estão. O trabalho eu desenvolvo como posso, dentro das condições que me dão na escola e, se não me dão, eu não sou capaz de fazer; é deprimente, é angustiante trabalhar na rede pública, porque existem muitas barreiras, o governo não se preocupa se vem mais greve, o aluno passa três meses sem aula e depois da greve as aulas são pagas aleatoriamente através de trabalhos, onde o aluno já perdeu. A gente procura fazer alguma coisa em sala de aula, pois tenho um embasamento grande, trabalho em outra escola de linha construtivista, mas já fiz uns três cursos disso e pego de lá e trago para a minha sala de aula, mas nem todo mundo tem essa oportunidade; tem professor que sai de um curso pedagógico mal feito e vai para a sala, nem sabe dar uma aula, nem expor, nem trabalhar com criança. Eu vou

me aposentar para o ano, se Deus quiser, e vou deixar a educação. Gosto muito de educação, mas eu não levo muitas coisas boas da educação do estado; eu levo muitas coisas tristes, você passar vinte e cinco anos e não ver perspectivas de um bom salário, o professor precisa ganhar bem para trabalhar, pois ele se acaba pela questão salarial; não tem perspectivas para a educação, as coisas muito bonitas chegam, mas depois a gente vai vendo que aquilo que foi pregado pela direção não é cumprido, pois o estado não dá condições. A direção não tem culpa disso, é todo o sistema político, a conjuntura política; para que haja um bom ensino é preciso que todos os políticos se unam e olhem para a educação, que eles se envolvam com a educação, principalmente pelas crianças mais pobres que não podem ir para a escola particular; do jeito que está jamais um aluno de escola pública conseguirá atingir um vestibular, são poucos; enquanto não houver interesse dos políticos, a gente não vai ter como trabalhar para ser bem sucedido; é um sacrifício grande trabalhar em educação. É muito bonito, foi uma escolha minha mas tenho me decepcionado bastante com a profissão porque a gente espera tanta coisa, espera fazer coisas... uma coisa significativa, um trabalho que venha ajudar a sociedade; tem muitos entraves, muitos pontos negativos, mais negativos. A gente não depende só da gente, requer muito mais do que a simples escola, o simples professor, depende de muitas outras coisas; a gente não tem ajuda, a gente fica sozinho; gostaria da ajuda de outros segmentos

porque a escola não é só do professor, é um todo; a gente se preocupa em trabalhar de uma forma significativa, mas tem tanto empecilho e termina fazendo uma coisa que a gente não gosta, um trabalho que não satisfaz sequer o professor, não é significativo nem para a gente nem para o aluno, mas a gente não está preparado e se sente até diminuída, não se tem condições; na escola é cada um por si e Deus por todos, não tem aquela integração, não existe um trabalho coletivo, os professores são muito isolados, ninguém ajuda ninguém, a gente tem necessidade de trocar uma ideia, mas não tem como, não se para para estudar, nem planejar, não se tem organização na educação; tem muitas coisas que a gente não consegue e não se tem como suprir. Há deficiências enormes, tanto internas como externas, há o problema da família, problemas financeiros, do pessoal de apoio, os pais, famílias malformadas. A escola tem que ser integrada escola-família, isso é importante, só que na teoria se fala, mas na prática é diferente; há um isolamento por falta de tempo para reunião, para se debater e planejar, a escola não pode parar para planejar e somos mandados pela Secretaria, que impõe. A escola deveria ser flexível, a organização, a administração não é; a escola deveria fazer uma maneira que visse que tinha rendimento, nunca vai melhorar, não tem autonomia. Está faltando tudo, a classe dominante sempre impondo e determinando tudo; dizem que estão tentando uma reforma na educação, mas está tão devagar e tão difícil de chegar... todos nós

temos vontade de melhorar, o professor tem vontade de fazer alguma coisa, às vezes não pode porque é difícil mudar. Tenho trinta e dois anos de magistério, desde que comecei vejo coisas para mudar e não consigo; há necessidade de ter mais acompanhamento, os governantes olhem mais para o professor, para o salário, pois isso influi, não se deve trabalhar só pelo dinheiro, mas já ouvi professor dizer: 'Eu não trabalho porque não ganho para fazer isso'. Meu modo de pensar é diferente, quando eu sei fazer, eu faço. Tanto faz eu ganhar o que ganho hoje; eu faço meu trabalho, me esforço, procuro melhorar e fazer o máximo. Se eu ganhasse mais, faria do mesmo jeito; não vou muito por esse negócio de dizer eu não trabalho direito porque não ganho para isso. Tem muitas coisas que a questão material das escolas, acesso a material didático, escolhe-se um livro e vem outro e é tudo distorcido; as coisas na educação são distorcidas, eles falam muito bonito, está tudo muito bom, muito fácil, vai depender dos professores, entregam toda a responsabilidade no professor sozinho (não!); o trabalho em educação é árduo, precisa muita vontade de trabalhar porque a situação não é boa. Fazer um trabalho bom é impossível, mas pode melhorar alguma coisa; agora tô vendo que não é fácil, tem muitas coisas por aí que atrapalha. A minha escolha para trabalhar em educação se deu pela falta de opção, não tinha outra alternativa e não nasci para ser educadora; minha filha queria fazer curso de educação, comecei a mostrar a realidade da educação, do educador, da profissão, aí a filha mudou de ideia

para enfermagem, graças a Deus. Eu estou muito feliz. O outro faz engenharia. Desculpem se eu não agradei com o que falei, às vezes a gente até mente, mas isso que falei foi a verdade. No momento eu acho que menti, omiti, saiu por acaso, mas agora estou dizendo a verdade que para mim educação não foi opção, mas o único caminho”.

Diante desses referentes colocados pelos professores das escolas públicas estaduais e municipais, que foram entendidos por nós como expressões de desencantamento, torna-se necessário compreender que existe uma liberalidade no fazer pedagógico sem um maior controle por parte da administração das escolas e das Secretarias de Educação. Alguns professores chegam até a se dizerem angustiados diante desta “liberdade”. Há uma expressão clara de uma consciência política a respeito do papel do Estado diante da educação (embora essa consciência fique à mercê de uma fundamentação bastante linear de sentimento de culpa) no qual é responsabilizado o político ou o dirigente de estado em vários níveis, ou o próprio educador. Percebe-se a defesa de uma prática de educação de forma tradicional, com base em uma centralização administrativa, distribuição funcional de papéis e cobranças, através de um acompanhamento mais direto da ação docente e do próprio papel do aluno na sala de aula, como sendo o daquele que vem aprender o que o professor sabe. Há expressão de nomes de teorias que podem fundamentar a prática educativa com explicações que denotam um desconhecimento dessas teorias

e uma confusão com métodos de trabalho. O individualismo é apontado como um motivo bastante forte para que as coisas não funcionem como deveriam na escola. Há uma contradição forte no sentido de que, enquanto se percebe a necessidade de se atribuir a responsabilidade maior na atuação do professor, coloca-se a falta de condições materiais das escolas. O professor é tido, mesmo assim, como o maior responsável pelo mal funcionamento da escola, inclusive pela evasão e repetência do alunado, mesmo que ele seja jogado na sala de aula sem ter a mínima condição.

Mesmo achando que o problema não é só do professor, foi ressaltada a necessidade da competência deste e se verificou que algumas habilidades foram ressaltadas, como a música, o desenho e letra legível, além de gostar de crianças. Há uma tendência muito forte de atribuir a responsabilidade da situação da educação para o governo, a família, o próprio aluno e a falta de treinamentos para capacitação docente. Constatou-se que não há segurança nas teorias utilizadas para fundamentar a prática pedagógica e evidencia-se um conflito entre manter uma ação na perspectiva tradicional ou mudá-la. Percebe-se uma certa clareza sobre o papel da escola no que diz respeito à transmissão do conteúdo, para que haja a aprendizagem, entretanto não ficou evidenciada uma compreensão quanto à relação dos problemas identificados dentro do processo histórico-social mais amplo.

Um aspecto relevante para ser ressaltado é quanto ao planejamento do trabalho na escola e às paradas

para reuniões. Constata-se uma prática de planejamento bem tradicional e sem nenhuma funcionalidade para o educador na sala de aula, além de uma falta de competência administrativa da administração da escola para lidar com o professor no sentido de demonstrar a necessidade do planejamento e encaminhá-lo numa perspectiva mais dinâmica. Essa prática tem fixado uma ação isolada entre os professores, o que leva a um individualismo e à dificuldade de se empreender um trabalho mais coletivo.

A atitude do educador frente ao aluno é outro aspecto que merece destaque, porque a interação do educador com o educando encaminha ou desencaminha o processo de aprendizagem. O gosto e o prazer do contato com o aluno foram bastante ressaltados, independentemente de sua condição, porque o que conta é a alegria de vê-lo aprender. Ficou claro ainda que se torna importante a expressão do sentimento de bem-estar e de competência para realizar um trabalho em sala de aula.

Merece especial atenção a questão salarial do professor, que aparece na maioria dos discursos dos entrevistados das escolas públicas e em circunstâncias variadas, denotando o reconhecimento do grande valor atribuído pelo docente a esse referente social e o que ele representa para o profissional em termos de valorização, situação social, possibilidade de aquisição de bens materiais para se apresentar bem, ter acesso a cursos e treinamentos, adquirir revistas, entre outros.

Muitas dessas verbalizações, classificadas por nós como sendo de desencanto, podem evidenciar, também, uma certa clareza das condições objetivas de trabalho pelo professor da escola pública em Natal e, portanto, permitem compreender como a dinâmica da vida expressa pelos valores, tradições, mitos e teorias contém elementos de encantamento, ao mesmo tempo que podem denotar desencantamento. Assim, a categorização dicotômica é insuficiente para entender as expressões humanas, haja visto que nos remete a uma classificação dual e linear, em que o reconhecimento da condição de existência do ser humano numa sociedade desigual assume uma prática de privilegiamentos e, conseqüentemente, denotaria uma contradição, caso não se buscasse extrapolar essa primeira etapa de sistematização dos referentes evidenciados pelos professores.

Os professores das escolas privadas de periferia construíram seus discursos evidenciando aspectos como: “trabalho em educação por vocação e porque toda a vida gostei e admirei; é uma coisa que gosto muito de fazer, apesar dos atropelos; o sentido da vida todinha foi a educação, tudo o que sei hoje devo à escola que proporciona para o professor estudos, embora exija muito do professor; quando se gosta não tem essa história de ter uma pessoa cobrando, você faz o seu trabalho de livre e espontânea vontade; a escola deixa a gente muito livre, oferece mil oportunidades para o crescimento do professor; a gente às vezes se decepciona com as pessoas, os

pais de alunos que precisam acompanhar a educação dos filhos, falta mais interesse dos pais, falta reconhecimento destes e dos governantes que não dão o devido valor; tem a questão financeira do professor, que precisa de trabalhar muito e não tem tempo para ler, só nos sábados e domingos e se a gente parar de estudar não consegue mais; trabalhar em educação é sempre um sonho, orientar uma pessoa para ela ter um futuro, uma visão das coisas, e aparecer uma oportunidade para ela, que é o que mais tem no Brasil; ensinar é orientar, e não ensinar; ninguém ensina, apenas orienta”. Ainda, “educação é orientar uma criança na sala de aula; é um desafio, a gente tem uma ideia do que seja, do projeto do construtivismo que é uma coisa altamente... totalmente nova para mim, estou superconfiante, tenho auxílio da direção, é gratificante. Você começa a ver resultados logo, eles têm um desenvolvimento rápido, você pega todas as disciplinas, fica mais fácil para eles, para nós também, pois não se fica indo e voltando num conteúdo; torna-se possível fazer a ligação, a interdisciplinaridade, é muito bom. No começo se perde um pouquinho porque tem que ter uma meta, um planejamento, um objetivo claro”. Outro aspecto colocado foi “é necessário estudar para não se pegar um tema à toa, é um privilégio para o professor e aluno que estão trabalhando em conjunto, que é mais fácil. Se pudesse fazer isso em outras escolas, seria bem-vindo para os alunos; falta incentivo, material, pessoas que olhem para nós; a educação está abandonada, não tem li-

vro; em colégio privado é mais fácil. Não está sendo fácil. Tanto é que se observa a evasão das escolas estaduais; falta incentivo, livro, laboratório, o que facilite para o aluno. Toda a escola precisa ter recursos, falta incentivo de todos os lados; a previsão de material do começo do ano que se faz não funciona, pois quando se precisa não tem. Você trabalha, trabalha e o resultado do que se pode fazer fica prejudicado; aluno é aluno em qualquer lugar, se podendo tirar dele o máximo só vai beneficiar. Entrar em uma sala sem um material para a criança dificulta o trabalho; é mais interessante quando ela tem a oportunidade de ver para pensar”. Outra percepção colocada foi “no Brasil não se tem essa facilidade, não tem nada; o professor está ali porque ele recebe, o professor tem incentivo para curso, para tudo, mas, é muito difícil, tenho vontade de ajudar trabalhando em uma escola privada e outra do estado para trazer para a outra o que aprendi, tanto se pode tirar de uma escola como da outra pois as experiências são riquíssimas”. “A gente às vezes só precisa de uma palavrinha e lá vai; é quando se gosta e se tem a criança desenvolvida dentro dos padrões sociais... é prazeroso. O maior prazer é quando se percebe o desenvolvimento, quando se tem um professor comprometido, cada dia é mais prazeroso. Dificuldades aparecem, mas você quer superar a situação, porque é gratificante para o professor e acho que para se atingir a meta; é uma profissão desafiante; o professor comprometido é o que olha as etapas de vida do desenvolvimento da criança

que está necessitando mais de todos com observações nas áreas social, psicológica, cognitiva, principalmente; o professor não verificar o desenvolvimento nessas áreas é que ocasiona a repetência e também o que procura saber por que o aluno não veio para a escola; professor comprometido tenta ser completo, não 100% mas tenta ser; é gratificante, eu gosto do que faço, gosto bastante do que faço, é gostoso você ver essa renovação, você sente aquela troca, e que o aluno tem muito a dar mais a você do que você a si próprio. O professor tem que ser meio observador; a visão que a criança traz é muito maior do que o que não é renovador, o professor tem que ser sempre renovado, está a par das situações, ser atualizado, ver o mundo da criança pra poder acompanhar; comecei meu trabalho na escola pública do meio rural, dificuldade das crianças e do próprio professor, em escrita e leitura, como tem essas questões de formas governamentais, você tem que engolir porque é protegido de político, mas a gente percebe essas... quem perde mesmo é o aluno, não vou dizer que foi uma experiência boa, em relação à visão foi péssima, mas em relação à aprendizagem foi ótima; na rede particular o envolvimento com o aluno é bem maior, uma preocupação bem maior, gostei muito pela forma de trabalho, da preocupação de sempre ir em busca; a dona do colégio sempre mandava fazer cursos e tinha de ser aplicado, porque ela queria ver tudinho, a gente começa a gostar, a se envolver cada vez mais e começa a se preocupar em relação às escolas municipais”.

“Vim para Natal a convite, não vou dizer que tenho uma visão totalmente ampla, senti que cada colégio tem seu sistema onde há sempre preocupação com a educação, principalmente, com o aluno, isso eu acho importante. Tenho que deixar uma semente para o futuro das crianças para que saibam reivindicar e lutar pelo que aprendeu, mesmo que minha luta seja uma luta que sei que vou ter que parar, né? Eu gosto disso e procuro sempre ser aplicado no que manda a direção; a gente alega que é injustamente pago, é verdade, mas se se está trabalhando na área da educação porque sacrificar uma série de crianças? O professor está mexendo com cabecinhas, é uma responsabilidade grande. Vamos lutar, mas saber lutar, procurar outros tipos de luta que não afete a criança, adquirir armas para lutar sem sacrificar as crianças. Se sou professor bom e compromissado, então mostre isso, reivindique mas mostre seu trabalho e vá à luta; precisamos acordar, temos uma arma muito poderosa na mão e não sabemos usá-la; se todos parassem para analisar e gostar de si e perceber como se deve lutar, acho que ia melhorar o país. Se educadores refletirem isso vão começar a ser valorizado, mas quando chega a briga e para, acho que não é por aí, temos que aprender a nos valorizar, mostrar como somos, porque a gente melhora nosso país. “Essas formas de governar só fazem atrapalhar, toda essa estrutura que se tem não é questão só de estado, embora que o estado contribua e o município também, mas nós temos um poder muito grande, só basta parar, vamos

refletir, aprender a se gostar, se gostar mais para você poder lutar”.

Em geral, o discurso dos professores de escolas privadas de periferia reflete uma visão de organização na qual a cobrança pelo trabalho está muito presente, ressaltando que, quando se gosta do que faz, não há problema com as cobranças. Aparece a ideia da vocação para o magistério, o que não foi detectado na perspectiva dos professores das escolas públicas, sendo que nesta era ressaltado apenas o gosto pela profissão e suas dificuldades. Há uma contradição muito nítida no discurso dos professores de escolas privadas de periferia no que diz respeito a realizar um trabalho livre e à vontade, pois há um planejamento bem definido e um acompanhamento em todas as etapas do trabalho, o que denota a impossibilidade de se realizar um trabalho livre. A liberdade é relativa dentro dos parâmetros do projeto pedagógico das escolas e o gerenciamento é feito de forma clara, objetiva e com bastante persuasão para que as ações sejam efetivadas dentro daquilo que está previsto.

Chama atenção a expressão de que trabalhar em educação é um sonho, pois torna possível orientar pessoas para o futuro. É interessante perceber que a clareza de contribuir para a orientação de pessoas constitui uma expressão de consciência do papel do educador, mas o entendimento de que trabalhar em educação é um sonho pode dar margem para várias interpretações, vez que essa colocação foi feita no contexto de que o sonho era colaborar no processo

de orientação do aluno. Alguns questionamentos podem ser feitos a partir desta ideia, pois nesse mesmo discurso o professor reconhece que existe o problema salarial, da carga horária de trabalho que impede de se dedicar um tempo para realização de leituras e da falta de reconhecimento dos pais e governantes da importância do educador.

Há uma expressão de entendimento de que a educação abre perspectivas na sociedade, porém de uma forma muito ampla e generalizada.

Assim, encontramos a afirmação “orientar uma pessoa para ela ter um futuro, uma visão das coisas, e aparecer uma oportunidade para ela, que é o que mais tem no Brasil”. Percebe-se aí uma ausência de relação com a prática social, uma vez que não se reconhece que as oportunidades são poucas para a maioria da população, ou melhor, dos segmentos menos favorecidos na estrutura social, e que elas dependem da posição que se ocupa no processo produtivo. Toma-se, portanto, a evidência referida, como a manifestação de uma visão ingênua da realidade e expressão de uma percepção pautada na perspectiva do discurso oficial reinante neste país.

O construtivismo é colocado como um referencial que permite respostas imediatas no processo de ensino, embora se acredite que os resultados do processo de ensino-aprendizagem dependem da natureza dos objetivos a serem alcançados. Esses resultados imediatos desejados evidenciam uma confusão do professor por assumir as quatro disciplinas do pri-

meiro grau menor, que corresponde hoje a uma parte do ensino fundamental, e acreditar, por isso mesmo, realizar uma ação interdisciplinar.

A interdisciplinaridade ocorre quando o professor assume uma nova atitude no desenvolvimento das suas ações, nas quais estejam presentes a tentativa de compreender a realidade social numa perspectiva mais ampla e pode ocorrer independentemente da sua responsabilidade por uma ou mais disciplinas. Para tanto, torna-se necessário o domínio de outros referenciais que possibilitem a compreensão de fenômenos sociais dentro de uma visão mais abrangente e articulada com o tempo e o espaço vivencial. Nessa perspectiva, foi possível perceber uma certa representação segundo a qual o professor precisa dominar teoricamente as etapas de desenvolvimento da criança para poder acompanhar os momentos que os alunos estão vivenciando e, em consequência, entender o mundo deles.

Foi colocado um aspecto que merece destaque: a noção de consciência do professor quanto a ter que lutar pelo que ele acredita, porém, buscando outras formas de luta diferentes da greve. Há expressão de uma crença em um poder de fogo do professor que ele não sabe usar, embora não fique claro qual é essa arma tão poderosa para o educador. Existe um entendimento de que gostar de si e parar para analisar e refletir a prática é importante. Tais atitudes demonstram, em certa medida, a existência de uma visão sobre a realidade social e permitem pensar na

contribuição que o professor pode dar para melhorar a sociedade. Percebe-se, ainda, um entendimento de que, se o professor mostrar serviço, vai contribuir para a sua valorização pelos governantes e pela sociedade em geral.

Quanto aos professores das escolas privadas que são localizadas em bairros mais centrais da cidade do Natal e que têm a sua estrutura física e organizacional de maior porte e de natureza mais complexa, foi possível constatar que esses educadores acreditam que é muito difícil trabalhar em educação, porque o profissional precisa ser consciente, responsável e se doar na sua profissão, com a ressalva de que ela é muito desgastante. É possível sumariar assim a ambiguidade das representações a esse respeito:

“Na escola, temos que apresentar resultados, sinto dificuldade em trabalhar na primeira série, porque cada ano é uma realidade diferente, pois as crianças chegam com mais dificuldades, mais insegurança. A insegurança é fora de série, porque eles não dominam, temem, se agarram a você e você passa a ser um santo protetor; tem que fazer tudo o que eles querem para suprir isso aí, ou seja, a necessidade de superar deficiências que vêm da alfabetização. Não estou dizendo que o trabalho de alfabetização na escola não seja excelente.... Às vezes a gente pega uma turma excelente e no ano seguinte vem uma que não consegue nada e você tem que começar da estaca zero. Cada ano que se passa é uma realidade totalmente diferente. É muito difícil, e eu estava até comentando

com minhas colegas, acho que desaprendi a trabalhar com a primeira série, estou sentindo dificuldades seríssimas em trabalhar com as crianças, porque são muito inseguras, pois se cobra demais das crianças. As crianças passam, por sua vez, a insegurança para os professores. O trabalho da escola é realizado com seriedade e abertura, possibilitando liberdade para desenvolver o que você quer. O supervisor é superaberto, o que se precisa em material, qualquer coisa, não falta nada, não existe obstáculo, graças a Deus, nosso trabalho é muito preparado. Tem a proposta da escola que foi montada há cinco anos e ela melhorou muito. Não tenho nenhum problema quanto à escola. Dentro da sala de aula é difícil, mas com a escola não; não percebo nenhuma dificuldade. A proposta da escola veio para desenvolver o educador e o educando; desenvolver habilidades, o raciocínio lógico como perspectiva do construtivismo, e vem tendo bastante êxito. É difícil para incorporar a proposta; você tem que estudar, analisar todos os pontos, tem que ter vontade de fazer, não é só tentar, não é só querer, tem que se envolver dentro da proposta e alcançar seus êxitos. O supervisor pode passar melhor o projeto. ”

“Os profissionais da área deviam ser competentes, porque somos cobrados e você tem que dar conta do recado, goste ou não goste da educação. Eu escolhi a educação por falta de opção; isso não existe, ou você gosta ou não. Nesta escola você é muito exigido e tem que fazer aonde trabalhar e mostrar serviço; desenvolver seu trabalho o melhor possível; enquanto

lá fora não é bem assim. Lá fora você faz se quiser. Não tem uma pessoa ou equipe cobrando, exigindo de você. Infelizmente o brasileiro só vai para frente se tiver alguém comandando a vida dele, essa é a questão. Aqui também tem seus pontos positivos e negativos, mas graças a Deus...”

“Sempre tive experiência em escola particular e me sinto satisfeita com o que faço; desenvolvo o melhor possível. Sou cobrada para isso; você tem que ser a melhor e eu estou tentando ser. Outros colegas não pensam assim e não desenvolvem o trabalho dessa forma. Tem que incorporar o que realmente você quer e desenvolver seu trabalho; tem que ser boa. Fora daqui, existem vários colegas matando o tempo; você tem que trabalhar mesmo, pesquisar, ir atrás e, por mais dificuldade que tenha em determinadas coisas, tem que trabalhar”.

“A categoria dos educadores é apedrejada, porque nunca vi classe tão desunida; ninguém consegue ajudar ninguém, é aquela cobrança. Eu senti isso demais também. O professor já é um batalhador; só consegue estar em paz quando desenvolve alguma coisa. Existem colegas que querem passar por cima disso; não respeita seu espaço; você precisa da ajuda de um amigo, um colega de trabalho, é uma dificuldade maior do mundo, você tem que se virar. Gosto de dizer o que sinto sem arrodar. Eu venho sentindo muito dentro da educação hoje; há algum tempo existe uma demasiada cobrança, só com o professor que tem que saber tudo, não pode vacilar. Ele não pode ja-

mais é ser indiferente a determinadas situações; não pode vacilar; tem que saber tudo; ir atrás de tudo; acho isso uma carga muito grande para o professor. É uma responsabilidade grande, pois somos humanos e temos direito de errar. Não existe esse perfeito, mas na educação temos que ser perfeitos, ser o melhor que ninguém. Você chega ao seu limite, mas você não é reconhecido. As pessoas cobram de você e quando você chega ao seu limite, aí complica mais a vida, desestimula um pouquinho, desestimula muito, demais. São essas as dificuldades. Morro de vontade de trabalhar no estado ou no município para fazer o que faço aqui; tenho certeza que vou conseguir porque trabalho com amor e gosto de fazer o que faço e isso é o ponto X da história e o mais importante. ”

“O trabalho em educação é muito bom, em escola privada você tem apoio, tem reciclagem, tem material, tem retorno muito bom dos alunos, mas são crianças bem alimentadas, tem acompanhamento dos pais ou de alguém. Me sinto realizada como professora na escola particular. Tenho experiência em escola pública e fica muito a desejar; fiquei angustiada porque as crianças não traziam o material para a escola porque não podiam comprar, não faziam a tarefa porque tinham que trabalhar e ficavam dormindo na sala porque não tinham se alimentado. Na escola privada isso não acontece, as crianças são saudáveis, limpas, estudam, são bem acompanhadas em casa. Você vê o retorno. No final do ano, tem seu resgate de 90% de crianças alfabetizadas. Aqui damos prioridade à lei-

tura, interpretação, à escrita e às quatro operações. Acho esse direcionamento ideal, porque se a criança lê, interpreta e resolve facilmente as operações, o resto resolve sozinha; tudo fica mais fácil se ela assimilar, formular e resolver as coisas. É um trabalho muito bom, a criança procura, pesquisa e faz leitura; você joga, tem espaço físico, material didático”.

“Acho que faltam profissionais comprometidos e apoio dos governantes. O número de alunos é grande e precisa ser reduzido para se dar mais assistência; não individual, que é quase impossível. Há o problema do desestímulo na escola pública. Numa escola particular, o professor é estimulado e bem mais remunerado, melhor que na rede pública”.

“Tem que ter arte, ter amor a sua profissão; me sinto realizada na minha sala de aula. No final do ano eu estou realizada; a maioria dos meus alunos é aprovada, tem boa ortografia, fazem redação, leem textos; para mim isso é uma boa, pois ensino com muito amor. Apesar da gente ganhar pouco, eu nem penso nisso aí, não. Ensino numa sala de aula e dou aula particular porque acho um desafio a gente pegar uma criança que não sabe nada e no final ter sucesso. O trabalho aqui na escola é muito bom, você tem orientação, mesmo para material didático que você não conheça, o pessoal é todo amigo. Adoro trabalhar aqui, é um ambiente bom, pais sempre prontos para ajudar, o coordenador é uma pessoa ótima, excelente, está sempre melhorando, trazendo para gente coisas novas, querendo que a gente cresça mais. Adoro trabalhar aqui,

encontro o aconchego; a gente se apega aos alunos, tem aquela luta de todos os dias e a cada dia a gente vai vendo que vai tendo sucesso; isso dá impulso para a gente continuar todos os dias. Cada vez a gente vai se aperfeiçoando, vai crescendo com os erros que a gente comete; a gente vai sempre crescendo. Procuvo desenvolver meu trabalho com criatividade, redação, ortografia. Aqui a gente tem que trabalhar todos iguais; as turmas são todas do mesmo estilo”.

“Eu tenho muita vontade de trabalhar em escola pública para poder alfabetizar crianças, porque eu vejo o ensino da escola particular muito diferente da escola pública. Há diferença nos alunos; na segunda série da escola pública o aluno não sabe ler e na primeira série da escola privada todos estão sabendo. A gente tem que trabalhar pelo sustento, sou sozinha e tenho três filhos”.

“A gente tem muita dificuldade, a gente encontra dificuldades. Se a gente não trabalhar com amor, não trabalhar com paciência, não encontra nada disso. Tem cobranças de todos os lados. É muito difícil trabalhar com a criança; é a temática, o grupo da escola, dos pais... é difícil, é muito difícil ensinar, só mesmo quem gosta é que continua nessa profissão. Tem os pontos negativos também. A gente desestimula um pouco porque encontra muita dificuldade, mas a gente vai superando. O coordenador aqui está sempre ajudando; é sempre pelo professor e ajuda muito. Há dificuldades de reciclagem e de aprendizagem dos alunos. Falta disposição para estudar, os alunos

são dispersos, o comportamento também contribui. Às vezes o pai também coloca a culpa no professor, a gente fica tentando, mas, vou conseguir e no final a gente mostra que consegue mesmo. É muito bom trabalhar em educação. Graças a Deus eu tenho a profissão que tenho, porque adoro minha profissão e por isso ainda ensino particular para alfabetizar”.

“Trabalhar em educação é antes de tudo um compromisso e uma vocação. Trabalhei em escola pública e estou agora na privada e assumi um compromisso comigo mesma: transmitir tudo aquilo que eu recebi para multiplicar os conhecimentos. Tive que fazer opção por um trabalho e deixei a escola pública, que era onde eu poderia dar mais de mim, pois a clientela é bem mais baixa do que a em que estou hoje. Para progredir melhor, eu teria que fazer uma opção, e por morar próximo desta escola, eu fiz opção pela privada. Acho que o educador de hoje tem esse compromisso, você faz aquele juramento tão antigo, mas jura perante o diploma. Você tem aquele dom em educar e transmitir; você pise, mas pise com pé firme, porque se for com impasse não funciona. O que eu trouxe para a sala de aula do meu curso de magistério foi 5%, os outros 95% foi o dia-a-dia que foi me ensinando. Hoje eu me considero um bom profissional, comprometido com a educação do nosso estado. Tanto aqui nessa escola como em qualquer outra, se não for um profissional comprometido não funciona, se não for um professor comprometido não funciona. Aqui recebemos um apoio; o ambiente é acolhedor e

tudo soma. Você sente entusiasmo em desenvolver seu trabalho e por ser uma escola católica, você tem que se adaptar. Se você é contra alguma coisa na escola, vai plantando e os frutos não vão nascer, alguma coisa vai dar errada. Quando eu saio de casa e me direciono para as crianças, deixo os meus problemas, esqueço tudo. O educador com amor tem que ser assim. Aqui a gente tem esse lado amoroso e tudo soma. Infelizmente a nossa educação não tem estrutura, está em último lugar a estrutura do professor, então nem se fala”.

“Quando eu vejo, no final do bimestre, o aproveitamento das crianças eu comparo com o resultado da escola pública que trabalhei e como sou emotiva, sinto muito e me questiono: será que eu não estaria somando mais na outra escola? Já que essa é bem estruturada e tem uma equipe excelente, na outra eu não iria ajudar a educação do meu estado? Eu sei que o salário da escola municipal, e também, do particular, não é lá essas coisas, mas se você faz um esforço vai em busca das autoridades e às vezes nem lhe recebem, vai à Secretaria de Educação. Você iria atrás de um recurso para participar de um congresso no qual você tem possibilidades de voltar com outra cabeça, pois lá você escuta a realidade”.

“O professor hoje faz um planejamento (principalmente o da escola pública) no começo do ano, que não se constitui em planejamento mesmo. A escola privada tem o privilégio de estar sempre em reunião, tem palestras. Quando fui para essa escola, pensei

em levar subsídios, mas me decepcionei com a participação do Nordeste, onde tudo é muito atrasado. As pessoas não se importam tanto para ir em busca de experiências. Às vezes atrás de um livro didático... o conhecimento da criança ficou atrás daquela capa. Falta compromisso do educador, não se deve culpar somente as autoridades, antes você teria que olhar você, senão, não tem condições para sequer pisar firme nesse terreno, sequer construir um alicerce, tem que ter empenho. Não adianta nenhum salário alto sem compromisso. Se você já vai para o colégio chateado, é horrível; eu vim com o maior prazer, saí super empolgada porque tenho amor à profissão. Está faltando amor à profissão; se não existir isso, não adianta você ir atrás de salários, de escola perto de casa. Minha vocação para educador eu descobri trabalhando com Padre Thiago; foi lá que adquiri experiências que aqui estão sendo sancionadas”.

“Eu vim trabalhar em educação como um apoio, agora me encontro como profissional; estou realizada a tal ponto que faço comunicação e penso em fazer vestibular para pedagogia. Sinto-me gratificada em ensinar, poderia até ser frustrante; fiz uma época de análise; a gente tem que trabalhar por prazer, vim com isso e nem penso nisso; a faculdade para mim está em segundo plano. Hoje, eu me dedico tanto, quero tanto aprender... a educação não é só a escola, mas também outras experiências de casa, da família; estou sendo encantada e, por mais que as crianças me deixem cansada, eu estou sem-

pre com prazer; cada dia mais, que até um sono que tinha de tarde não tenho mais. Educação não é só passar o “be a bá”, mas é passar para a criança o que tu vens trazer. Me preocupo com a formação de hábitos e atitudes. A educação é também a pessoa respeitar quando o outro quer falar. Hoje a gente segue padrões na escola; a gente tem que seguir. Aqui na escola eu estou me engrandecendo como pessoa pela base que estou tendo”.

“Comecei estagiando seis meses na escola. Este ano eu estou numa vaga; não tenho a experiência das minhas colegas, mas estou à altura, porque a escola dá base através de cursos. Aqui eles formam profissionais, não querem pessoas apáticas, querem um profissional que discuta e saiba porque está fazendo aquilo; não se quer o aluno calado, mas tudo tem regras e limites. Se algum dia acontecer de sair dessa escola, eu vou sair triste, pelo que a escola me oferece; senti dificuldade em ficar sem ganho financeiro, mas o que ganhei de experiência! Tudo eu questiono demais. Tive críticas de colegas que me magoaram, mas agora acho que foram construtivas; vi o meu engrandecimento como pessoa e professora; tudo que vou fazer agora tenho que chamar a crítica. A escola me oferece para eu trabalhar junto e não me faz trabalhar só. Ela me dá campo para tudo; o que eu quiser eu tenho apoio dentro da escola. Falta interesse dos pais; a educação não é somente dentro da escola, eu tenho o que a minha vida me deu; falta colaboração da família na questão de atitudes. Eu sou muito

de falar, mas a escola está me ensinando a me policiar, a ter discernimento para certas coisas. Graças a Deus eu tenho a minha postura; sinto que estou me policiando de uma forma pedagógica. Estou satisfeítíssima com a escola, não estou querendo puxar o saco de ninguém. Lógico que a gente tem frustrações, como a competição - isso é um desabafo no âmbito geral. Eu era uma pessoa para não me sentir bem aqui, porque vim numa situação e estou outra pessoa. Eu senti muito carinho aqui; me identifiquei com as pessoas aqui; a escola está sendo o meu “encalço”, me dando toda a base que eu preciso. As pessoas que se dão comigo, que se relacionam, eu sinto amizade que eu criei quando enfrentei essa nova fase na minha vida. É lógico que a gente tem as nossas falhas. Tive até dificuldade para aceitar isso; aprendi que a gente sempre usa os outros de alguma; forma use, pois, da melhor maneira possível. Você agora está me usando, mas de uma maneira boa”.

“Tenho uma visão um pouco ampla na questão da educação. Tive oportunidade de trabalhar no público e no privado. No público existem as condições materiais do físico, mas precisa completar. Existe problema de carteiras, quadros quebrados, a questão pedagógica. Você prepara um projeto e ele passa quatro anos sendo discutido; começa aí a demora; quando você discute e o projeto está em vias de começar, muda de político e de política; muda-se a cara da educação; a educação fica à mercê do político, e os especialistas ficam até de mãos amarradas

porque trabalham, mas quando chega na hora de pôr em prática, mudam-se os especialistas, os projetos, a filosofia. ”

“Na escola particular, a coisa é um pouco diferente porque existe o dono, que está presente e cobra, exige e acompanha. Duas escolas privadas que eu tive oportunidade de conhecer por dentro na teoria e na prática, tudo é desse jeito, elas são muito bem acompanhadas. A gente tem um grupo de especialistas que trabalha aqui e tem de apresentar trabalho todo mês; o trabalho é realizado e avaliado; vê-se o que foi bom e o que não deu certo para modificar. Na escola pública, a filosofia é de assistência social e não há mais diagnóstico; não adianta diagnosticar; é buscar executar os projetos que devem ter aí aos milhões”.

“Na escola privada, o trabalho está sendo bem feito, embora não exista a excelência, que é muito difícil; a gente está sempre buscando, estudando, sempre achando que não conhece o suficiente. Graças a Deus, é um ponto positivo, entre os especialistas e professores. Tem curso de reciclagem o tempo inteiro, a prática tem que ser consciente, não pode ser um achismo, um ativismo. A filosofia daqui é cognitivista, prevalece o intelectual, embora também tenhamos o lado emocional, social, fazendo parte de uma análise do aluno como um todo; há análise pelo grupo de pessoas responsáveis pelo aluno; há direção de trabalhos para efeito didático, mas a gente encara o conhecimento como um todo. A escola privada funciona com todos os vieses da educação; é uma coisa ampla

demais. Por exemplo, o mesmo professor de escola pública é o da que é particular; o que trabalha aqui tem todos esses cursos e tudo, mas outras escolas públicas não têm condições de ter. Tudo passa pela formação do professor. A questão da educação em nosso país precisa ser vista vendo a questão política, num estado partidário e oligárquico. Faltaria para a educação uma política de base, desde a educação na pré-escola e sobretudo de nível médio, até chegar no superior. A questão de base é o curso de formação do professor, condição de material de trabalho e de salário”.

“Aqui o professor cumpre o seu papel bem direitinho, são mais valorizados na questão profissional, na questão trabalhista, quando está doente, precisa de ajuda, de assistência médica, é na hora que precisa. Tudo vai fazer que ele tenha mais vontade de trabalhar na escola particular. Na escola pública, eu já presenciei fatos incríveis; não tem tickets para ir para a escola, não tem lanche, morre cansado, as crianças têm mil problemas, sem falar no pedagógico, que a criança de escola pública é considerada menos inteligente pelos professores. Só que não é. Eles apresentam doenças de pele, piolho, uma série de coisas que vai atingir o professor; tudo atinge a sala de aula; coisas que atrapalham o professor e ele, mal pago, vai para uma fila no sol etc. Aqui ele recebe tranquilo, na hora sai o pagamento, fica todo mundo com ele na mão; não há problema. E por aí vai a questão da valorização do professor. Os cursos que o estado e o

município oferecem não são avaliados; o professor vai participar e pronto; o curso não é avaliado com ele, professor da escola; no que foi benefício para ele e para a criança. Na escola particular, ele chega e tem que passar para os outros colegas, faz relatório e se procura levar para a sala de aula. Considero a necessidade real de uma política de base junto aos professores, às escolas e os responsáveis pela educação ou irresponsáveis - estou falando da pública. Na minha escola, as pessoas que dirigem estão aqui quase vinte e quatro horas e são preparadas, vivem fazendo curso e passando para a gente”.

“Vejo o trabalho de educação com prazer, pois gosto de ensinar; trabalho todo dia com criança; me dá muito prazer e por ensinar em uma escola particular, eu acho que o que recebo me gratifica. Trabalho pelo que eu recebo e me sinto bem. O trabalho em educação é gratificante e não tive nenhuma frustração. A questão salarial se comenta muito. Eu tenho uma frustração, ser mãe de um filho só e não poder ter mais. É uma questão como mulher de não poder dar mais atenção a ele, pois dou atenção a tantos filhos de outras pessoas. Trabalho em duas escolas particulares. A minha primeira experiência eu me sentia chorosa, angustiada e insegura e não tinha para quem recorrer. O que me motiva trabalhar aqui é a gente contar com uma coordenação que é a alma da escola; dá gosto de trabalhar com eles; são pessoas que estão sempre prontas para escutar, sinto apoio. Se cobra muito em escola particular, mas sem

apoio é ruim. A qualidade do meu trabalho aqui é diferente do de lá, apesar de ser o mesmo profissional, apesar de fazer quase o mesmo trabalho e o rendimento todo é diferente. Existe contato direto com os pais, eles comparecem a reuniões, confiam na escola e sabem sua importância; quando faltam, telefonam. Lá os pais não comparecem; aqui os pais pagam mais do que lá; os dois estão pagando pelo mesmo serviço, às vezes pelo mesmo profissional, e não dão o devido valor que a gente tem aqui. Aqui tem todo um acompanhamento dos alunos quando a gente sente que eles têm problema se conversa com os pais. Acho que falta isso, as pessoas têm muito cansaço, a educação parece um fardo, uma obrigação. As pessoas estão correndo para a educação porque não têm outro tipo de trabalho; o campo de emprego de Natal é pequeno; correm para a educação como uma forma salvadora. Eu fui fruto de dois professores comprometidos com a educação; só tenho a agradecer. Hoje em dia as pessoas tão procurando vantagem ou calculando alguma coisa na educação; há quem não encontre outra coisa para fazer e vai ser educador. Eu atribuo isso ao desemprego, à qualificação profissional e à condição financeira”.

“O projeto pedagógico aqui é muito definido e aberto; quando a gente sente uma dificuldade, não concorda, pode abrir a boca sem medo de que vá para rua no outro dia. Na outra escola, a diretora diz que está aberta na sala dela; aqui eles não ficam no trono, eles vão lá. No final do expediente, sempre há uma

reunião para discutir alguma dúvida para socializar o nosso entendimento e tomar decisões. E isso contribui para que a gente se sinta bem. Uma coisa é trabalhar numa empresa que lhe cobram, mas não dá saídas para as cobranças, e outra é você ser cobrado, mas ter como responder o trabalho. Aqui a gente é cobrada muito, mas, fico com prazer, me sinto bem e não incomodada. Aqui, com o pouco que se tem se faz muito; isso me custa que eu gostaria de poder fazer alguma coisa, mas a gente não consegue; sempre há uma coisa que breca o trabalho da gente. Acredito que se deveria observar antes; a escola deveria tomar cuidado com o tipo de profissional que coloca; se está realmente comprometido, querendo fazer alguma coisa, ou se só quer ganhar dinheiro. Se a gente tem tempo integral, é necessário que os professores possam se dedicar. Acredito que com a dedicação exclusiva a gente deveria passar o dia livre na escola trabalhando; acho que é o trabalho da educação, e o seu resultado seria outro”.

“Trabalhar tudo com suas experiências; a educação não começa na escola, mas no lar, na rua. O trabalho de educação é sistematizar todo o conhecimento que a criança já tem e o que ela vai adquirir; é ajudá-la a sistematizar informações; é uma troca de experiências dentro de um referencial teórico. É gostoso trabalhar aqui porque tudo se faz a partir de um conceito próprio para a criança, partindo do que ela sabe. Falta comprometimento de quem trabalha; existe a questão do dinheiro, que vai garantir

fazer um bom trabalho; posso ganhar pouco e fazer um bom trabalho e ganhar muito e não fazer nada; o comprometimento, a vontade de saber, de estudar para se atualizar, para enfrentar dificuldades que a prática vai colocando e tentar superar essas dificuldades; se não conseguir, pelo menos tento. A vontade de aprender, de gostar até da profissão; se você está fazendo uma coisa que não gosta, não vai se esforçar e vai fazer o mínimo; tem que gostar, ser e ter vocação; se comprometer realmente, trabalhar e tentar crescer naquilo que está fazendo”.

2.1 A INTELECÇÃO DO DOCENTE E O PROCESSO DE ENCANTAMENTO E OU DESENCANTAMENTO DO EDUCADOR

Os professores da rede privada de escolas localizadas mais para a zona central da cidade evidenciaram uma série de representações a respeito da educação e da sua prática dentro da sociedade. Essas representações constituem-se nos principais referentes sociais que o educador vem assumindo dentro do seu fazer pedagógico. Daí a importância de serem realizados estudos dessa natureza, pois através deles torna-se possível compreender melhor o educador e serem elaborados projetos de trabalho em nível de escolas e ou de sistemas de ensino que possam contribuir para uma melhoria qualitativa da educação.

Assim, foi possível identificar que, para os professores da rede privada de escolas de maior porte,

a educação é algo motivante, parecendo ser executada por vocação, com amor, com organização e acompanhamento da administração escolar. A expressão desse sentimento leva-nos a considerar que, provavelmente, alguns elementos de natureza técnico-pedagógica, como a existência de um projeto pedagógico, a prática de reuniões de planejamento, os recursos didáticos da escola, além da situação socioeconômica da clientela, contribuem para o aparecimento dessa motivação. Os referentes mais fortes dizem respeito à organização da escola, ao acompanhamento efetivo do trabalho, às condições materiais existentes, às condições objetivas de vida da clientela, ao desenvolvimento de programas permanentes de atualização dos professores e à assunção de mecanismos de socialização dos conteúdos e estratégias aprendidas nos diferentes tipos de treinamentos realizados.

Percebem-se referências à questão salarial dentro de um contexto de necessidade de valorização do educador, e não como um dos aspectos mais determinantes da prática do professor. O salário é uma variável percebida como retribuição de uma atividade profissional a que o professor tem direito pelo desempenho de tarefas sob a sua competência. Identificam-se opiniões através das quais o educador reconhece que não se deve trabalhar em função do salário e que este deve ser uma consequência da produtividade. Essa forma de entendimento nos permite fazer uma inferência no sentido de verificar que o encantamento e desencantamento estão, de fato, interligados e

coexistem no cotidiano da prática social. Portanto, as condições objetivas de trabalho podem facilitar atitudes de encanto ou desencanto, mesmo que as condições concretas de vida do profissional sejam precárias. Há, pois, que se explorar o lado do compromisso social do profissional para que ele venha a perceber os limites e possibilidades de realizações e, dessa forma, tenha clareza da importância da motivação para o trabalho. Acreditamos que, se a percepção do educador puder ser matizada através do anel perceptivo moriniano (o que permite uma seleção de aspectos considerados por cada indivíduo como os elementos mais importantes em cada uma das experiências por ele vivenciadas) e for trabalhada no sentido de identificar os referentes sociais que evidenciam um elã, um sentimento positivo do fazer profissional, é possível reforçar atitudes que explicitem um encantamento pelo trabalho e, conseqüentemente, pelo sentido das realizações humanas, apesar de toda a estrutura de desigualdades sociais cada vez mais nítidas nas sociedades contemporâneas.

Alguns aspectos merecem ser relacionados entre si quando comparamos as representações dos professores das escolas públicas com as dos educadores da rede privada. Assim, enquanto o salário, para os primeiros, aparece como um dos aspectos mais relevantes, o mesmo não ocorre como referência primordial para os segundos, embora se reconheça a sua importância. As precárias condições físicas e materiais são bastante ressaltadas nas escolas públicas, bem

como a descontinuidade das ações e projetos motivados pela política partidária e mudança de pessoal administrativo. Na rede privada, não se percebe a evidência desse tipo de carência. O acompanhamento do trabalho docente é citado como algo importante e positivo por ambos os grupos de profissionais, embora os professores da rede pública reconheçam que essa atividade praticamente não aconteça com competência, e os da rede privada situem esse processo como sendo um dos aspectos responsáveis pelo êxito do projeto pedagógico das escolas. O tipo de clientela atendida na rede pública é uma variável que aparece com frequência e que deve ser levada em consideração em todo o processo de trabalho do educador. Os problemas enfrentados por saber das condições materiais dos alunos, em decorrência da estrutura social desigual, parecem não permitir a realimentação das atitudes de encantamento que possam existir como emergências cognitivas na prática educacional por parte do professor.

Consequentemente, o sentido que subjaz ao patamar das realizações humanas fica embotado e sem condições de expressão dada à estrutura das desigualdades sociais cada vez mais nítidas nas sociedades contemporâneas, que contaminam simultaneamente o professor e o aluno. Assim, há uma espécie de armadilha perversa que impede a eclosão das ações de encantamento, uma vez que os esforços pedagógicos nesse sentido não encontram terreno fértil por parte do aluno, cujo cotidiano é marcado

pela carência e dramaticidade de sua condição sócio histórica.

Essa situação nos remete a pensar na necessidade premente do trabalhador brasileiro em geral ter condições de vida em um padrão mínimo de conforto. Está claro para o educador da rede pública que o não atendimento às necessidades básicas mínimas para proteção e manutenção da existência constitui um grave problema a ser enfrentado pelo professor em nível de sala de aula, no que diz respeito à motivação, às condições de higiene, às atitudes de respeito, pontualidade, habilidades de leitura e domínio da linguagem, entre outros.

Tornou-se, assim, possível entender que a manutenção de um programa permanente de atualização constitui uma variável importante no processo de trabalho do educador. Esse aspecto corrobora o que vem sendo apontado por diferentes pesquisadores de hoje quanto ao perfil necessário ao trabalhador moderno. Há um entendimento de que os recursos humanos de uma organização constituem uma das principais armas para a competitividade. Portanto, uma instituição escolar, para manter seu nível de produtividade, precisa investir em educação permanente dos seus profissionais, para que possam acompanhar o processo de modernização no qual estamos envolvidos por determinantes sociopolíticos-econômicos mundiais.

Merece ainda destaque o fato de os educadores da rede privada de escolas de periferia e também aque-

les que atuam nas instituições de maior porte apresentarem os mesmos referentes sociais acima descritos. Foi possível identificar que as condições físicas e organizacionais são diferentes, pois refletem o tamanho e a complexidade das escolas e a diversidade de material utilizado nas instituições, variando de acordo com o nível de aspiração e poder aquisitivo da clientela que as frequentam. Convém ressaltar que, entre as escolas privadas localizadas na zona mais central da cidade, uma delas é confessional, razão pela qual os educadores integrantes do seu quadro de pessoal, além das representações descritas anteriormente, assumem uma postura diferenciada no que diz respeito ao valor da religião enquanto variável interveniente no processo de formação do homem. É necessário, porém, explicitar que esse aspecto não foi ressaltado com muita ênfase no discurso dos professores, o que nos demonstra que a preocupação maior foi com a prática pedagógica, até quando foi muito verbalizada a questão da existência de um projeto pedagógico claro, socializado e cobrado.

Na rede pública, não foi possível perceber a questão do projeto pedagógico e sua importância para o educador, a não ser no que diz respeito à existência de algumas reuniões pedagógicas, como paradas necessárias para se discutirem os problemas do cotidiano da escola, mesmo apresentando descontinuidade devido à demora existente entre uma reunião e as subsequentes.

A educação é vista pelo educador da rede pública como uma atividade difícil, desafiadora e quase

impossível de ser realizada como deve ser em virtude da falta de incentivo para o profissional e das condições materiais das escolas. Na rede privada, a educação é vista como uma prática prazerosa, gostosa, vocacionada e desejada, porque as pessoas gostam de entrar em contato com as crianças e orientarem o seu desenvolvimento. Foi possível perceber atitudes de profissionais da rede pública que acham maravilhoso quando o aluno aprende uma palavrinha e vai demonstrando estar crescendo no processo de alfabetização, chegando ao ponto de ser uma opinião discrepante, porém presente, a afirmação de que se fosse trabalhar pelo salário não faria nada, pois este não compensava; mas como o compromisso era com as crianças, e por ter clara a importância do seu papel social, continuava a fazer da melhor forma possível.

Há uma relação muito grande entre a situação que a educação, as escolas e os profissionais da área se encontram, com a política governamental, questão nitidamente colocada pelos educadores da rede pública e, em alguns momentos, por alguns da rede privada. A valorização do profissional está relacionada ao nível salarial, ao reconhecimento dos políticos e governantes estatais e ao desempenho do educador. Há, ainda, uma tentativa de analisar o que vem ocorrendo com a educação na perspectiva de personalizar os culpados, perdendo-se de vista uma visão mais ampla das relações sociais entre as potências do mundo e os ditames de uma política internacional, demonstrando que o educador, em geral, está distan-

te de perceber esses determinantes conjunturais de forma mais sistematizada, ficando muito no sentimento de culpabilidade do dirigente, do político, do próprio educador ou do aluno.

Esse conjunto de percepções, representações, “imprintigs culturais” ou referentes sociais nos permitiu comprovar que as expressões de encantamento e desencantamento estão presentes na vida do ser humano; ao mesmo tempo, e dependendo da circunstância e contexto no qual seja apreciado e entendido pelo homem, pode ser encarado como momentos de encantamento e desencantamento. Essa dinâmica dos contrários, presente constantemente no ser humano, demonstra a necessidade de se investir numa visão de mundo e numa ética educacional que permitam pensar de forma mais dialógica os fenômenos humanos. Assim, o paradigma da complexidade proposto por Edgar Morin poderia se tornar um artifício cognitivo importante para transformar empecilhos em detonadores de outras experimentações do mundo no espaço escolar. Porque somos contraditórios, porque os nossos momentos vivenciais não são lineares, mas comportam ambiguidade, incertezas e possibilidades, podemos potencializar situações em que o desconhecido está presente, o imaginário é real e o sentimento mais íntimo pode eclodir, mesmo que nem sempre seja permitido se conhecer os verdadeiros referentes sociais intrínsecos ao ser humano.

Diante de toda essa argumentação, colocamos-nos uma questão prática para encaminhamento do

nosso estudo: é possível trabalhar numa perspectiva de reencantamento do educador? Acreditamos que sim, já que tanto encantamento como desencantamento estão presentes no cotidiano da vida do indivíduo; já que é possível instigar reservas de subjetividades, que como uma marca propriamente humana, jaz, adormecida nos desencantos, e prontas para explodir no reencantamento do homem, simultaneamente *sapient-demens*, histórico e imaginário, lúcido-lúdico, sonhador-vigilante.

3

PERSPECTIVAS PARA O REENCANTAMENTO DO EDUCADOR

“... a realidade que se desvela não está oculta em uma ‘natureza’, localizável em alguma parte. Ela é identificável com um não-definido: a própria ação”.

Michel de Certeau.

Diante das grandes interrogações que impulsionam a tentativa de construção de novos paradigmas como resposta à crise vivenciada pelo homem moderno, principalmente em relação ao seu ser, ora atomizado, alienado e dividido, propõe-se, hoje, uma cosmovisão que permita um encontro diferente, mais dialógico e fecundo, entre a ciência e a consciência,

para superação do paradigma funcional-mecanicista. Nesse sentido, torna-se premente a utilização da criatividade para encaminhar propostas que contribuam no sentido de desenvolver uma nova racionalidade que favoreça a reintegração do homem consigo mesmo, com o seu próximo e com a natureza exterior que o contextualiza em sua historicidade.

Essa nova forma de encarar as coisas coloca desafios para o homem em geral e, especificamente, para os cientistas das chamadas ciências humanas que procuram fazer do seu trabalho um caminho para a melhoria de vida do homem. É assim que, nesta parte final, propusemo-nos a pensar em perspectivas para o reencantamento do educador, apesar de todas as questões levantadas anteriormente, dentro de um contexto educacional bastante específico, mas que demonstra as inter-relações da área da educação com a prática social.

Inicialmente, acreditamos ser importante esclarecer que não estamos propondo o reencantamento porque o educador está desencantado; estamos propondo o reencantamento como uma perspectiva de encarar o fazer profissional dentro de uma dinâmica social que engloba tanto o encantamento como o desencantamento. Ou seja, há uma coexistência de expressões de encanto e desencanto que impõe ao ser humano, diante das características da sociedade moderna, uma nova postura diante das novas formas do fazer científico contemporâneo. O reencantamento é necessário no sentido de que o homem precisa

aprender a se perceber dentro de uma nova elasticidade vivencial, na qual lhe seja permitido ousar mais e utilizar a sua pulsão cognitiva para enfrentamento das mazelas criadas por ele mesmo dentro do contexto de explorador-explorado. Conforme situa Durand (1989), do mesmo jeito que a modernidade permitiu melhorias técnico-científicas, ao mesmo tempo contribuiu para alienar o próprio homem do processo social. Ao lado disso, percebe-se todo um movimento de instigação criativa, paralelo certamente, mas que aposta para a descoberta do valor das imagens e de sua utilização pela ciência que pode prefigurar um mundo mais aberto, menos perverso e mais digno do ser humano.

É necessário se criar um novo espírito pedagógico, conforme afirma Duborgel, citado por Durand (1989), para que se venha a ter um novo encaminhamento nas ações humanas. Aliás, nós estamos chamando de reencantamento aquilo que o autor acima citado chamou de a renovação do encantamento. Esse novo espírito pedagógico encaminha-se na perspectiva de serem sistematizadas algumas ideias que poderão nortear o fazer do educador enquanto profissional comprometido com o processo de mudança social para engajamento dos seres humanos nas diferentes formas de benefícios que a tecnologia moderna nos oferece. Ressalte-se, no entanto, que não estamos propondo pressupostos rígidos e permanentes a serem seguidos como garantia de reencantamento para o educador. Estamos dispostos a

discutir alguns caminhos que nos parecem possíveis para o momento histórico que vivenciamos e que permitam ao professor experimentar alternativas para o seu crescimento como profissional e que, dessa forma, possa vir a se sentir melhor e mais encantado no seu desempenho.

O profissional da educação encara como necessária a valorização da sua profissão, e a esse fato não pode passar despercebido que as profissões são históricas e, portanto, passíveis de alterações em função da importância que lhes é concedida pela sociedade. Ora, a profissão de professor vem sendo, ao longo dos anos, alvo de uma verdadeira desvalorização, o que vem acarretando prejuízos sérios para as novas gerações que não tiveram condições de serem formadas por educadores vocacionados os quais, apesar de todas as precariedades materiais a que estavam sujeitos, procuravam ver mais além e mantinham uma desenvoltura e mística educacional capazes de fazer eclodir verdadeiros interesses por diferentes atividades profissionais e despertar a busca pelo fazer científico dentro das mais variadas áreas de conhecimentos.

Acreditamos ser importante um registro histórico de profissionais da educação que, apesar de toda uma estrutura social voltada para a desvalorização do magistério, garantiram, durante trinta, quarenta anos de suas existências, verdadeiros apostolados na arte de ensinar o que lhes valia o reconhecimento como guardiães e transmissores do saber. Mestres

voltados para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, assumiam esses antigos sábios encaminhamentos para transmissão do saber que levavam as novas gerações a terem o domínio do conteúdo científico e a sua conseqüente especialização, sem perder de vista a alegria pelas vitórias alcançadas ou o sofrimento com as derrotas transitórias acontecidas. Tudo isso sem perder de vista a sua maneira própria de enfrentamento dos problemas como expressão de um processo existencial rico e capaz de contribuir para uma evolução constante do indivíduo.

O reencantamento está vinculado também ao sentimento de utilidade e valorização social que é assumido pelo profissional na sua prática. Quanto maior for a capacidade de organização dos profissionais com assunção de uma performance que demonstre má competência profissional dentro da leitura que se faça quanto às necessidades sociais a serem atendidas pelo educador, maior será a valorização social e acreditamos que maior será a cobrança da sociedade em relação ao poder instituído para o reconhecimento do valor do professor. Por isso, o reencantamento passa pela necessidade de uma compreensão do papel exigido para a educação dentro da sociedade contemporânea e, conseqüentemente, pela busca de novas competências profissionais para atender a esses ditames sociais.

Vivemos em um mundo fantástico de códigos e símbolos, no qual a grande maioria dos seres hu-

manos encontra-se marginalizada. O educador, para sobreviver nesse contexto, precisa renovar-se e buscar o domínio dessas novas linguagens necessárias ao convívio social para que ele venha a demonstrar a sua importância social. Quanto maior for o domínio dos símbolos e códigos sociais utilizados pelo educador, maior chance ele tem de conviver com as novas gerações e demonstrar a sua necessidade social. Mais ainda, quanto maior for o domínio de tecnologias de ponta que ele venha a dominar, maiores perspectivas de que ocorra a sua valorização, atualização histórica essa que, entretanto, não pode excluir os polos cognitivos do saber da tradição, nem os exercícios educacionais plenos de subjetividades e individuação. Urge, portanto, que sejam utilizados mecanismos dos mais variados possíveis, para que se possa construir uma nova mentalidade do educador e, com isso, venhamos a ter profissionais reencantados. Instituições da sociedade civil como sindicatos e associações podem contribuir com esse novo encaminhamento, desenvolvendo cursos e treinamentos para profissionais dentro de uma estratégia de luta para socialização de saberes especializados e sobre códigos essenciais ao convívio e valorização social.

Ressaltamos esse aspecto em virtude da clareza que temos de que não existem muitas condições materiais para os profissionais se atualizarem, tendo em vista o seu poder aquisitivo. Além disso, como os avanços científicos estão ocorrendo dentro de uma dinâmica muito assustadora, torna-se necessário re-

pensar o papel dos sindicatos e associações para que os profissionais não fiquem defasados e com isso se tornem cada vez mais marginalizados e dispensáveis do processo de produção social da cultura. Acreditamos que isso seja importante, já que dentro da leitura que fazemos, não há interesse expresso da política governamental em socializar os saberes para a maioria da população.

As representações expressas pelos profissionais da educação, tanto aqueles que realizam as suas atividades em escolas públicas como os que desenvolvem seu trabalho nas instituições privadas, denunciam a ausência de um plano de carreira para o magistério, em geral, que defina as condições objetivas oferecidas para o desenvolvimento do trabalho com clareza para as pessoas que desejassem enveredar por essa área de atividades, bem como as exigências sociais impostas para atendimento das expectativas da sociedade. Mesmo o programa de valorização do magistério, instituído pelo MEC, dentro da prioridade estabelecida pelo governo para a educação fundamental, ainda não foi efetivado. Dessa forma, fica difícil para o profissional ter uma ideia clara a respeito das exigências feitas quanto às competências, além de deixar a critério do patrão os parâmetros salariais. Nesse sentido, há que se perceber a necessidade de uma outra forma de encaminhamento quanto a conhecimentos, atitudes e habilidades essenciais ao profissional em geral, e particularmente da educação hoje, no sentido de alargar o seu saber-fazer, dentro

de uma ótica de polivalência que lhe dê condições para se manter com empregabilidade. Dessa forma, se por um lado a lógica tradicional de emprego requer que tenhamos uma visão funcionalista de cargos e salários, dentro da nova ordem de relações sociais o trabalhador deve buscar um constante aperfeiçoamento para garantir não só a sua manutenção no setor produtivo, como para transformá-lo. Essa nova lógica exige, em consonância com um mundo planetarizado, uma postura de educação permanente através de cursos e treinamentos de natureza variada, bem como a exteriorização de um posicionamento situado no contexto concreto da sociedade.

Nessa ótica, o desafio que se coloca para o profissional da educação é o de assumir cada vez mais o processo de reeducação. Esse processo tem por base uma outra atitude diante da prática pedagógica. Essa outra atitude requer do profissional da educação o conhecimento do sentido social da educação, qual seja: a sua função social em uma sociedade desigual, que precisa ser transformada; a delimitação de objetivos que orientem as atividades do educador quanto à transmissão do saber, formação de hábitos e atitudes; e o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais ao convívio em uma sociedade da informação através do domínio de códigos e símbolos, das diferentes etapas do processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito a objetivos das diferentes disciplinas, critérios para seleção e organização de conteúdo, metodologias de trabalho peda-

gógico e sistemática de avaliação da aprendizagem. Essas exigências, se por um lado demonstram aquilo que um educador deve dominar numa perspectiva técnico-política, por outro lado incita o profissional a buscar um redimensionamento para a sua prática. Esse redimensionamento impõe a necessidade de reencantamento pelo trabalho, a fim de que um educador que tenha a clareza da função político-social da educação tenha condições para entender melhor a necessidade de introduzir novos horizontes de conhecimentos na sua formação. Em outras palavras, é necessário abrir-se para a presença do imaginário social no qual situamos os valores, mitos, crenças, tradições, hábitos e costumes.

O processo de reencantamento do educador em que apostamos inicia-se, pois, pelo redimensionamento da sua própria prática, através da evidência clara e objetiva de produtos sociais desejados, como a diminuição de taxas de evasão e repetência e aumento da aprendizagem qualitativa para o alunado, a efetivação de um planejamento escolar que seja operativo e flexível.

Esse encaminhamento requer o engajamento daqueles profissionais que se encontram com níveis de percepção mais abrangentes em relação a outros que apenas enxergam o seu cotidiano através da manifestação de evidências de problemas. Nesse sentido, acreditamos que administrações escolares portadoras dessa visão crítica e entidades da sociedade como ANPAE (Associação Nacional de Política e Ad-

ministração da Educação), além de diferentes tipos de sindicatos de profissionais da educação, possam vir a compor um grande movimento nacional, com vistas a reencantar o educador pelo seu fazer educativo, utilizando estratégias que contribuam para a atualização e o redimensionamento do seu trabalho. Torna-se premente entender que a história da humanidade pode ser relatada como etapas nas quais o encantamento corresponde a esplendores civilizatórios e outras etapas em que o desencanto é expressado pela desordem e aniquilação que prepondera. Isso requer o desenvolvimento de uma nova mentalidade diante da prática social. Essa nova mentalidade vem sendo implementada diante das exigências hodiernas de competitividade e concorrência.

Torna-se necessário, no entanto, não enveredar no jogo do capital, processo chamado de globalização, de forma equivocada, no qual se dá cada vez mais, e de diferentes formas, a exploração do trabalhador. A competitividade torna-se positiva quando coloca exigências para a atualização permanente do profissional e exige dele um outro nível de desempenho mais atrativo e competente, principalmente para aqueles que lidam com pessoas, como é o caso do educador.

Partindo-se das representações expressas pelos professores das escolas públicas, ao considerarem o trabalho da educação uma atividade difícil e sem condições de ser realizada a contento na escola municipal e estadual, urge a necessidade de am-

pliação de experiências que ainda existem na prática educativa dessas escolas, realizada por alguns profissionais que, mesmo reconhecendo a precariedade da estrutura administrativo-funcional, não perderam a vontade de realizar ações que denotam uma atitude de encantamento. Por isso, acreditamos que a socialização dessas experiências pode se constituir em verdadeiros oásis de expressões renovadas de encantamento, já que demonstraria a criatividade do profissional e o seu compromisso social.

O educador de escola pública, em geral, apresenta uma situação de maior precariedade em relação aos que atuam em instituições privadas no que diz respeito a atitudes na realização dos trabalhos. Assim, a motivação dos professores deve ser um aspecto a ser tratado no processo de reencantamento do educador. Esse reencantamento passa pela valorização do simbólico, que propõe a criação de utopias para o homem, encaminhando uma nova consciência do mundo e uma ‘remitologização’ da sociedade. O reencantamento pressupõe uma renovação de princípios, valores, mitos e “funda-se na imprevisibilidade, na força do vivido, misto de paixões, diferenças, ressentimentos, em desejos que implicam a relativização das certezas e a recuperação da capacidade imaginal dos indivíduos...” (CARVALHO, 1997, p. 20 - 21).

Nessa direção de pensamento, compreendemos ser importante explorar o sentimento de pertença do ser humano a grupos societários, uma vez que isso é uma expressão afetiva muito forte e importante

para ele. Esse sentimento contribui para explorar a afetividade entre as pessoas que, enquanto profissionais, tornam possível um envolvimento maior na prática social. Se o mundo caminha na perspectiva de uma planetarização política, ao mesmo tempo que “se fragmenta na emergência de novos lugares, novos ritmos, linguagens e configurações” (CARVALHO, 1997 p. 43), o educador, como exemplo de um dos profissionais que trabalha consciências, não pode ficar preso a uma dinâmica sociocultural-política rígida, mas, ao contrário, necessita de assumir uma maior flexibilidade de fronteiras na maneira de encarar o mundo, assumindo a subjetividade humana como um dos elementos essenciais da prática social.

Trabalhar os aspectos motivacionais para o ser humano no desenvolvimento das suas ações profissionais se constitui um caminho para o reencantamento. Por isso, se forem trabalhados aspectos afetivos ligados ao imaginário social, as pessoas vão deixar de ficar exclusivamente preocupadas com as suas condições de vida, e, provavelmente, poderão se sentir mais felizes. O que estamos afirmando é que se torna possível ao ser humano o encaminhamento de ações profissionais com maior prazer e gosto pelo que realiza, caso sejam explorados elementos afetivos no desenvolvimento da sua tarefa profissional. Portanto o sentimento de pertença a um grupo, a credibilidade e respeitabilidade de um grupo diante da sua competência, a atualização profissional para enfrentamento de novos desafios, o domínio de códigos e linguagens

necessárias ao convívio em sociedade, entre outros, podem ser fatores responsáveis pelo sentimento de reencantamento do educador.

Ao nosso ver, esses elementos podem ser responsáveis pela criação de uma nova mentalidade no educador, na qual esteja presente um fazer científico de natureza mais complexa, porque envolve uma visão mais interdisciplinar, em que é assumida uma metodologia de trabalho que procura assumir a dinâmica própria do existir humano, na qual existem expressões de ser e não ser, encantamento e desencantamento, mas que denotam a existência de uma consciência cósmica, que evidencia a assunção de atitudes mais complexas no fazer humano e que entende que reencantar-se é uma necessidade premente para que o indivíduo possa continuar a viver. Por isso, educar é uma atividade que visa reencantar o ser humano para a sua existência; para a vida, para a ciência e para o universo. O educador só pode transmitir essa atitude necessária e urgente para a convivência do ser humano moderno se ele for alguém que tenha assumido essa maneira de encarar o processo de criação do conhecimento através da pulsão cognitiva, que tem por base as percepções do indivíduo sobre as coisas e pelo qual formalizam-se as suas representações.

Essa reeducação do educador deve ter por base uma revisão das suas representações sobre o mundo e a educação e encaminhar um projeto de existência no qual sejam reconhecidos os elementos mítico-

-simbólicos que integram o cotidiano das pessoas e ajudam a entender melhor os problemas enfrentados pelo homem no processo histórico-social.

4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância desta temática para o processo educativo desenvolvido no âmbito de uma sociedade desigual em condições socioeconômicas, resalta-se a necessidade de, na qualidade de educadores, trabalharmos com os diferentes níveis e modalidades de ensino, que envolvem dois níveis de educação: a básica (educação infantil, fundamental e média) e o ensino superior (de licenciatura, bacharelado e o tecnólogo, bem como a pós-graduação *lato sensu e stricto sensu*). Ademais, também há as modalidades de Educação de Jovens e Adultos integrada, concomitante ou não à educação profissional com cursos de Formação Inicial e Continuada e Técnico de Nível médio. Em todos os níveis e modalidades de ofertas da educação, há necessidade do professor/educador e gestor trabalhar na perspectiva assumida neste trabalho para contribuir com o encantamento, superação do desencantamento e reencantamento dos alunos, especialmente os

jovens e adultos, em que se inclui o próprio profissional da educação.

Em síntese, a valorização do magistério, da profissão do educador, está vinculada a uma série de variáveis que dizem respeito às condições ligadas ao próprio profissional e ao contexto social. Existem variáveis intrínsecas e extrínsecas. Assim, aquelas ligadas à estrutura social e às políticas governamentais constituem variáveis externas que têm um grande peso no processo histórico-social; porém não se pode negar a importância das variáveis de natureza interna ao indivíduo que exerce aquela atividade profissional. Dessa forma, podemos assumir que o educador que for capaz de encarar com objetividade os problemas existenciais e seus limites específicos impostos pela condição concreta do seu existir humano poderá contribuir para evidenciar outros aspectos tão importantes quanto os citados anteriormente.

Esses aspectos dizem respeito à imagem que ele faz do seu papel social, seu compromisso, o sentido social do seu trabalho, questões essas que fazem parte de um imaginário social a respeito do educador e que, numa sociedade da informação, constitui um elemento de peso a ser trabalhado e vivenciado por aqueles que querem contribuir para que este imaginário não reflita apenas o que o poder instituído imputa à imagem pública de um profissional. Somos, também, responsáveis por essa imagem pública, mesmo que não tenhamos o domínio das mesmas armas de divulgação das ideias. Podemos integrar o grupo dos educadores que

acredita que o seu trabalho é importante no processo de construção e transmissão do saber com explicitação de determinados sentidos para os diferentes segmentos sociais, mas podemos, também, contribuir para a revisão de valores sociais expressos e assumidos como paradigmas abertos e, dessa maneira, buscamos redimensioná-los em termos de uma transformação social, pautada pela “reforma do pensamento”, como defende Morin (1990, p. 20), de forma a que seja possível assumir a dialética da ação humana que permite o reenchantamento, porque o processo de aprendizagem não para em qualquer tempo, espaço e contexto e a partir de referenciais assumidos como seres humanos nas funções sociais que vimos assumindo ao longo da trajetória de vida.

REFERÊNCIAS

ALLOUFA, Jomária M. de L. **Abordagem teórico-metodológica da representação social aplicada à educação**. Natal: Cooperativa Cultural, UFRN, 1991.

_____. Le Mythe Technologique: **étude des representations de la Techninologie Applique a l'éducation chez les utilisateurs au nor est du Brésil**. Paris: 1986. These de doctorat.

ALVES, Nilda. Modernidade e sujeito coletivo. In: Semana Nacional de Educação para todos, **Anais...** 1994, São Paulo: Secretaria de Educação Fundamental, 1994.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

ATLAN, Henri. **Com razão ou sem ela**: intercritica da ciência e do mito. Lisboa: Piaget, s. d.

_____. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre a organização do ser vivo. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. **Tudo, Não, Talvez**: educação e verdade. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: uma introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Bertrand, 1994.

AURAS, Marli. Considerações sobre o desafio da historicidade da educação. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v.12, n. 21, p. 9 a 42, jan-jul, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3, ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

BALANDIER, Georges. **Le Dédale**: Pour en finir avec le Xxème Siecle. Paris: Fayard, 1994.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **Sobre o imaginário**. Brasília. In: Em Aberto, ano 14, n. 61, p. 15 a 45, 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**: Lisboa: Edições 70, 1988.

BONNIER, Henry. **L'imaginaire en occident et en orient**. L'ESPRIT ET LA SCIENCE, 2: Imaginaire et réalité. Colloque du Washington. Paris: Albin Michel, 1985.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CARVALHO, Edgard de A. **Desordens e reorganização do processo civilizatório**. São Paulo. In *Perspectiva*, v. 8, n.2, p. 41 a 44, 1994.

_____. **A ecologia do conhecimento:** uma nova paradigmologia. São Paulo: 1992. Mimeo. Publicado em Perspectiva, Revista de Ciências Sociais, n. 15 p. 95 a 105, São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **O Reencantamento do homem.** MARGEM, São Paulo, n.3, p.107 a 122, 1994.

_____. **Polifônicas Idéias:** antropologia e universalidade. São Paulo: Imaginário, 1997.

CASASSUS, J. **Modernidade educativa e modernização educacional.** CADERNOS DE PESQUISA, São Paulo, n.87, 1993.

CASTORIADIS, Cornélius. **A Instituição imaginária da sociedade.** 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **Pour soi et subjectivité.** In: MORIN, Edgar. Colloque de Cerisy: Arguments pour une méthode. Paris: Seuil, 1990.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural.** Campinas: Papirus, 1995.

CEZANEUVE, M, ; NICOLESCU, B. **L'homme, la science et la nature:** Regardes transdisciplinaires. Aix-en-Provence: Le Mail, 1994.

CÓRDOVA, Rogério de A. Imaginário Social e educação: criação e autonomia. In: **Em Aberto**, Brasília: ano 14, n. 61,

p. 24 a 44, 1994.

COUSINEAU, Diane. **Le Paradoxe des valeurs**. L'ESPRIT ET LA SCIENCE, 2: Imaginaire et réalité. Colloque du Washington. Paris: Albin Michel, 1985.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DURAND, Gilbert. A renovação do encantamento. In: **Rev. Faculdade de Educação da USP**. São Paulo: n. 15. v. 1, p. 49 a 60, 1989.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo. Melhoramentos, 1978.

ECO, Humberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Proposta Curricular**. Natal, Editora ETFRN. 1994.

FAZENDA, Ivani. (org.) **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

FERREIRA, M. Salonilde *et al.* Ensino Fundamental: estudo dos seus mecanismos seletivos e discriminatórios. **Educação**

em questão, Natal-RN, v. 5, n.1, 1993.

FERREIRA, Nilda Teves et al. Educação e imaginário social: revendo a escola. In: **Em Aberto**, Brasília: ano 14, v. 61, p. 1 a 13, 1994.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A arqueologia do saber**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRANCO, M. Laura P.B. **Ensino médio**: desafios e reflexões. Campinas: Papirus, 1994.

GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1992.

GOMES, Gerusa de M. **A experiência do vazio**: significado da educação para imigrantes de retorno em Pernambuco. Recife: Massangana, 1990.

GOMES, Icléia R. de L. A escola como templo: incursão e alegoria. **Revista de educação pública**. Cuiabá, v. 3, n. 4, p.115 a 136, 1994.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org.) **Textos em**

representações sociais. Petrópolis: Vozes, 1994.

GUATTARI, Félix. **Coosmose:** um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUIMARÃES, Alba Z. (Org.). **Desvendando máscaras sociais.** 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1990.

HABERMAS, Jurgen. **O Discurso filosófico da modernidade.** Lisboa: Dom Quixote, 1990.

_____. **Para a reconstrução do materialismo histórico.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HERMAN, Willis W. **La conscience en tant que réalité causale:** vers une science complémentaire. In: L'ESPRIT ET LA SCIENCE, 2, Imaginaire et réalité. Paris: Albin Michel, 1985.

HUGUETTE, Tereza. **Metodologias qualitativa na sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1989.

INKELES, Alex; SMITH, David H. **Tornando-se moderno:** as transformações individuais ocorridas em seis países em desenvolvimento. Brasília: UNB, 1981.

JAMESON, Frederic. Periodizando os anos 60. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. Org. **Pós-modernismo e política.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

JODELET, Denise. **Les représentations sociales.** Paris:

PUF, 1989.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley. Org. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Regarder, Écouter, Lire**. Paris: Plon, 1993.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 43, 1993.

LOWY, Michel. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 1985.

MADEIRA, Margot C. Representações sociais: pressupostos e implicações. **Ver. Bras. De Estudos Pedagógicos**. Brasília v.72, n.171, p. 129 a 144, 1991.

MELLO, Gláucia B. R. A função e a imaginação simbólicas em Lévi-Strauss e em Gilbert Durand. **Revista Educação pública**, Cuiabá, v.3, n. 4, p. 158 a 169, 1994.

MELLO, Guiomar N. de. **Educação e transição democrática**.

São Paulo: Cortez, 1985.

MEYER, Michel. **O filósofo e as paixões**: esboço de uma história da natureza humana. Porto: ASA, 1994.

MINAYO, M.C. de S. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 1991.

MORIN, Edgar. **O Homem e a morte**. Lisboa: Publicações Europa\América, s.d.

_____. **O Método, 1**: A natureza da natureza. Lisboa: Publicações Europa\américa, s.d.

_____. **O Método, 2**: A vida da vida. 2. Ed. Lisboa: Publicações Europa\América, s.d.

_____. **O Método, 3**: O conhecimento do conhecimento. Lisboa: Publicações Europa\América, 1990.

_____. **O Método, 4**: As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Lisboa: Publicações Europa\América, s.d.

_____. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

_____. **O Paradigma perdido**. 5. Ed. Lisboa: Publicações Europa\América, s.d.

_____. **La relation anthopo-bio-cosmique**. In: ENCYCLOPEDIC PHILOSOPHIQUE UNIVERSELLE. Paris: PUF, 1989. V.3.

_____. KERN, A. B. **Terra Pátria**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. BOCCHI, G. & CERUTI, M. **Os problemas do fim de século**. Lisboa: Editorial Notícias, s.d.

MOSCOVICI, Serge. **A máquina de fazer deuses**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOURA, M. da Conceição de Almeida. Identidade \ desidentidade: **um diálogo civilizado com a louca da casa**. Natal: 1994. Mimeo.

_____. **O saber antropológico: complexidades objetivações desordens incertezas**. São Paulo: PUC, 1992. Tese.

NÓBREGA, Sheva M. da. **O que é representação social**. Paris: École de Hautes Études en Sciences Sociales, 1990. Mimeo.
NOVAES, Adauto. Org. **Ética**. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

OMNÉS, Roland. **Filosofia da ciência contemporânea**. São Paulo: EDUSP, 1996.

ORLANDI, Eni P. Discurso, imaginário social e conhecimento. In: **Em Aberto**, Brasília: ano 14, n. 61, p. 53 a 79, 1994.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliana, 1993.

PENIN, Sônia. **Cotidiano da escola**: a obra em construção. São Paulo: Cortez, 1989.

PESSANHA, Eurize C. **Ascensão e queda do professor**. São Paulo: Cortez, 1994.

PESSIS-PASTERNAK, Guita. **Do caos à inteligência artificial**: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: UNESP, 1992.

PINTO, Fátima *et al.* **Administração Escolar e política da educação**. Piracicaba: UNIMEP, 1997.

REEVES, Hubert et al. **A ciência do imaginário**. Brasília: UNB, 1994.

REVISTA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO. ANPAE. v. 10, n.2, 1994.

ROSNAY, Joel de. **O macroscópio**: para uma visão global. Santa Maria da Feira: Estratégias Criativas, Editora Arcádia, Lisboa 1997.

SANT'ANNA, Catarina. Mitocrítica e metanálise: elementos para o estudo do imaginário dos textos teatrais mato-grossenses para crianças e jovens. **REV. EDUC** V. 12, n.1, 1996.

SCHAFF, Adam. **A Sociedade informática**: as consequências

sociais da segunda revolução industrial. 4. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHNITMAN, Dora F. Org. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO RN. **Diagnóstico da Situação Educacional - período 1980\89**. Natal: 1991.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SILVA, Jefferson I. **Formação do educador e educação política**. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, Terezinha M. N. **A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador**. São Paulo: EPU, 1990.

TAVARES, Otávio A. de A. As contribuições de Morin sobre representação para o enriquecimento do construto representação social. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE, 13, **Anais...** p.324, Natal: 1997.

_____. Gestão democrática: papel dos Conselhos Municipais de escolas. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE ADM. EDUC. DO NE., 1, **Anais...** Fortaleza: 1996. Publicado na Revista da ETRFN, Natal: v. 12, n. 1, p. 24 a 28, 1996.

_____. Níveis de auto-realização do Orientador Educacional

em relação a satisfação de necessidades básicas: **um estudo nas cidades de Natal (RN) e Porto Alegre (RS). Porto Alegre (RS)**. Monografia. Mestrado. PUC\RS, 1979.

_____. **Projeto Pedagógico da ETFRN**: relato de sua concepção e implementação. In: ENCONTRO DE POLÍTICA E ADM. DA EDUC. DA REGIÃO CENTRO-OESTE, 1. 1997; ENCONTRO ESTADUAL DE LICENCIATURAS, 3. 1997. Goiânia: 1997.

_____ *et al.* **Representação Social e Educação**: uma perspectiva de análise. Natal: UFRN, 1995. Mimeo. (Trabalho apresentado na disciplina Introdução a questão da interdisciplinaridade do construto representação social, do Curso de Doutorado em Educação da UFRN).

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa: Edições 70, 1991.

WEBBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. 8. Ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

POSFÁCIO

É notório que, em todo e qualquer trabalho, é mais importante fazer a pergunta do que respondê-la, visto que a pergunta mantém uma relação inteira com a problemática que se deseja compreender, buscando, assim, soluções para o problema anunciado.

O livro intitulado “Encantamento e desencantamento do educador: a dialética no processo de ensino” busca, numa relação dialética da vida cotidiana de educadores de escolas pública e privada de Natal – RN, responder que o encantamento e o desencantamento do educador acontecem em um mesmo espaço de tempo, dependendo do contexto e das particularidades históricas do trabalho e da vida de cada profissional da educação pública e privada - alvo da pesquisa.

Nesse sentido, o desafio do processo educativo consiste em enfrentar a mediação estabelecida na representação social, expressa pela subjetividade do encantamento e desencantamento do educador em torno do seu fazer pedagógico e subsidiado pelo imaginário social de cada educador.

Desse modo, o conteúdo expresso no livro problematiza todo um desafio seguido pelo encantamento

e desencantamento do educador que requer, com base na dialética do processo histórico social, ser assumido pelos profissionais, visando, assim, perceber novas perspectivas para a humanidade em cada momento do processo em curso.

Portanto, nessa tessitura do desenvolvimento da prática educativa em cada momento do processo em curso, baseada numa ação coletiva dos educadores, são criados e imaginados novos horizontes de possibilidades a serem construídos no exercício crítico de desvelamento da realidade. Isso, sem dúvida, motiva os educadores para a materialização de condições pedagógicas resultantes das tais possibilidades e imaginações.

Nessa mesma linha de raciocínio, Tavares (2019, p. 12) defende que, “mesmo aceitando que o homem produz a sua dimensão de existência material, compreendemos que, ao fazer isso, ele assume uma dinâmica de relações sociais na qual vai delimitando a forma de sua humanidade. Esse sentido de existência vai assumindo significados variados de acordo com as diferentes maneiras de apreensão do mundo”. Daí o *encantamento e desencantamento do educador*.

Imbuído de conceitos de diversos estudiosos e ou cientistas sociais contemporâneos do estudo da complexidade, o autor ressalta a importância da ciência e dos discursos a respeito da própria ciência, afirmando que “longe de serem objetivos e racionais, são na verdade, condicionados, ao mesmo tempo que caracterizam épocas das dife-

rentes sociedades e suas linguagens”. (TAVARES, 2019, p. 15)

Assim, acompanhando atentamente a leitura dos capítulos que integram este livro, pude perceber o quanto o autor se dedicou em trabalhar a percepção que o educador tem de si mesmo e da educação e seu comprometimento com o trabalho educativo. Outro aspecto que merece registro, na esteira dos capítulos, foi a constatação de que a ampliação do nível de escolaridade da população no processo educativo se constitui em uma das possibilidades para enfrentar os desafios, propostos pelo avanço científico e tecnológico presente nas ocupações.

Em face dessas constatações, novas temáticas, indubitavelmente, devem emergir com a leitura deste livro e com os ritmos da sociedade em suas intrincadas combinações entre as ações do homem e os objetivos a que se propõem. Nesse sentido, não se pode deixar de pensar na natureza política de uma prática educativa, mas, ao mesmo tempo, isso provavelmente será permeado por um encantamento e desencantamento não como pontos antagônicos, mas como aspectos de um mesmo processo.

A esse propósito, parece algo utópico, mas, apoiada em Manacorda (2004), ele afirma que [...] a utopia positiva consiste não em elaborar soluções ou invenções, mas em fazer de tudo para que cada passo, por menor que seja, proceda rumo

ao futuro: sem excluir *a priori* passos mais largos e tomadas de consciência mais radicais (MANACORDA, 2004, p360).

Nesse sentido, o livro procura demonstrar a necessidade de se investir numa visão de mundo e numa ética educacional, que permitam pensar de forma mais dialógica os fenômenos humanos.

Sinto-me, pois, extremamente lisonjeada em elaborar o posfácio deste livro; agora, só me resta convidar todos a uma leitura atenta do conteúdo da obra, que aborda um tema relevante e atual, visto que reúne pertinentes contribuições para a condução da prática educativa pelos profissionais da educação, com destaque o Docente – público alvo da pesquisa empírica.

Maria das Graças Baracho

Natal, 1º de setembro de 2019



Tipografias utilizadas:

Avenir
Bookman Old Style

Papel da capa:

Cartão Supremo 300g

Papel do miolo:

Polen Soft 80g

Impresso na Copiart em 2019.

-

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN, não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão de direitos autorais. Em caso de reimpressão com recursos próprios do autor, está liberada a sua comercialização.

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



editoraifrn



Otávio Augusto de Araújo Tavares, Licenciado em Pedagogia, Mestre e Doutor em Educação. Iniciou atuação na ETRN em 1970 como Auxiliar de Orientação Educacional no então DPAD, promovido para Técnico de Ensino e Orientador Educacional em 1973, após a Habilitação em OE. Coordenador do Serviço de Orientação Educacional e Profissional – SOEP no DPAD, do qual foi Chefe até 1976. Após concurso para docente em 1980 em OSPB e Moral e Cívica, atuava também na COPLAN. Participou da elaboração da Proposta Curricular da ETRN, por áreas de conhecimentos e habilitações técnicas, sendo a primeira experiência na rede federal em 1994, autorizada pela SEMTEC/MEC para implantação em 1995 e publicada na Revista da ETRN sob n. 9. Foi Gerente da Área de Serviços com oferta de cursos técnicos e depois Diretor de Ensino até 2004, contribuindo no processo de consolidação de Unidades Descentralizadas. Aposentado continuou atuando como: Gerente de Projetos da FUNCERN; professor e orientador de TCCs na Especialização do PROEJA em três campi Natal, Mossoró e Currais Novos de 2006 a 2009; Consultor da OEA no Projeto Hemisférico em cinco países do Mercosul para qualificação profissional e reconhecimento de saberes, com a participação do CEFET, publicado como e-book pelo IFRN em 2016. Coordenador Geral do PRONATEC no período de 2012 a 2016 e atualmente, Coordenador Geral do Curso de Especialização de Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA no Campus EaD a partir de 2018.

O livro traz uma discussão do processo de mudança social que opera uma metamorfose no homem e na sociedade colocando novas exigências e impondo a necessidade da sua adaptação às novas formas de encarar o fazer científico. É resultado da tese de doutorado que teve como objeto de estudo as representações sociais de encantamento e desencantamento do educador como elemento essencial no processo de ensino com levantamento de dados junto a educadores que atuavam em escolas públicas municipais e estaduais e também, privadas, de forma a que pudesse assumir a perspectiva dialética do reencantamento no processo de formação humana. Com base em diferentes autores e em especial na teoria da complexidade, a partir do entendimento de Edgar Morin que reforça a necessidade que se tem de rever o sentido da ciência contemporânea que vem validando, cada vez mais, a importância que o imaginário social tem na formação das representações que expressam a maneira como o ser humano vê o mundo e, consequentemente, as relações sociais que caracterizam cada sociedade dentro de um tempo, espaço e contexto histórico-social. Isso na perspectiva dialética do processo de ensino pode contribuir para empreender o reencantamento do educador e dos alunos, propiciando uma verdadeira "reforma do pensamento", conforme expressão de Edgar Morin.

ISBN 978-85-94137-80-7



9 788594 137807 >

